

Universidade de Lisboa
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação



RELATÓRIO DE ESTÁGIO

CONSTRUÇÃO DE CONTEÚDOS MULTIMÉDIA
EM AMBIENTE DE E-LEARNING

Teresa Cristina Pereira Magalhães Coutinho

CICLO DE ESTUDOS CONDUCENTE AO GRAU DE MESTRE
EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Área de Especialização em Tecnologias Educativas

2009

Universidade de Lisboa
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação



RELATÓRIO DE ESTÁGIO

CONSTRUÇÃO DE CONTEÚDOS MULTIMÉDIA
EM AMBIENTE DE E-LEARNING

Teresa Cristina Pereira Magalhães Coutinho

CICLO DE ESTUDOS CONDUCENTE AO GRAU DE MESTRE
EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Área de Especialização em Tecnologias Educativas

Estágio orientado pela Professora Doutora
Guilhermina Lobato Miranda

2009

AGRADECIMENTOS

Agradeço a bênção de ter sido criada pelos meus avós, pessoas extraordinárias que, com a sua vasta sapiência, me incutiram a vontade de querer saber mais, me transmitiram os valores pelos quais me rejoy e me possibilitaram ser quem sou.

Ao Pedro, sempre presente, pela partilha de todos os temores e amores que fazem parte da vida.

Ao Patas, companheiro fiel, deitado aos meus pés em todas as linhas deste trabalho.

À minha irmã Helena, que tem o dom de mostrar o lado positivo de tudo e de dizer a coisa certa no momento certo, pelo seu apoio incondicional.

Aos meus amigos Daniela, Catarina e Tiago que, de forma diferente, contribuíram para o término deste trabalho.

À minha orientadora, Professora Doutora Guilhermina Miranda, que, com a sua infinita sabedoria e paciência, me possibilitou a realização deste estágio (concretizando todas as diligências necessárias) e me encorajou e estimulou durante todo o processo, tornando possível a entrega deste trabalho dentro do prazo estipulado.

Agradeço pela confiança em mim depositada, pelo apoio nos momentos solicitados, pelo sentido crítico e sugestões e, sobretudo, pelos ensinamentos que possibilitaram a realização deste percurso. Um bem-haja ao seu pragmatismo.

Ao Professor Doutor Fernando Costa que, através de aulas, sessões síncronas e conferências, contribuiu para a reflexão sobre o pensamento e práticas educativas.

A todos os Professores das disciplinas do Mestrado em Tecnologias Educativas da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação e das disciplinas do Doutorado e do Mestrado em TIC e Educação da Faculdade de Ciências que autorizaram a assistência e observação das suas aulas.

Aos treze elementos dos grupos observados e entrevistados que, apenas motivados pela vontade de participar e ajudar-me na recolha de informação, despenderam do seu tempo e não tiveram pejo em exporem-se e partilhar comigo o seu conhecimento, o meu muito obrigada. Sem eles este trabalho não teria sido possível.

RESUMO

Este relatório de estágio aborda os passos dados em torno das questões que dizem respeito à interacção entre os elementos de um grupo ou grupos de trabalho, às Comunidades de Aprendizagem (CA), à construção de conteúdos multimédia desenvolvidos para estas plataformas de ensino e aos novos espaços de partilha e relacionamento social.

Os instrumentos utilizados para a recolha de dados foram as observações naturalistas participante e não participante e as entrevistas semi-directivas em grupo (ANEXOS I-III), que foram objecto de uma análise de dados e de conteúdo por categorias.

De entre as conclusões alcançadas sobre as CA, destaca-se a possibilidade de uma aprendizagem personalizada e autónoma, a interactividade entre os seus elementos, o espaço facilitador do trabalho colaborativo e a motivação que, com maior ou menor visibilidade, está implícita na contribuição para a construção de um objectivo comum.

Da mesma forma, foram mais-valias a participação nas sessões síncronas que se realizaram no âmbito da disciplina de Ambientes Virtuais de Aprendizagem do 1º ano do Mestrado de Ciências da Educação, especialização em Tecnologias Educativas da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa e as presenças nas conferências dedicadas à reflexão sobre as práticas educativas, que tiveram lugar na mesma Faculdade.

Palavras-chave – Comunidades de aprendizagem; Ensino e aprendizagem; Tecnologias colaborativas; Plataforma.

ABSTRACT

This report describes the questions related with several aspects associated to educational tools: the interaction between members of a working group or working groups as themselves; the Learning Communities; the development of multimedia content for those teaching platforms; and finally, the new shared spaces and social relationships.

The tools used to collect data were through naturalistic observations (participant and non-participant) and semi-directed group interviews. All the gathered data was analyzed by category.

Amongst the conclusions about the Learning Communities, not only the possibility of personalized and autonomous learning is highlighted but also the interactivity between group members. Furthermore, the advantages of collaborative work are revealed as well as its motivation, which, with more or less visibility, contributes toward the development of a common goal.

It was also significant to the final goal the events that have taken place at the Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa (Psychology and Educational Science Faculty at Lisbon University): the first was the collaboration on synchronization sessions that were placed in the discipline of Learning Virtual Environments during the 1st year of the Masters in Educational Sciences; the second were seminars dedicated to a reflection of educational practices.

Key words: Learning Communities; Teaching and Learning; Collaborative Technologies; Platform.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	9
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM.....	14
COMUNIDADE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM	19
METODOLOGIA	23
INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS	25
<i>Observação</i>	25
<i>Entrevista</i>	28
<i>Entrevista em grupo</i>	31
Fases das entrevistas	32
1ª Fase da Entrevista: Elaboração do guião	32
2ª Fase da Entrevista: Selecção da população	35
3ª Fase da Entrevista: Análise de conteúdo	37
ANÁLISE DE CONTEÚDO	39
<i>Observações</i>	39
<i>Entrevistas</i>	41
ANÁLISE DOS RESULTADOS	43
OBSERVAÇÕES	43
ENTREVISTAS.....	49
CONCLUSÕES	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55
ANEXOS	60
ANEXO I: Guião de entrevista	61
ANEXO II: Guião de entrevista	69

ANEXO III: Guião de entrevista.....	76
ANEXO IV: Transcrição de entrevista.....	87
ANEXO V: Transcrição de entrevista	119
ANEXO VI: Análise de conteúdo da entrevista (exemplo).....	144
ANEXO VII: Grelha de registo de observação (exemplo)	166
ANEXO VIII: Grelha de análise de conteúdo de observação (exemplo).....	181

INTRODUÇÃO

Sou uma pessoa que prefere a acção. Desde o começo do Mestrado tinha o desejo de fazer um estágio. Após algumas dificuldades iniciais na definição do tema a abordar e consequente local de estágio, tive a oportunidade de o realizar na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação e na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, sob a orientação da Professora Doutora Guilhermina Lobato Miranda.

Tudo se inicia com perguntas. O que vou fazer? O que vou observar? O que gostaria de verificar? Como vou aproveitar esta oportunidade da forma mais pertinente? As respostas delinearam-se apenas a meio de todo o processo.

Este estágio teve como principal objectivo acompanhar dois grupos de trabalho, um de cada área de especialização e em cada faculdade, que possibilitassem observar e estudar as dinâmicas de grupo, métodos e técnicas utilizados (processos e metodologias), tendo sempre em perspectiva qual o modo como apropriam as fontes de informação, como dão forma ao conteúdo (resultados), porque o fazem daquela forma e não de outra e como validam essas opções.

Beneficiando do trabalho elaborado por esses grupos, outro dos objectivos seria observar a construção de produtos multimédia e/ou de objectos de aprendizagem (learning objects) a serem disponibilizados numa plataforma de ensino e de aprendizagem.

Assim, quando iniciei o estágio não foi necessário um período de integração já que tanto o ambiente quanto as instalações me eram familiares.

Durante todo o 1º período acompanhei um grupo do 1º ano do Mestrado em Ciências da Educação, especialização em Tecnologias Educativas. No entanto, como na altura não tinha ainda feito a revisão da literatura, não sabia como registar as observações. Assim, esse acompanhamento não ficou, por isso, sem significado, pelo contrário, através da minha acção

de observadora participante, inseri-me no grupo, sendo um elemento, como mais tarde diria um dos seus elementos, “que faz parte do grupo, trabalha mas depois não tem nota”.

Essa participação na vida e no vivido do grupo permitiu-me fazer uma entrevista informal (ANEXO I-II), aberta, com uma maior desinibição e à vontade das entrevistas.

No dia 15 de Novembro de 2007 principiei a assistir às aulas da disciplina Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), dinamizadas pelo Professor Fernando Albuquerque Costa e a disciplina Aprendizagem Multimédia e Ensino Online (AMEO), a cargo da Professora Doutora Guilhermina Lobato Miranda, do 1º ano do Mestrado em Ciências da Educação, especialização em Tecnologias Educativas, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

De notar que, a partir de 15 de Dezembro de 2007, a disciplina de AVA passou a acontecer através da comunidade virtual Escola 2.0, criada no âmbito desta disciplina.

Até ao fim do 1º período, assisti semanalmente, às Quintas-feiras, à disciplina de AMEO das 16h30 às 18h00, pois apenas tinha possibilidade de assistir a metade e à disciplina de AVA Das 18h às 21h. De notar que, partir de 21 de Dezembro, AVA passou a acontecer online através de sessões síncronas, nas quais participei activamente, dinamizadas pelos diversos grupos temáticos da respectiva disciplina.

Efectuei a primeira entrevista em grupo (ANEXO I) no dia 3 de Abril de 2008, às 17h, numa sala do 1º andar do edifício da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, que havia requisitado com antecedência (bem como o gravador digital).

No 2º período, devido à alteração de disciplinas, horários e professores e uma série de desencontros entre os elementos do grupo, não foi possível continuar o acompanhamento do grupo a não ser por email, tendo apenas assistido a 2 aulas.

Tal como referido nessa entrevista, “sempre que o grupo enviava para todos, todos incluía sempre a Teresa”. Estava sempre a par do que andavam a fazer, o que diziam, o que

precisavam, dava opiniões e sugestões de alteração e ajudava o grupo na medida do possível e no que me era permitido. Sempre consciente e ciente do meu papel de observadora e desse meu papel necessitar de uma certa neutralidade, distanciamento e objectividade.

No final deste 1º ano, no dia 26 de Junho de 2008, efectuei uma nova entrevista ao grupo (ANEXO II) com o intuito de comparar sentimentos, acções, certezas, dúvidas, aprendizagens, expectativas, etc.

As reuniões de grupo que assisti para realização de trabalhos foram várias e não sou capaz de atribuir um tempo com total fiabilidade. Assim, no 1º ano, contabilizei 8 reuniões de 2 horas cada, num total de 16 horas.

No total, durante o ano lectivo (1º e 2º semestres), foram assistidas cerca de 80 horas.

Quanto ao outro grupo acompanhado, no dia 16 de Janeiro de 2008 fui avisada que, na Sexta-feira seguinte, os alunos do 1º ano de Doutoramento e Mestrado em Educação, na especialidade de Tecnologias de Informação e Comunicação e Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, iriam apresentar os seus trabalhos numa aula conjunta da Professora Doutora Guilhermina Miranda e Professor Doutor João Filipe Matos, docentes das disciplinas Aprendizagem com as TIC e Formação à Distância e e-Learning, respectivamente.

Assim, teria de fazer uma breve exposição explicando à turma quem era e qual o objectivo da minha presença e aproveitaria para seleccionar um dos grupos presentes. Com essa finalidade, assisti à apresentação de quatro grupos de Mestrado e quatro grupos de Doutoramento. No final da aula escolhi um dos grupos de trabalho para acompanhar.

Seguiram-se os contactos entre a Professora Doutora Guilhermina e o grupo a fim de iniciarmos a parceria. Dois dos membros do grupo contactaram-me, dando-me o seu apoio. Para o primeiro encontro tinha planeado fazer uma entrevista pois pretendia obter e comparar resultados de uma mesma entrevista a um grupo que já acompanhava (grupo do Mestrado em

Ciências da Educação) e a um sobre o qual nada sabia (grupo do Doutoramento e Mestrado em TIC e Educação).

No grupo de Ciências foram efectuadas 5 observações (ANEXO VII) em sala de aula no período compreendido entre 19 de Abril e 21 de Junho de 2008, data da última aula do 2º semestre.

Foi observada sempre a mesma disciplina, As TIC e o Trabalho de Projecto, aos Sábados das 8h30 às 14h00, disciplina essa que era dinamizada por duas docentes que alternavam entre si. Em duas sessões estiveram juntas na mesma aula, uma das quais por engano da parte de uma professora que foi num dia que não era o seu. As restantes foram repartidas em igual número entre as professoras.

Numa das sessões apenas permaneci na sala até à hora de intervalo e noutra apenas cheguei depois do intervalo. A primeira ocasião coincidiu com o facto de os grupos irem trabalhar em pequenos grupos, pelo que me seria difícil observar, e a segunda situação coincidiu com a realização da entrevista. Estas observações tiveram um total de 25 horas.

A entrevista (ANEXO III) teve lugar no dia 14 de Junho de 2008, na sala de aula, no R/C do Edifício C6 da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, cerca das 11h30, após o intervalo da disciplina As TIC e o Trabalho de Projecto. Um dos elementos participou através de um programa de conversação áudio online e outros dois elementos realizaram a entrevista na semana seguinte, a 21 de Junho de 2008. Estes dois elementos responderam às mesmas questões do restante grupo com a preocupação de não trair a metodologia de trabalho: dois já são um grupo.

Convém esclarecer o facto de, à parte de conversarmos e convivermos cordialmente durante o intervalo, não foram criados laços de afectividade entre observador e observados, entre entrevistador e entrevistados.

A natureza deste estudo pretendia promover a reflexão acerca do que é que move os grupos que têm entre mãos problemas educativos com recurso a produção de conteúdos e formatos específicos com a finalidade de serem publicados numa plataforma de e-learning.

A plataforma utilizada foi a Ning, à qual foi atribuído o nome “Projectic”. Através da plataforma, o grupo não só partilhou, motivou e foi protagonista da sua aprendizagem, como foi para essa plataforma que produziu os materiais multimédia.

Outra questão importante, diz respeito à forma como este grupo se transformou numa comunidade de aprendizagem e como um grupo que pretende estudar as metodologias do trabalho de projecto e da auto-regulação se transforma, efectivamente, numa comunidade que aprende e produz conteúdos que servirão para aprender e ensinar e se torna ele próprio objecto de estudo, não só pela observadora mas por eles mesmos.

As novas tecnologias e a Web 2.0 são factores importantes no advento e, cada vez maior, desenvolvimento destes grupos que buscam em outros o seu mesmo objectivo, interesses, experiências, partilham informação, recursos, visões, opiniões, etc. e testam produtos que dão a possibilidade de abrir novos caminhos na educação.

Não houve tempo para tudo.

Alguns dados poderiam ter sido mais ricos quando comparados com a informação tratada em falta. Excluiu-se a análise da 2ª entrevista ao grupo de Tecnologias e a inclusão das respostas de dois elementos do grupo de Ciências que não puderam estar presentes na data previamente marcada e fizeram na semana seguinte.

É pena que se encerre algo que sabemos que poderíamos ter feito muito melhor. Não é fácil, mas não é uma derrota pois, pelo menos a riqueza de toda a experiência, o que aprendi, os conhecimentos que adquiri, as pessoas que conheci, nunca se perderão.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Comunidade de aprendizagem

Em Educação é cada vez mais frequente a utilização da palavra “comunidade” associada a outras palavras ou expressões como: comunidade de aprendizagem, comunidade virtual de aprendizagem, comunidade de prática, comunidade de investigação, comunidade online, entre outras. Apesar de haver uma grande diversidade de expressões, e independentemente de qual se utiliza, o que está em causa é a possibilidade das redes electrónicas criarem espaços de interacção e trabalho entre as pessoas.

Garrison e Anderson (2005, p.44) consideram que uma comunidade de aprendizagem é composta por alunos e professores que interagem com o objectivo de construir e validar a compreensão e a reflexão e desenvolver capacidades que permitam uma aprendizagem autónoma.

No modelo de comunidade de aprendizagem de Anderson, Garrison & Archer, (2001, citados por Garrison e Anderson, 2005, p.49) o sucesso das experiências educativas dependem da interdependência de três dimensões de base: da presença social, da presença cognitiva e da presença docente.

Para estes autores, o modelo assenta numa perspectiva construtivista da aprendizagem onde um ambiente social que favoreça a diversidade de perspectivas pode promover a investigação, a crítica e a criatividade e a construção do conhecimento individual. Em ambiente colaborativo, o indivíduo assume a responsabilidade do controlo sua experiência educativa e da sua aprendizagem.

A presença social é a capacidade dos aprendentes se projectarem a si-mesmos social e emocionalmente, representando-se como pessoas reais e criando relações afectivas.

Garrison & Anderson (2003) dividem a presença social em três categorias: afectiva (expressão de sentimentos e emoções), interactiva (leitura e compreensão da comunicação) e coesiva (compromisso em torno dos objectivos comuns do grupo).

Palloff & Pratt (2001; 2003) salientam que a função da presença social numa comunidade de investigação online tem como finalidade apoiar os objectivos cognitivos e afectivos da aprendizagem, na medida em que estimula, favorece e apoia o pensamento crítico. Em termos afectivos, a presença social favorece as interacções de grupo e promove a integração académica, social e institucional.

Podemos concluir que a presença social não deve ser apenas medida pela quantidade de interacções que os participantes estabelecem entre si. A finalidade da presença social em contexto educacional é a de criar condições à reflexão e gerar colaborativamente objectivos educacionais pertinentes.

A presença cognitiva assenta na capacidade dos participantes construírem significados mediante a permanente reflexão, ou seja, é vista como um processo de pensamento crítico.

A presença docente comporta o papel do moderador na concepção, organização e gestão dos processos cognitivos e sociais, com o intuito de obter resultados. Esta presença docente faz sentido, por um lado, para gerar um ambiente social facilitador do pensamento crítico e, por outro lado, para orientar a aquisição de informação e a construção do conhecimento.

Sempre que nos referimos ao ensino online temos de considerar a preocupação de produzir conteúdos que contemplem interacção com o aprendente, sendo este um factor significativo para a sua progressão ao longo do processo de aprendizagem (Clark & Mayer, 2008). Contudo, o seu papel começa a ter menor peso quando se aplicam estratégias de aprendizagem que colocam os aprendentes como produtores de conteúdo. Neste caso, o

docente assume um papel de orientador da aprendizagem que valida os conteúdos produzidos.

Na comunidade de aprendizagem, a aprendizagem colectiva é mais do que a simples acumulação de aprendizagens individuais. A aprendizagem colaborativa afasta a ideia da aprendizagem pessoal e concebe o aluno como uma pessoa que aprende em interacção com os outros elementos do grupo. É um tipo de aprendizagem que assenta na partilha objectivos, tarefas e responsabilidades, em ambientes mediados pela tecnologia. É um processo que parte do aprender a colaborar e visa o colaborar para aprender. Aprender desta forma vai ao encontro do que Levy (2003) denominou de inteligência colectiva.

A inteligência colectiva, cujo ingrediente essencial é a colaboração, é uma nova via para que cada indivíduo, cada comunidade de aprendizagem, cada organização, sejam considerados como potenciais recursos de aprendizagem. É uma nova forma de produção de saberes que emerge da actividade colaborativa este valor construído pelo colectivo é em muito superior à soma dos talentos de cada um. Os profissionais de hoje podem dirigir a sua própria formação de uma forma mais individual, através das tecnologias interactivas (e-Learning), ou através da participação em comunidades de aprendizagem, formando colectivos inteligentes com base nas tecnologias colaborativas (Meirinhos, 2006, p. 157).

O e-Learning não se cinge apenas à utilização da Internet como recurso facilitador na aprendizagem, surge antes como uma aprendizagem realizada ou mediada por diferentes tecnologias de suporte electrónico.

Lima e Capitão (2003), referem que: “Na generalidade o e-Learning, embora seja um termo ambíguo e sujeito a várias definições (...), pretende denominar conteúdos de aprendizagem interactivos em formato multimédia e distribuídos via Internet, Intranet ou meios de suporte magnético ou óptico (sendo os mais comuns CD e DVD-ROMs)” (p.75).

Garrison e Anderson (2005) referem que se está a tornar evidente que, no futuro, a aprendizagem será baseada em ambientes educativos que promovam, simultaneamente, a autoformação e a aprendizagem conjunta.

A aprendizagem colaborativa alimenta-se de valores do construtivismo, como a autonomia, a reflexão e o empreendimento activo e apoia-se nas teorias construtivistas para explicar os mecanismos de aprendizagem.

É fundamental reconhecer a necessidade de adaptar os ambientes *online* para favorecer a interacção social, de forma a potenciar a socialização entre os membros da comunidade. Para Garrison e Anderson (2005), a presença social numa comunidade assenta em três dimensões: afectiva (expressão de emoções), comunicação aberta (expressar livremente as ideias), coesão de grupo (que permite promover o trabalho colectivo).

A construção de conhecimento no seio de uma comunidade vai muito para além da troca de informação e de recursos entre os seus membros. Também a aprendizagem colaborativa vai muito para além da aprendizagem individual. A aprendizagem é, cada vez menos, uma actividade isolada, ela faz parte integrante da nossa vida diária, da vida das comunidades e das organizações. Aprender é, na essência, um fenómeno social (Wenger, 1999).

A comunidade desenvolve-se não só na partilha de interesses, o que corresponde à sua forma mais simples, mas também através da integração da diversidade de representações, incluindo a voz social como refere Wenger (2007), na construção das práticas comuns de participação, interacção e aprendizagem colaborativa.

A aprendizagem construtivista vê o aluno como um construtor do próprio conhecimento e sugere métodos de instrução que dêem ênfase à actividade e à discussão. Porém, porque a instrução baseada em aplicações multimédia continua a desempenhar um papel importante na educação e formação, é importante explorar formas de promover a

aprendizagem construtivista através de lições declarativas de conhecimento (Lima e Capitão, 2003, p. 101).

Embora os contextos sociais forneçam muitas oportunidades de aprendizagem construtivista, Mayer (1999) defende que nem todos os contextos sociais promovem uma aprendizagem construtivista e nem todas as aprendizagens construtivistas dependem de contextos sociais. Por esse motivo, Mayer desenvolveu o modelo SOI (Seleção, Organização, Integração - Selecting, Organizing, Integrating) que sugere métodos para o desenho da instrução directa numa perspectiva construtivista.

Considerando que a aprendizagem construtivista se foca na forma como o conhecimento é construído pelo aluno, para que esta ocorra, de acordo com este modelo, é necessário favorecer três processos cognitivos na construção do conhecimento: selecção, organização e integração da informação. Assim, já que o objectivo é envolver cognitivamente o aluno na aprendizagem, então o ensino deverá ser desenhado de forma a ajudá-lo a identificar a informação relevante, a compreender a nova informação e a integrar essa informação na sua estrutura cognitiva.

Embora o modelo SOI seja normalmente classificado como construtivista ele está mais próximo do cognitivismo, pois as estratégias utilizadas procuram moldar os processos mentais do aluno na produção de conhecimento absoluto (Lima e Capitão, 2003, p. 250).

Em contexto de aprendizagem assíncrona, os alunos são responsáveis pela sua aprendizagem, colaborando, reflectindo e construindo o conhecimento. Neste tipo de ensino, Garrison & Anderson (2003) referem que as actividades individuais e colaborativas são configuradas no contexto online pela escrita e pela leitura.

Outros autores, entre os quais Palloff & Pratt (1999), propõem um conjunto de características que devem ser tidas em conta na construção de uma comunidade de aprendizagem online: definição e clareza de objectivos e de expectativas, reflexão sobre a

liderança a ter no curso, funcionalidade e transparência da técnica do curso. A estratégia especial está em ter vários papéis na construção de uma comunidade de sucesso.

Os ambientes de aprendizagem na *Web* podem assumir diversas formas conforme os objectivos com que são utilizados e os recursos que disponibilizam (Miranda, Morais, Dias & Almeida, 2001, pp. 585-593).

Um dos principais resultados da interacção e comunicação em rede entre os participantes num site, através de qualquer das formas possíveis de comunicação síncrona ou assíncrona consiste na criação de comunidades de aprendizagem (Dias, 2001, pp. 291-299). Da interacção, da partilha e da colaboração dos vários intervenientes espera-se que resulte a construção de conhecimento.

No contexto educativo, uma comunidade de aprendizagem pode ser construída com qualquer grupo de elementos que possuam os mesmos objectivos e que, quando recorrem às tecnologias de informação e comunicação, tornam possível ensinar e aprender através de novos modos.

As comunidades de aprendizagem sustentadas pelas tecnologias de informação e comunicação podem abrir diálogos consistentes, e alargados no tempo e no espaço (Almeida, Dias, Morais & Miranda, 2000, pp. 193-202), os quais, através da reflexão e da análise dos seus intervenientes podem transformar uma comunidade de aprendizagem numa comunidade de conhecimento.

Comunidade Virtual de Aprendizagem

O virtual designa algo que existe em potência e, como tal, mediante determinadas condições pode emergir e tornar-se realidade. Mas essa emergência é uma emergência transformadora da realidade já existente. Assim, o virtual é potenciador de novas realidades.

O virtual não é oposto ao real, mas uma forma de ser fecunda e potente que favorece os processos de criação, abre horizontes, cava subterrâneos cheios de sentido sob a superficialidade da presença física imediata. A virtualização é um dos principais vectores da criação de realidade (Levy, 1999).

De acordo com Levy (1999) "uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projectos mútuos, num processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais" (p. 127).

A interacção entre os participantes nas comunidades virtuais é feita através de comunicação localizada num espaço deslocalizado territorialmente, sem que existam, normalmente, suportes físicos que sirvam de referência.

De acordo com Levy (1999) e Palloff & Pratt (2002), as comunidades virtuais são formadas a partir de afinidades de interesses, de conhecimentos, de projectos mútuos e valores de troca, estabelecidos num processo de colaboração.

A aprendizagem colaborativa em ambientes virtuais modifica a relação didáctica entre os intervenientes no processo de aprendizagem, pois é um tipo de aprendizagem mais exigente que a aprendizagem individual, na medida em que requer, por um lado, a mediação tecnológica e o alargamento no espaço e no tempo do relacionamento e, por outro lado, requer um processo interactivo intenso e regular de envolvimento cognitivo. Os processos cognitivos adquirem outro significado quando sustentados por dinâmicas sociais e culturais próprias das comunidades de aprendizagem.

A actividade de aprendizagem baseada na prática colaborativa pode funcionar como um impulsionador de dinâmicas socioculturais que levam ao desenvolvimento da comunidade (Palloff e Pratt, 2005).

Os modelos de aprendizagem em ambiente virtual têm a propriedade de alimentar a reflexão e de poderem servir como referenciais para o desenho, a implementação de práticas e a análise dos processos de interação e colaboração no seio das comunidades virtuais de aprendizagem. Facilitam a implementação mas também a reflexão crítica daquilo que se vem fazendo neste campo de estudos.

A integração das tecnologias colaborativas com os modelos pedagógicos que soubermos criar conduz a uma alteração do panorama educativo e formativo tradicional.

Uma das características do e-Learning é a flexibilidade espaço-temporal, que permite que os aprendentes possam aprender “a qualquer hora e em qualquer lugar”. Estas ferramentas permitem, para além do controlo sobre o espaço e o tempo, potenciar o trabalho em conjunto. O carácter social destas ferramentas revela a identidade, a presença, a actividade e as relações dos aprendentes.

Na opinião de Garrison e Anderson (2005), a característica fundamental do e-Learning não se restringe ao facto de facilitar o acesso à informação, mas radica no seu potencial comunicativo e interactivo.

A expressão comunidades de prática tem sido bastante popularizada por Wenger, no contexto da aprendizagem situada, tentando tirar partido da importância da complementaridade da actividade individual e colectiva no seio de uma comunidade (Barab, 2003).

Wenger et al. (2002) definem: “comunidades de prática são grupos de pessoas que partilham uma preocupação, um conjunto de problemas, ou paixão sobre um tema e que aprofundam o seu conhecimento e experiência nessa área ao interagirem numa base contínua” (p. 4).

Wenger (2001) refere, sobre as comunidades de prática que: “dizer que a aprendizagem é o que dá origem às comunidades de prática, equivale a dizer que a aprendizagem é uma fonte de estrutura social” (p. 126).

Uma aprendizagem colaborativa, no seio da comunidade, é potenciada não apenas pelos factores de ordem cognitiva, mas também pelos factores de ordem comunicacional, motivacional, relacional e cultural.

O novo discurso sobre as tecnologias e a educação e formação parece estar a transferir a ênfase do “e” (componente electrónica), para a questão central: a aprendizagem (Garrison e Anderson, 2005).

Como salientam Garrison e Anderson (2005), o e-Learning transforma inevitavelmente a nossa forma de abordar a educação e a aprendizagem no século XXI.

Curiosa foi a afirmação de Marc Rosenberg na conferência “eLearning Lisboa 07”, que se comesasse a escrever outro livro, na sequência dos livros que já escreveu, “e-Learning” e “Beyond e-Learning” escolheria o título “Enough of e-Learning” (Basta de e-Learning). Para Rosenberg a educação já não faz sentido sem o uso de soluções electrónicas e por isso mesmo considera que quando se fala em aprendizagem já deve estar subentendido que esta implica o uso de soluções electrónicas e da Internet.

METODOLOGIA

Este trabalho consistiu num estágio com uma componente investigativa, onde se privilegiou as técnicas de recolha de dados associadas aos métodos qualitativos.

Bernard Charlot (2007) alerta para a problemática da existência de uma disciplina chamada Educação ou Ciências da Educação e as suas questões identitárias e para o facto de serem os métodos de investigação de outras ciências sociais que são utilizados nas Ciências da Educação. Afirma ainda que para perceber um saber é preciso controlar os métodos, as expressões, as palavras, não é preciso escrever muito, quem sabe explica, escreve sucintamente com ideias claras e concretas. O ponto de partida da pesquisa é saber-se o que se quer saber. Deve haver formas (no plural) de rigor num método de pesquisa seja ele quantitativo ou qualitativo. Cada um deve escolher a forma de rigor e o método a utilizar na investigação.

Almeida & Freire (2007) identificam três modalidades da investigação mais frequentes na Psicologia e na Educação: a quantitativo-experimental, voltada essencialmente para a predição e explicação através da testagem de teorias e hipóteses; a quantitativo-correlacional, voltada mais para a compreensão e a predição dos fenómenos através da formulação de hipóteses sobre as relações entre variáveis; e a qualitativa mais dirigida à compreensão e descrição dos fenómenos globalmente considerados.

A última perspectiva envolve uma abordagem interpretativa e naturalista do conteúdo de investigação, pressupondo que os investigadores se dediquem aos fenómenos no seu contexto natural, interpretando os comportamentos observáveis à luz da sua significação, motivação, aspirações, crenças, valores e atitudes. O seu estudo não poderá ser feito sem o recurso à própria perspectiva dos sujeitos implicados nas situações. A par dos comportamentos observáveis, torna-se necessário conhecer os sistemas de crenças e de

valores, os sistemas de comunicação e de relação, bem como as suas representações para os indivíduos ou grupos em causa. Interessa particularmente aqui olhar aos significados e às intenções das acções humanas.

Segundo Bogdan & Biklen (1994), “as técnicas quantitativas conseguiram demonstrar, recorrendo a pré e pós testes, que as mudanças se verificam” (p. 49). A investigação quantitativa desempenha, assim, um papel de confirmação, enquanto a qualitativa desempenha um papel de descoberta da realidade que não é possível ser quantificada.

A produção de uma investigação qualitativa permite ao investigador, aos participantes do estudo e à comunidade científica em geral, melhor compreender os significados de um caso ou de uma acção, compreender com maior clareza como as pessoas lidam com um problema, ou ainda tornar perceptíveis alguns dos fundamentos das suas representações (Quivy & Campenhoudt, 2003).

Almeida & Freire (2003, p. 114) apontam como particularmente útil na “observação de fenómenos (...) ricos ou importantes do ponto de vista de informação contida para questionar uma dada teoria ou contrapor teorias, para explorar uma hipótese ou metodologia de análise”, pelo que parece pertinente a sua aplicação neste trabalho.

Privilegiou-se essencialmente a análise e compreensão dos comportamentos em contexto natural e as perspectivas e as acções dos sujeitos observados. A perspectiva naturalista deve, de certo modo, a sua designação aos instrumentos de observação utilizados como a observação directa, realização de entrevistas e a atenção aos significados e aos contextos.

Assim, este trabalho procurou dar uma significação às dinâmicas de grupo, como aplicam as suas capacidades e criatividade, que opções são tomadas e assentes em que fundamentos, dificuldades sentidas e formas de as superar, tendo por base a criação de

produtos multimédia para aplicação em ambientes virtuais de aprendizagem, recorrendo à metodologia qualitativa das entrevistas semi-estruturadas e das observações participante e não participante.

Para realizar uma investigação de carácter qualitativo houve o cuidado de recolher dados relevantes em número, diversidade e qualidade suficientes, de forma a validar a sua análise.

Instrumentos de recolha de dados

Bogdan & Biklen (1994) consideram que a variedade de instrumentos de recolha de dados possibilita a reunião de um maior número de informações passíveis de assegurar a validade teórica, equilibrando os factores positivos e negativos de cada instrumento.

Os instrumentos de recolha de dados escolhidos foram a observação directa participante e não participante, a entrevista e a análise documental.

Observação

A observação directa consiste em seleccionar, registar e codificar comportamentos e contextos que estão ligados aos objectivos da observação, no terreno, de uma determinada situação social.

Este tipo de instrumento de recolha de dados é utilizado quando não é possível ou é bastante difícil serem extraídos de outra forma.

Quivy & Campenhoudt (2003) consideram que a observação directa é “o único método de investigação social que capta os comportamentos no momento em que eles se produzem (...) sem a mediação de um documento, ou de um testemunho” (p. 196).

Notam ainda que esta observação incide sobre os comportamentos dos sujeitos, bem como nos seus saberes e experiências pessoais, culturais e sociais que lhes são intrínsecos.

Bogdan & Biklen (1994) relatam que “os investigadores qualitativos tentam interagir com os seus sujeitos de forma natural, não intrusiva e não ameaçadora. (...) Como os investigadores qualitativos estão interessados no modo como as pessoas normalmente se comportam e pensam nos seus ambientes naturais, tentam agir de modo a que as actividades que ocorrem na sua presença não difiram significativamente daquilo que se passa na sua ausência” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 68).

Assim, segundo o grau de participação do investigador, a observação pode ser participante e não participante.

A observação participante é uma técnica de investigação qualitativa adequada ao investigador que pretende ter acesso às perspectivas dos outros intervenientes vivenciando os mesmos problemas e as mesmas situações que eles. Assim, na observação participante o investigador integra-se no meio a investigar e tem por objectivo recolher dados sobre comportamentos e opiniões aos quais um observador exterior não teria acesso.

Na observação não participante, o investigador não interage de nenhuma forma com o objecto do estudo no momento em que realiza a observação, logo não poderá ser considerado participante. Este tipo de técnica reduz a interferência do observador e permite a utilização de instrumentos de registo que não influenciam o objecto do estudo.

Segundo Bogdan & Biklen (1994), a observação participante proporciona uma melhor compreensão dos actos dos indivíduos investigados quando estes são observados no ambiente onde ocorrem.

Mas, tal como noutras técnicas de recolha de dados, a observação apresenta alguns aspectos menos positivos como a subjectividade do observador, pois está dependente da interpretação da realidade do observador (também cabe aqui a sua vivência pessoal e contexto social).

Dever-se-á ter em conta que a introdução do investigador num meio de observação exige algumas precauções de forma a garantir a fiabilidade, a pertinência dos dados e a eliminação de impressões meramente emotivas ou subjectivas (Bogdan & Biklen, 1994; Quivy & Campenhoudt, 2003).

A selecção dos grupos a serem observados recaiu sobre o contexto onde estavam inseridos. Com o grupo do 1º ano do Mestrado em Ciências da Educação com especialização em Tecnologias Educativas da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa pretendeu-se observar a origem do grupo, suas dinâmicas e evolução, tendo sido acompanhado em duas disciplinas do 1º semestre e em todas as reuniões de trabalho de grupo. Com o grupo do 1º ano do Doutoramento e Mestrado em Tecnologias de Informação e Comunicação e Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa pretendeu-se observar um grupo mais especializado, com pré-requisitos e outras ferramentas de trabalho e somente foi observado em contexto de sala de aula numa disciplina que comportava o trabalho de projecto e o estudo de uma comunidade de aprendizagem.

A eleição destes dois grupos em cada um dos contextos foi, quase por inteiro, aleatória, tendo o seu apuramento recaído sobre a manifestação de interesse em participar no estudo.

Foi utilizada a observação participante no grupo do 1º ano do Mestrado em Ciências da Educação com especialização em Tecnologias Educativas da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, grupo que foi acompanhado desde Novembro de 2007 a Junho de 2008.

Recorreu-se à observação não participante e naturalista com o grupo do 1º ano do Doutoramento e Mestrado em Tecnologias de Informação e Comunicação e Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, cuja apresentação ocorreu em Dezembro de 2007 e passou a ser acompanhado entre Abril e Junho de 2008.

Entrevista

Atendendo aos diversos instrumentos de recolha de dados disponíveis, o inquérito, além do mais utilizado nas ciências sociais e na educação, apresenta numerosas vantagens, nomeadamente, segundo Ghiglione & Matalon (2001), quando se procura aceder a informações sobre o que se passa num determinado momento e num contexto real e sempre que é necessária informação sobre uma grande variedade de comportamentos, cuja observação demoraria demasiado tempo.

Particularmente, o recurso a entrevistas permite personalizar e aprofundar o processo de questionário e produz maior quantidade de informação relevante, já que é mais fácil e rápido falar do que escrever (Tuckman, 2000).

A entrevista pode ser definida como uma conversa com uma ou mais pessoas para a(s) interrogar sobre os seus actos, ideias e projectos, a fim de publicar ou difundir o seu conteúdo ou de a utilizar para fins de análise.

Na investigação qualitativa as entrevistas são um dos recursos estratégicos na recolha de informação, possibilitando um acesso a opiniões, atitudes, afectos, experiências e recordações.

Em conjunto com outros métodos de recolha de dados, como a observação participante e não participante, torna-se mais viável a validação e fiabilidade dos resultados obtidos.

Existem diversas abordagens à entrevista de tipo qualitativo: a não estruturada (ou informal) ou não directiva (ou livre), a semi-estruturada ou semi-directiva e a estruturada ou directiva (ou estandardizada) (Quivy & Campenhoudt, 2003; Ghiglione & Matalon, 2001).

De acordo com Quivy & Campenhoudt (2003) a entrevista semi-directiva é a mais utilizada em investigação social e caracteriza-se por não ser “inteiramente aberta nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas” (p. 192).

A entrevista semi-estruturada permite uma clarificação e análise global e um entendimento geral dos fenómenos através de questões abertas às quais os entrevistados respondem de forma livre, segundo o seu próprio quadro de referência e a sua representação do real.

Este tipo de entrevista caracteriza-se pela existência de um guião previamente preparado que serve de orientador ao seu desenvolvimento, procurando garantir que os participantes respondam às questões sem obrigatoriedade de seguirem uma ordem rígida, desde que todas elas sejam abordadas ao longo da entrevista.

Neste sentido, o guião funciona apenas como uma *checklist* de apoio ao desenvolvimento da entrevista, que se vai adaptando ao entrevistado, motivando um elevado grau de liberdade na exploração das questões.

Nas entrevistas as questões devem ser escolhidas de forma a não serem de fácil resposta, estilo "sim" ou "não". Elas devem ser de resposta elaborada permitindo, assim, recolher mais facilmente os dados necessários ou até obter novos dados inesperados. Para tal, tem de se ouvir realmente o que o sujeito relata e, se necessário, fazer perguntas que ajudem a clarificar algum ponto (Bogdan & Biklen, 1994).

Assim, a abordagem seleccionada para este estudo recaiu na realização de entrevistas semi-directivas e em grupo, aos dois grupos escolhidos para acompanhar, pois a entrevista de grupo dirige-se, por definição, a um grupo, acerca do qual supõe a existência de uma vida colectiva, um modo comum - e típico desse grupo - de experienciar algo que faz parte das suas condições de existência, do ‘vivido’ do grupo. (Ferreira, 2004, p. 102)

Logo, no caso da entrevista de grupo, o tema é intrínseco à vida do grupo, e os participantes estão necessariamente implicados no tema ou no problema, porque todos são implicados... afectiva e existencialmente implicados. O tema toca na sua vida de membros do grupo, enquanto tais. (ibidem, p. 103)

Na base da opção por este tipo de entrevista está a convicção de que é possível conhecer melhor as atitudes, as crenças e os sentimentos das pessoas quando elas se encontram em interacção, porque a situação de grupo faz surgir uma maior multiplicidade de opiniões e de processos emocionais, muito mais limitados em situação de entrevista individual. (idem, pp. 103-104)

Com o intuito de analisar e comparar os resultados de uma mesma entrevista entre um grupo que já era acompanhado e com o qual existia uma ligação afectiva, foram realizadas duas entrevistas ao grupo do 1º ano do Mestrado em Ciências da Educação com especialização em Tecnologias Educativas da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. A primeira ocorreu a 3 de Abril de 2008 e a segunda a 26 de Junho de 2008.

Ao grupo do 1º ano do Doutoramento e Mestrado em Tecnologias de Informação e Comunicação e Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, um grupo com o qual não foram estabelecidos laços de afectividade, foi realizada uma entrevista de grupo, com a particularidade de um dos elementos ter participado através de um programa de conversação online com recurso a áudio.

A opção de se realizar uma entrevista do tipo informal permite seleccionar temas para aprofundamento onde não se espera introduzir novas questões mas não fecha essa possibilidade e acarreta a vantagem de optimização do tempo disponível, permite um tratamento mais sistemático dos dados e é especialmente aconselhado para entrevistas a grupos.

Entrevista em grupo

A entrevista em grupo valoriza os processos sociais e interpessoais e pode fornecer perspectivas que a entrevista individual dificilmente permitiria.

Hedges (1998) refere como vantagens da entrevista em grupo a poupança de tempo e recursos, o facto de permitir explorar a forma como as pessoas e as ideias interagem e permitir analisar atitudes, ideias, crenças, comportamentos num contexto social e tornar possíveis novas ideias resultantes da interacção.

Este autor aponta ainda como principais desvantagens das entrevistas em grupo a impossibilidade de permitirem análises em profundidade, serem um método pouco adequado a tópicos de âmbito íntimo ou que gerem controvérsia, ser difícil coordenar horários com todos os entrevistados e de haver o risco das respostas serem condicionadas a algumas pressões sociais.

O recurso a este tipo de entrevista requer alguma experiência por parte do entrevistador, o qual se deve sustentar num guião com tópicos a seguir, começando com questões simples e dar oportunidade para que todos falem. O entrevistador deverá ainda ter o cuidado de explicar os objectivos e duração da entrevista, solicitando a autorização para gravação da mesma e assegurando a sua confidencialidade.

Utilizando uma abordagem do geral para o particular, o entrevistador deverá adoptar um estilo de moderação consistente, promover um clima de confiança e demonstrar total imparcialidade.

Tendo em conta as directivas apontadas por Hedges (1998) de nunca entrevistar mais de 10 sujeitos (preferencialmente seis ou sete) e de nunca entrevistar apenas um grupo e 12 ser um valor máximo a ter em conta (quatro a seis é o razoável), durante uma hora e meia a duas, dependendo do tema e do contexto, as entrevistas realizaram-se com um grupo de cinco

e outro grupo de oito elementos embora, neste último grupo, um deles estava online e nenhuma das entrevistas ultrapassou a duração de uma hora e vinte minutos.

As entrevistas realizadas foram marcadas de acordo com a disponibilidade dos entrevistados, tendo sido, por vezes, difícil conciliar tempos livres comuns a todos os intervenientes. Foram conduzidas pelo investigador e realizadas em grupo presencialmente, à excepção de um elemento que não pôde estar presente fisicamente e, tal como anteriormente foi referido, participou através de uma ferramenta de comunicação síncrona.

Todas as entrevistas foram conduzidas num ambiente informal, em conformidade com os princípios da privacidade e confidencialidade, garantindo-se o anonimato e assegurando-se de que as informações não seriam utilizadas para outros fins que não o estudo (Tuckman, 2000).

Fases das entrevistas

1ª Fase da Entrevista: Elaboração do guião

A realização das entrevistas teve início com a revisão da literatura e posterior elaboração do guião da entrevista, em função dos objectivos previamente definidos. A estrutura do guião de entrevista (ANEXOS I-III) aplicada aos grupos acompanhados foi realizada com base nas referências apresentadas pelo autor Estrela (1994, pp.342-352).

A fim de se obter a informação ambicionada e garantir a sua validação, aquando a realização de uma entrevista semi-directiva dever-se-á ponderar quatro etapas capitais.

A primeira etapa é a legitimação da entrevista e a motivação dos entrevistados, cuja função do entrevistador passa por conseguir criar um ambiente tranquilo e aprazível. É nesta altura que o entrevistador clarifica o seu objectivo e tenta derrubar a resistência natural ou a inércia dos indivíduos (Quivy & Campenhoudt, 2003), garantindo o anonimato dos intervenientes e das suas respostas (Bogdan & Biklen, 1994).

Esta primeira etapa foi identificada com a letra A.

A segunda etapa surge com o início da entrevista, altura na qual o entrevistador elege uma questão ampla e com a ambiguidade necessária para que os entrevistados respondam de acordo com o seu quadro de referência, as suas opiniões e o seu ponto de vista.

No caso da entrevista efectuada no dia 3 de Abril de 2008 ao grupo do 1º ano do Mestrado em Tecnologias Educativas, essa questão, propositadamente provocatória, reporta à problemática dos grupos serem vistos como uma soma de partes, onde normalmente há uma divisão de tarefas por cada elemento e depois juntam todo o trabalho.

Na entrevista efectuada ao mesmo grupo no dia 26 de Junho de 2008, a questão introdutória pretendia estabelecer uma relação de continuidade do trabalho realizado pelo grupo ao longo do 2º semestre, já que, desta feita, não tinha havido observações.

Finalmente, na entrevista realizada no dia 14 de Junho de 2008 ao grupo do 1º ano do Doutoramento e Mestrado em TIC e Educação, a questão inicial solicitava uma reflexão acerca do decorrer da disciplina observada e das sugestões e alterações ao seu funcionamento.

A este bloco temático foi atribuída a letra B.

O corpo da entrevista constitui a terceira etapa, sendo fundamental que as informações recolhidas sejam relevantes e o mais fiel possível às opiniões dos entrevistados.

Assim, na entrevista do dia 3 de Abril ao grupo de Tecnologias foram criados os seguintes blocos temáticos: C.-Constituição do grupo, D.-Relações e interacções, E.-Metodologia e F.-Resultados.

Os objectivos do bloco C passam por conhecer o contexto e origem da constituição do grupo e porquê estes elementos em detrimento de outros.

No bloco D propende-se compreender as relações interpessoais e a individualidade dentro do grupo.

O bloco E aspira a identificar ferramentas, recursos e metodologias utilizadas pelo grupo.

O bloco F aborda os resultados alcançados, grau de satisfação e seu impacto. Criatividade e inovação das metodologias adoptadas foram igualmente outras temáticas abordadas.

Quanto à entrevista do dia 26 de Junho ao grupo de Tecnologias foram criados os seguintes blocos temáticos: C. Metodologia, D.-Relações e interações, E.-Resultados e F.-Balanço.

O bloco C almeja obter respostas relativamente às ferramentas, recursos, fontes, técnicas e estratégias utilizadas pelo grupo, bem como às aprendizagens e dificuldades sentidas.

No bloco D abordam-se as contribuições individuais que consideram ter sido uma mais-valia para o grupo, o recurso ao trabalho colaborativo e as relações com os restantes colegas de mestrado e com os professores.

O bloco E, a par com o bloco F da primeira entrevista, volta a solicitar uma reflexão acerca dos resultados obtidos e respectivo grau de satisfação com o que foi alcançado.

Por último, o bloco F inicia com uma proposta de comparação entre semestres, passando, de seguida, a solicitar uma retrospectiva e um balanço da evolução do grupo, das aprendizagens que o grupo e cada elemento realizaram e expectativas para o próximo ano.

Relativamente à entrevista ao grupo de Ciências foram criados os seguintes blocos temáticos: C.-Metodologia, D.-Interações, E.-Resultados, F.-Questões individuais e G.-Observações.

O bloco C visa inquirir e apurar quanto às ferramentas, recursos, técnicas e estratégias utilizadas no âmbito da disciplina de As TIC e o Trabalho de Projecto, as fontes consultadas, as aprendizagens concretizadas e as dificuldades sentidas pelo grupo.

O bloco D pretende discernir informações acerca do grupo de trabalho, das contribuições individuais e do trabalho colaborativo e da existência ou não de uma comunidade de aprendizagem.

O bloco E aponta para os produtos obtidos pelo grupo e o seu grau de satisfação, a avaliação da eficácia do grupo e as expectativas em relação à aceitação e exposição pública do produto final realizado.

O bloco F consiste na elaboração de questões personalizadas a cada um dos oito elementos do grupo por forma a esclarecer alguns assuntos saídos das observações das aulas e desvendar as motivações pessoais.

O bloco G comporta o impacto da presença do observador não participante, de que forma ela condicionou o normal funcionamento do grupo e consequências a nível pessoal (inibição, desconforto, desconfiança, etc.).

A etapa final de uma entrevista semi-directiva consiste na recolha de informação que não estava prevista no guião ou não foi previamente solicitada. Neste período, o entrevistador solicita sugestões sobre outras questões que ainda não tenham sido abordadas e infere acerca da decorrência da entrevista e da prestação dos entrevistados, bem como o registo de posturas, reacções, hesitações, silêncios e todos os pormenores pertinentes que recorde.

A estes blocos temáticos foram atribuídas as letras G e H para as duas entrevistas do grupo de Tecnologias e as letras H e I para a entrevista do Grupo de Ciências.

2ª Fase da Entrevista: Selecção da população

A partir do dia 15 de Novembro de 2007 e por indicação da orientadora de estágio, deu-se início à assistência das aulas da disciplina de Ambientes Virtuais de Aprendizagem, dinamizadas pelo Professor Doutor Fernando Albuquerque Costa e da disciplina de Aprendizagem Multimédia e Ensino On-line, a cargo da Professora Doutora Guilhermina

Lobato Miranda. Ambas as disciplinas pertencentes ao plano de estudos do 1º ano do Mestrado em Ciências da Educação, especialização em Tecnologias Educativas, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

O objectivo seria, após elucidação à turma do que se pretendia, escolher um grupo que se permitisse acompanhar desde o início da sua formação e observar todas as dinâmicas ocorridas e desenvolvidas no seu seio e que se disponibilizasse a ser entrevistado.

Tal como referido anteriormente, no espaço relativo às observações, a eleição deste grupo foi aleatória, já que a sua escolha se deveu ao facto de este ter sido o único grupo que manifestou interesse em participar no estudo.

Após um acompanhamento de cerca de 4 meses, que coincidiu com o início do 2º semestre, foi efectuada a primeira entrevista a este grupo. A segunda entrevista teve lugar no final do ano lectivo.

No dia 19 de Janeiro de 2008 foi feita uma breve exposição explicando qual o objectivo do estudo que se pretendia realizar aos alunos do 1º ano de Doutoramento e Mestrado em TIC e Educação, da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Nesse dia, os alunos apresentaram os seus trabalhos realizados no 1º semestre numa aula conjunta da Professora Doutora Guilhermina Miranda e Professor Doutor João Filipe Matos, docentes das disciplinas Aprendizagem com as TIC e Formação à Distância e e-Learning, respectivamente.

Assistiu-se à apresentação de quatro grupos de Mestrado e quatro grupos de Doutoramento e, no final da aula, escolheu-se um dos grupos de trabalho de Doutoramento para acompanhar.

Seguiram-se os contactos entre a Professora Doutora Guilhermina Miranda e os elementos do grupo a fim de se iniciar a parceria. Dois dos membros do grupo afirmaram desde cedo o seu apoio.

Após essa primeira aproximação, somente a 19 de Abril de 2008 se deu a primeira observação em contexto de sala de aula na disciplina onde um grupo constituído por alunos do 1º ano do Doutoramento e do mestrado em TIC e Educação frequentavam e partilhavam a mesma disciplina “As TIC e o Trabalho de Projecto”, dinamizada pelas Professoras Doutoradas Ana Margarida Simão e Guilhermina Miranda.

A este grupo, acompanhado durante 2 meses, foi realizada uma entrevista em grupo no fim do 2º semestre.

Todas as entrevistas foram gravadas com a autorização dos intervenientes mas apenas a primeira entrevista do grupo de Tecnologias e a entrevista do grupo de Ciências foram integralmente transcritas.

3ª Fase da Entrevista: Análise de conteúdo

A maioria dos autores refere-se à análise de conteúdo como um conjunto de procedimentos que trabalha com a palavra, permitindo de forma sistemática e objectiva produzir inferências do conteúdo da comunicação e a formulação de conclusões válidas dos dados analisados através da realização de um texto analítico sobre esses mesmos dados.

Partindo destas premissas e após a transcrição das entrevistas, a análise de conteúdo (ANEXO VI) passou por duas fases distintas, a primeira envolvendo a exploração do texto e criação de categorias (descrição analítica) e a segunda passando pela procura de dar significado a essas mesmas categorias e interpretando os seus resultados (inferência).

É na primeira fase que, de acordo com os objectivos do estudo, se dá início à codificação do texto construindo-se as categorias e respectivas subcategorias e definindo-se os indicadores que melhor as ilustram. Após esta tarefa é tempo de exemplificar com as unidades de registo, salientando os testemunhos que melhor reflectem as opiniões e informações, sentimentos, interrogações e sugestões dos inquiridos.

Bardin (2004) refere-se à codificação como “uma transformação - efectuada segundo regras precisas - dos dados em bruto do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão susceptível de esclarecer o analista acerca das características do texto” (p. 97).

Quanto à categorização, Bardin (2004) define-a como sendo “uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia) com os critérios previamente definidos” (p. 111).

Neste estudo, à medida que se procedeu à leitura flutuante das entrevistas de forma a encontrar padrões de resposta, divergência de opiniões, reflexões e opiniões que ilustrassem os objectivos do guião, catalogaram-se as categorias (cada uma representada com uma cor diferente), subcategorias e os indicadores.

Para cada categoria foram seleccionadas frases, parágrafos ou períodos da entrevista, procurando agrupar as unidades de registo semelhantes. Neste processo, cada unidade de registo foi examinada, procurando não as desligar do seu contexto e não perderem o seu significado, o que permitiu a simplificação e clarificação do material recolhido.

Com o cuidado de garantir o anonimato dos intervenientes, aos nomes próprios correspondem códigos iniciados pela letra A e seguidos de um número (ex: A1, A2), sempre que estes se referem a um aluno e iniciados pela letra P e seguido de um número quando pertencentes a Professores.

Os resultados dependerão tanto da resposta e reacção dos referidos grupos quanto da condução da entrevista e postura do próprio entrevistador, nunca esquecendo que “(...) a característica mais importante de um investigador deve ser a sua devoção e fidelidade aos dados que obtém.” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 77).

Análise de Conteúdo

“Análise de dados é o processo de busca e de organização sistemático de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objectivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou. A análise envolve o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta dos aspectos importantes e do que deve ser aprendido e a decisão sobre o que vai ser transmitido aos outros.” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 205)

Bardin (2004) adita ainda a esta definição a concepção de um conjunto de técnicas de análise das comunicações tendo em vista a obtenção, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a obtenção de conhecimentos relativos às condições de produção e de recepção dessas mensagens.

A validade e fiabilidade (qualidade) dos dados recolhidos dependem muito da sensibilidade e integridade do investigador, da sua experiência e do seu conhecimento (Bogdan & Biklen, 1994). Da mesma forma, a análise e interpretação dos resultados, embora subjectiva e condicionada às orientações e percepção do investigador, será tanto mais demonstrativa da realidade quanto maior for o nível de compreensão dos problemas e a procura de respostas relativamente ao que está na origem de certos comportamentos, atitudes ou convicções.

Observações

A metodologia de análise qualitativa das observações, efectuadas em contexto de sala de aula ao grupo de Doutoramento e Mestrado em TIC e Educação, utilizada foi a análise de conteúdo.

Para o registo das observações em contexto real foi utilizada uma grelha de registo (ANEXO VII) baseada nas referências apresentadas pelo autor Estrela (1994), facilitando o aparecimento de indicadores individuais e colectivos de resposta (pp.228-230).

Este quadro comporta o tempo, espaço, define os intervenientes e regista os comportamentos do docente, dos alunos e deixa espaço a observações que não se inserem nos outros itens e que são importantes para esclarecer determinada situação ou acção.

Para que se compreenda os movimentos dos intervenientes foi disponibilizado um mapa da sala e seus ocupantes. De referir, que numa das observações apresentadas, existe dois mapas, um antes e outro após o intervalo da aula e que se justifica com o tipo de actividades desenvolvidas em cada um dos contextos.

A análise de conteúdo (ANEXO VIII) foi precedida por uma leitura flutuante das observações emergindo, desta forma, algumas categorias que se afirmavam, tendo em conta o objectivo do estudo.

De forma a não adensar a tarefa, por si só, já exigente de categorização, foram definidas apenas três categorias: interacções, conteúdos e comunicação não-verbal.

As categorias definidas pretendem demonstrar como os alunos se relacionam, como são orientados para as novas tecnologias e para o multimédia, como fazem escolhas e como as justificam.

A etapa seguinte recaiu na ordenação da informação dos comportamentos do grupo numa matriz de análise de conteúdo onde há espaço para as categorias supra citadas, as subcategorias e indicadores que foram surgindo e as respectivas unidades de registo.

A fim de garantir o anonimato, todos os nomes foram substituídos por códigos precedidos por A e seguidos de um número, sempre que se referem a um aluno, e iniciados por P, seguido de um algarismo quando referentes a Professores. Existe ainda o código Ob que significa observador.

Entrevistas

Recorreu-se à metodologia de análise de conteúdo para inferir os dados decorrentes das entrevistas efectuadas aos grupos do Mestrado em Ciências da Educação, especialização em Tecnologias Educativas e ao grupo de Doutoramento e Mestrado em TIC e Educação.

Na análise de conteúdo (ANEXO VI), optou-se por associar a categorização aos blocos que haviam sido definidos no guião de entrevista (ANEXO III), por se consideram terem sido esses os temas de maior pertinência para o estudo.

Para auxiliar nessa tarefa, procedeu-se à ordenação dos dados com recurso a uma grelha de análise dos dados decorrentes das respostas fornecidas pelos entrevistados onde figuram as categorias, subcategorias, indicadores unidades de registo.

As categorias definidas dão relevo à vivência do grupo enquanto entidade, aos métodos de trabalho e ferramentas utilizadas e aos produtos desenvolvidos.

As subcategorias e indicadores foram delineados percorrendo os dados à procura de regularidades ou discordâncias, recorrendo às frases (unidades de registo) que representam essas mesmas regularidades.

As unidades de registo contêm igualmente a informação referente ao número da linha da transcrição da respectiva entrevista (ANEXO V).

A par com o sucedido nas observações, todos os nomes foram codificados e substituídos pela letra E, seguida de um número, quando se referiam a um aluno, e iniciados pela letra P, seguida de um algarismo, quando referentes a Professores.

Finda a etapa de classificação do material recolhido, cabe pois proceder a uma submersão analítica nos extensos dados, de forma a produzir interpretações e explicações que procurem dar respostas ao móbil do estudo. A derradeira etapa encerra a produção de

explicações e resultados que estão dependentes da objectividade e sensibilidade do investigador.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Optou-se por seguir a mesma ordem pela qual foram apresentados os instrumentos de recolha de dados e a análise dos dados recolhidos.

Observações

A observação em investigação tem sempre como objectivo produzir uma descrição que seja adequada à análise que se pretende realizar. Para isso é necessário que a análise dos dados contenha elementos relevantes do contexto, caso contrário pode estar a produzir-se uma representação que pode ou não valer por si mesma mas que não tem significado no seu enquadramento real.

“Mas para tirar conclusões das análises foi preciso situar os sujeitos num contexto histórico e social. É só ao completar esse movimento interpretativo, indo do particular ao geral, que o pesquisador cria um relato etnográfico. Sem essa contextualização (um tipo de representatividade *post ipso facto*) o qualitativo não acrescenta grande coisa à reflexão académica.” (Fonseca, 1999, p. 61)

Bardin (2004) diz que a análise de conteúdo não deve ser utilizada apenas para proceder a uma descrição do conteúdo das mensagens pois a sua principal finalidade é a inferência de conhecimentos relativos às condições da produção, com a ajuda de indicadores.

Bodgan & Biklen (1994) referem que não se deve ter medo de especular, pois os pormenores e os factos são apenas um meio para clarificar o pensamento e gerar ideias. “A maior contribuição para a ciência do comportamento humano advém das boas ideias”.

Tal como foi referido na introdução deste trabalho, embora tenha havido observação participante no grupo do Mestrado em Ciências da Educação como, à altura, ainda não tinha havido uma revisão da literatura, o registo de observação (ANEXO VII) das aulas deste

grupo não foi considerado na análise de dados. No entanto, é possível fazer uma análise geral do período de acompanhamento desse grupo.

Do observado, uma das actividades com maior relevância e uma participação mais motivada foi o “encontro” num espaço de trabalho colaborativo “Escola 2.0”, uma plataforma criada no serviço Ning, cujo objectivo se pode ler na página inicial, em <http://aprender2.ning.com/>:

“Espaço de trabalho da disciplina de Ambientes Virtuais de Aprendizagem do Mestrado em Ciências da Educação, especialização em Tecnologias Educativas, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. Tal como na disciplina de mestrado, a Escola 2.0 pretende ser o espaço aglutinador das actividades desenvolvidas pelos membros da comunidade entretanto criada. Visa sobretudo compreender o que pode ser feito com as tecnologias on-line de segunda geração, usualmente conhecidas por software social ou por web 2.0, para objectivos de aprendizagem.”

A Escola 2.0 serviu-se para os alunos dinamizarem um grupo subordinado a um determinado tema (como Software social, Moderação em ambientes virtuais, Avaliação), previamente definido durante as aulas presenciais da disciplina de Ambientes Virtuais de Aprendizagem.

Além da ferramenta aglutinar ferramentas colaborativas como os fóruns, chats, blogs, etc., permitiu uma partilha e organização da informação e um espaço de reflexão e sociabilização entre os participantes.

Cada um dos temas desenvolvidos pelos pequenos grupos culminou numa sessão síncrona, apoiada pela ferramenta *WiZiQ*, moderada pelo grupo responsável mas aberta ao público em geral, possibilitando uma abordagem construtivista do conhecimento.

Uma característica comum a estas sessões síncronas foi a ocorrência de constrangimentos técnicos que, contudo, não impediram o sucesso da concretização dos objectivos das mesmas.

De referir ainda que o grupo do Mestrado em Ciências da Educação, apesar de heterogéneo, entrosou-se na perfeição, conseguindo harmonizar diferenças e limar arestas com bom senso e sensibilidade. Houve a preocupação de articular os tempos de reunião de grupo de forma a todos terem uma disponibilidade interior e maior predisposição para alcançar os objectivos a que se propunham.

Em relação ao acolhimento do observador, este foi bem recebido e encarado com relativa naturalidade. No decorrer da primeira reunião de trabalho de grupo, e após este observador ter contribuído para a realização da actividade por solicitação do grupo, a integração foi próxima do integral.

O grupo do Doutoramento e Mestrado em TIC e Educação pautou-se por ser um grupo na pretensão de, por intermédio de uma disciplina e sempre nesse contexto, se constituir numa comunidade de aprendizagem. Comunidade essa que, através da adopção de metodologias de projecto e uma estrutura de ensino e de aprendizagem que não findava nas aulas presenciais, pôde usufruir de espaços de reflexão distintos mas, no entanto, complementares.

O modelo de ensino e aprendizagem adoptado estrutura-se do seguinte modo: os conteúdos da disciplina de As TIC e o Trabalho de Projecto dividem-se em dois temas: a auto-regulação da aprendizagem e a metodologia do trabalho de projecto. Estas temáticas integram uma fase de trabalho autónomo por parte dos estudantes, com momentos de discussão e de resolução de diversas tarefas em pequenos grupos, presencialmente e de modo assíncrono, através de fóruns, liderados e organizados pelos próprios estudantes, emails, etc.

Neste contexto, o modelo privilegia uma perspectiva de aprendizagem acentuadamente colaborativa.

Os resultados apresentados advêm de cinco observações de aulas, garantindo-se assim a representatividade da amostra.

Os alunos participantes na disciplina de As TIC e o Trabalho de Projecto realizaram actividades em dois planos ou níveis: em grande grupo e em pequeno grupo. Estas actividades permitiram a criação de um contexto de aprendizagem auxiliador do envolvimento e participação para a consecução dos objectivos da aprendizagem.

Possibilitou ainda que os alunos construíssem conhecimento significativo ou elaborassem materiais a partir dos recursos informáticos, da partilha da experiência individual, da interacção e entreajuda entre os alunos e entre estes e os docentes.

O grande grupo foi pensado para ser constituído por todos os elementos inscritos na disciplina.

Em relação aos pequenos grupos, foi planeado criar grupos de dois a quatro elementos cada, visando a realização de actividades mais específicas. A formação dos pequenos grupos foi pensada para assentar em interesses, de alguma forma comuns entre os seus membros. A formação de pequenos grupos desta natureza poderia levar a um maior aprofundamento de aspectos mais específicos do conhecimento. A importância dos pequenos grupos no trabalho colaborativo é salientada por Palloff e Pratt (2005).

Foi também pensado o trabalho simultâneo nos grupos, ou seja, a realização de actividades colectivas em grande grupo, ao mesmo tempo que ocorriam também outras actividades em pequeno grupo. Desta forma, cada formando pertence simultaneamente a dois grupos. Para os pequenos grupos foi também pensado manter a sua constituição ao longo do período formação a distância. A interacção entre pequenos grupos foi pensada para ocorrer em contexto presencial.

Foi criado um ambiente de trabalho colaborativo denominado Projectic, que assenta na plataforma Ning, e cuja finalidade encerraria no prolongamento, em ambiente virtual, do espaço de partilha e trabalho colaborativo da referida disciplina.

Na página de entrada [<http://projectic.ning.com/?xgi=1AWii9VVJEgR9V>] do endereço do Projectic pode ler-se:

“Espaço de reflexão e partilha de recursos sobre a metodologia de projecto, instrumentos de apoio à concepção, planificação, desenvolvimento e avaliação de Projectos em Educação, recorrendo às Tecnologias de Informação e Comunicação.”

Seguindo um paradigma construtivista, a comunidade Projectic gerada no Grupo de Ciências, teve como objectivo principal construir uma plataforma de apoio ao ensino e aprendizagem dos alunos do ensino superior, no sentido de criar um espaço aberto à interacção e à partilha de conhecimento entre os alunos, e entre estes e os professores envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem na disciplina de As TIC e o Trabalho de Projecto.

A interface de acesso à comunidade Ning revelou-se agradável mas com problemas na navegação. Isso não impediu que, a experiência com a comunidade Interactic fosse caracterizada, pelos alunos do Doutoramento e Mestrado em TIC e a Educação, como inovadora, gratificante e enriquecedora.

Nos últimos anos, a Internet sofreu uma verdadeira revolução. Surgiram novas ferramentas e serviços, que transformaram o modo como utilizamos a Internet. Este novo movimento é referido como Web 2.0 sendo também do seu interior que emerge o conceito de software social.

Nos últimos anos, com um desenvolvimento que se conceptualizou como Web 2.0, temos assistido à emergência de novas ferramentas, recursos e práticas, facilitando a colaboração e a interacção social.

Tal como Levy (cf. Strecker, 2007) em entrevista ao jornal “A Folha de São Paulo” refere, esta nova Web não é de facto uma novidade: “A web 2.0 significa apenas que há muito mais gente a apropriar-se da tecnologia da Internet, o que a torna um fenómeno social de massas. Significa que já não é necessário recorrer a intermediários ou técnicos. Do ponto de vista de conceito de base, não há uma grande diferença em relação à Internet original”.

Embora com múltiplos entendimentos e significados, o conceito Web 2.0 enfatiza a criação e partilha de conteúdos de uma forma colaborativa. A utilização deste software social recria novas formas de interacção com os outros indivíduos e com a própria tecnologia.

A Web 2.0 é assim vista como uma plataforma onde o utilizador cria, recria, partilha e utiliza conteúdos. Apesar da enorme mediatização da expressão Web 2.0, o conceito de software social que dela emerge é melhor aceite nos meios académicos.

De entre as ferramentas colaborativas utilizadas pelo grupo, destacam-se o wiki, que permite a edição colectiva de páginas Web de um modo simples, mantendo um registo histórico das alterações realizadas e das pessoas que o efectuaram e o Google Docs, que funciona de um modo semelhante mas com opções mais alargadas pois permite o upload de trabalhos elaborados em softwares de autor e a criação e formatação de documentos nas aplicações integradas no Google Docs.

O grupo contou ainda com o desafio da redacção de uma comunicação para um encontro em Braga sobre a Web 2.0 onde teve de reflectir sobre as suas próprias práticas.

Por último uma provocação e reflexão advinda das observações. Todos os elementos de uma comunidade de aprendizagem efectivamente trabalham? Há uns que sim, todos os elementos contribuem de forma efectiva com a sua mais-valia para os produtos do grupo. No entanto, outros há que não o fazem e que se esforçam por se encobrirem com a tecnologia.

Entrevistas

Em ambos os grupos surgem referências a actividades de natureza experimental em que as ferramentas colaborativas são usadas na construção do conhecimento por parte dos alunos, com recurso a software específico, eminentemente interactivo, para simulação e resolução de problemas. Ora essas referências vão de encontro às observações efectuadas e às interpretações supra desenvolvidas.

No âmbito das finalidades que presidem à utilização dessas ferramentas, resta-nos referir que, relativamente às subcategorias produtos alcançados, grau de satisfação e aprendizagens, as opiniões reflectem-se de uma forma positiva mas mais moderada. O conceito de inovação não é, de facto, muito explanado pelos entrevistados. As ideias de novidade, de fuga à rotina, de utilização de recursos novos, ditam os contornos que este conceito adquiriu, sem por isso mesmo assumir merecer especial relevo.

No entanto as referências às consequências da utilização das ferramentas tecnológicas na aprendizagem, os entrevistados destacam o facto destas, quando não são dominadas ou não são escolhidas as ferramentas adequadas às tarefas propostas e desenvolvidas, pode servir de entrave à concretização dos objectivos do grupo, provocando uma desaceleração do processo criativo, da análise que o grupo faz do seu rendimento (pois perde tempo a explorar a ferramenta) e ao tempo que despendem para “dominar” a ferramenta. Não devem ser os utilizadores a adaptarem-se às ferramentas mas exactamente o oposto.

Em ambos os grupos esse facto torna-se evidente, tendo tido maior relevância no grupo de Ciências, cuja plataforma foi bastante criticada e foram dispensadas parte de duas aulas para a apresentação da plataforma e esclarecimento de dúvidas.

Nas aplicações da Web 2.0 mais ligadas às actividades de comunicação e de interacção síncrona e assíncrona, onde se destacam a utilização da plataforma Ning, wiki,

Google Docs, MSN, telefone e o email, as referências também são elevadas e referem-se a software de interesse específico para a partilha de informação e trabalho colaborativo.

Se nos questionarmos acerca dos obstáculos à utilização de algumas dessas novas ferramentas colaborativas, estes estão ligados à experiência e propensão para o uso das tecnologias. Ao que se refere a propensão? À disponibilidade e interesse pessoal pelo uso das ferramentas tecnológicas, normalmente porque ainda não teve tempo ou espaço para dar início a essa tarefa. “(...) se calhar houve algumas pessoas que acharam que a tecnologia é instantânea e não é, às vezes é preciso antes de começar a enviar para lá coisas ou participar, é preciso também explorar um bocadinho, e saber como é que se mexe nas coisas.” (A6, linhas 344-346) – dizia uma entrevistada quando questionada acerca dos constrangimentos de navegação na plataforma Ning.

De uma forma geral, a categoria Relações interpessoais reflecte unanimemente uma atitude positiva por parte dos entrevistados. Se bem que a esta componente recolha algumas preferências e preconceitos. A saber, os entrevistados sublinharam a importância de conceitos como entreaajuda, partilha, respeito mútuo, colaboração, sinergia para se referirem aos processos relacionais onde estavam envolvidos, por outro lado, em ambos os grupos existiram indícios de indiferença ou desinteresse de relacionamento face a alguns elementos que faziam parte do grande grupo.

Da mesma forma, no grupo de Ciências, existiu um elemento que apenas se relacionava com as professoras. Ou seja, levanta-se a questão se era o grupo que excluía ou se seria esse elemento a auto-excluir-se.

Quando questionadas as partes envolvidas, ninguém admitiu ter havido exclusão, apenas fazer recair nas vicissitudes das circunstâncias e na vontade de terem podido participar mais.

Esta questão foi levantada no seio do grupo de Ciências aquando a apresentação dos Grafos da rede social online e presencial, onde se constatava que P2 (uma das docentes da disciplina) era o elemento mais dinâmico, quase aglutinador, de toda a rede social nas suas duas vertentes e que A2 seria o tal elemento que aparecia isolado.

Na questão da presença do observador participante no grupo do Mestrado em Tecnologias Educativas, alguns elementos afirmaram que, de início, sentiram um certo receio de juízos de valor no entanto, à medida que nos fomos conhecendo, o observador não só passou a ser visto sem constrangimento nem inibição, como o grupo passou a considerá-lo como mais um dos seus elementos.

Na opinião da maioria, o motivo pelo qual o observador conseguiu observar a realidade diz respeito à sua personalidade e forma de interagir, duas das razões atribuídas ao sucesso dessa integração. “E depois o engraçado, também tem a ver com a tua forma de estar, não é? que és muito terra-a-terra e portanto tem muito a ver com a tua forma de estar, és uma pessoa muito... de fácil trato e *enturmas-te* bem (...)” (E2, linhas 605-606)

Característica interessante é a análise que um elemento do grupo faz quanto ao pensamento dos outros grupos aquando o acolhimento do observador num grupo: “Como é que a Teresa ficou no grupo? Se te lembras, a maior parte das pessoas da sala, lá está, ou perceberam mal o que a P2 disse ou olharam para a Teresa como alguém que viesse dar trabalho, viesse dar trabalho ao grupo. Eu lembro-me perfeitamente dalgumas justificações dentro da sala, que estavam cheios de trabalho, que ias dar trabalho.” (E1, linhas 613-616)

Relativamente à presença do observador não participante no grupo de Ciências, os elementos do grupo acharam a experiência positiva, tendo por expectativa a um retorno das observações que fossem um elemento facilitador de reflexão sobre a prática do grupo.

“Acho que é positivo, eu sempre achei que o seu trabalho era de observação e de *feedback*, e não iria embora sem nos dar o *feedback*, porque isso é bom para nós para nos

aferirmos e fazermos essa tal regulação, não é, portanto e tomamos certamente em conta as suas observações que tiver feito e essa mesmas questões que nos colocou se calhar está a despertar em nós algumas questões e que poderemos utilizar próximos trabalhos e outras disciplinas e termos mais cuidado com certas coisas mais em conta, não é, portanto esta correlação fundamental e eu agradeço muito a sua presença, é capaz de ter sido positiva e desejo-lhe muito sucesso também.” (A8, linhas 540-547)

Sabendo, à partida, da dificuldade de imprimir um certo grau de objectividade aos dados recolhidos através das observações e das entrevistas, que depende, em muito, da sensibilidade do investigador a leitura e interpretação dos dados, estas reflexões constituem os traços das hipóteses e reflexões levantadas e das dúvidas ou convicções afirmadas, na interpretação dos resultados.

CONCLUSÕES

Sabemos que, actualmente, o conhecimento é fundamentalmente colectivo.

As tecnologias colaborativas parecem estar a fazer emergir uma forma colectiva de aprender, mediada por essas tecnologias.

Esta aprendizagem colectiva parece ser hoje uma prática evidente no seio das comunidades de aprendizagem cujas dinâmicas que explicam o seu funcionamento podem ajudar-nos a compreender melhor os processos colaborativos que as suportam. Esta compreensão ajuda-nos a melhor interpretar, analisar e perspectivar todo o processo de ensino e aprendizagem das comunidades de aprendizagem suportadas pelas tecnologias colaborativas.

Ao permitirem quebrar as barreiras do espaço e do tempo e ao permitirem formas de interacção e acção, tanto ao nível interno como ao nível externo com outras comunidades e outros recursos online, as comunidades de aprendizagem são hoje espaços centrais nos processos de legitimação e verificação da qualidade da informação promovendo a discussão e de um novo saber.

Partindo-se de uma perspectiva construtivista para a aprendizagem, defende-se que cada interveniente possa, nestes ambientes, manter o seu modo próprio de actuar, de aprender e de se relacionar com os outros podendo, não só contribuir para que o seu conhecimento seja benéfico aos elementos da comunidade, como também enriquecer o seu conhecimento, através da partilha e da interacção com o conhecimento dos outros.

Wenger (2007) afirma que cada vez mais, as comunidades serão a base da aprendizagem informal, não só em comunidade de prática mas em qualquer outra. Ao criar-se uma comunidade ou ao integrar-se numa comunidade já existente que se identifique por esse

mesmo tema, os vários membros em conjunto conseguirão aprofundar e estar sempre actualizados.

As comunidades de aprendizagem permitem-nos vivenciar um ambiente e um contexto. Não há um produto comum a todos no sentido da sua utilização mas sim o que cada um retira para si e a maneira como vive este ambiente.

Estes novos espaços de colaboração começam agora a fazer tradição e deverão ser compreendidos na sua especificidade. Temos pistas mas não temos soluções, não temos verdades, a única verdade é que somos confrontados com diversas situações “de estar” presencial e virtualmente e as competências para tirar partido das aprendizagens adquiridas serão sentidas, por cada um dos elementos, de uma forma única.

“Trabalhar é cada vez mais aprender a transmitir os saberes e produzir conhecimentos.” (Levy, 1997, p. 167)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, C., Dias, P., Morais, C. & Miranda, L. (2000). Aprendizagem colaborativa em ambientes baseados na Web. In A. Barca & M. Peralbo (Eds.), *V Congreso Galego-Portugués de Psicopedagogía - Actas (Comunicacións e posters), N° 4, (vol 6) Ano 4º* (pp. 193-202).
- Almeida, L., & Freire, T. (2007). *Metodologia da investigação em psicologia e educação*. Modelos de investigação. Retirado em 17 de Dezembro de 2008 de <http://hdl.handle.net/10188/145>.
- Almeida, L., & Freire, T. (2003). *Metodologia da investigação em psicologia e educação* (3ª Ed). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Barab, S. A. (2003). An Introduction to the Special Issue: Designing for Virtual Communities in the Service of Learning. *The Information Society* (19), 197-201.
- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Charlot, Bernard. (2007). Conferência “A pesquisa educacional - especificidades de uma área de saber”, 12 de Dezembro de 2007, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Clark, R. C. & Mayer, R. E. (2008). *e-Learning and the Science of Instruction: proven guidelines for consumers and designers of multimedia learning*. 2nd Edition, John Wiley & Sons, San Francisco.
- Dias, P. (2001). Collaborative learning in virtual learning communities: The TTVLC project. [Versão electrónica]. In P. Dias & C. Freitas (org), *Actas da II Conferência Internacional*

- Challenges '01* (pp. 291-299). Braga: Centro de Competências Nónio Século XXI da Universidade do Minho.
- Estrela, A. (2004). *Teoria e prática de observação de classes. Uma estratégia de formação de professores*. Porto: Porto Editora.
- Ferreira, Virgínia. (2004) *Entrevistas focalizadas de grupo: Roteiro da sua utilização numa pesquisa sobre o trabalho nos escritórios*. Actas dos ateliers do V Congresso Português de Sociologia. Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção. Atelier: Teorias e Metodologias de Investigação. Retirado em 30 de Janeiro de 2008 de http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR46291f9a72c00_1.pdf.
- Fonseca, C. (1999). *Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação*. Revista Brasileira de Educação, n. 10, p. 58-78.
- Garrison, D. R. & Anderson, T. (2005). *El e-learning en el siglo XXI. Investigación y práctica*. Barcelona: Octaedro.
- Garrison, D. R., Anderson, T., & Archer, W. (2000). Critical thinking in text based environment: computer conferencing in higher education. *The Internet and Higher Education*, 2 (2), 87-105.
- Garrison, R. & Anderson, T. (2003). *E-Learning in the 21st Century*. London: Routledge Falmer.
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (2001). *O inquérito: teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Hedges, A. (1998). *Testing to destruction - a critical look at the uses of research in advertising*. Institute of Practitioners in Advertising (pp. 57-59). Retirado em 06 de Fevereiro de 2008 de <http://www.ipa.co.uk/documents/testingtodestruction.pdf>.
- Hill, M. & Hill, A. (2002). *Investigação por questionário*. Lisboa: Edições Sílabo, Lda.

- Leuf, B. & Cunningham, W. (2001). *The Wiki Way: Collaboration and Sharing on the Internet*. Addison-Wesley Professional, Boston, USA.
- Levy, P. (1999) *Cibercultura*. ed. 34, São Paulo.
- Levy, P. (2003). Le jeu de l'intelligence collective. *Information, Sciences for Decision Making (ISDM)* (7).
- Lima, Jorge Reis; Capitão, Zélia. (2003). *e-Learning e e-Conteúdos: aplicações das teorias tradicionais e modernas de ensino e aprendizagem à organização e estruturação de e-cursos* [versão electrónica]. Lisboa: Centro Atlântico.
- Lima, M. P. (2009). *O inquérito sociológico: Problemas de metodologia*. *Análise Social*, Vol. IX (3.º-4.º), 1972 (n.º 35-36), 558-628. Retirado a 24 de Maio de 2009 de <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224260943V6zYE4uv8Ef71FH8.pdf>.
- Mayer, R. H. (1999). Design Instruction for Constructivist Learning. In Reigeluth, Charles. M. - *Instructional-Design Theories and Models: A New Paradigm of Instructional Theory*. University of California: Lawrence Erlbaum Associates, p. 141-159.
- Meirinhos, M. (2006). *Desenvolvimento profissional docente em ambientes colaborativos de aprendizagem a distância: estudo de caso no âmbito da formação contínua*. Tese de Doutoramento em Estudos da Criança - Tecnologias da Informação e Comunicação pela Universidade do Minho, Instituto de Estudos da Criança. p. 362.
- Miranda, L., Morais, C., Dias, P. & Almeida, C. (2001). Ambientes de aprendizagem na Web: Uma experiência com fóruns de discussão. [Versão electrónica]. In Paulo Dias & Cândido Varela de Freitas (Orgs.), *Actas da II Conferência Internacional Challenges '01* (pp. 585-593). Braga: Centro de Competência Nónio Século XXI da Universidade do Minho.

- Morais, C., Miranda, L., Dias, P. & Almeida, C. (1999). Tecnologias de Informação na Construção de Ambientes de Aprendizagem [Versão electrónica]. In P. Dias & C. Freitas (org), *Actas da I Conferência Internacional Challenges '99* (pp. 221-231). Braga: Centro de Competências Nónio Século XXI da Universidade do Minho.
- Palloff, R. & Pratt, K. (2005). *Collaborating Online. Learning Together in Community*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Palloff, R. & PRATT, K. (2003). *The Virtual Student*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Palloff, R. & PRATT, K. (2001). *Lesson from the Cyberspace Classroom: The Realities of Online Teaching*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- Palloff, R. & PRATT, K. (1999). *Building learning Communities in Cyberspace: Effective Strategies for the Online Classroom*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2003). *Manual de investigação em ciências sociais* (3ª Ed.) Lisboa: Gradiva.
- Rosenberg, M. (2007). Beyond e-Learning. New Approaches to Managing and Delivering Organizational Knowledge. In *eLearning Lisboa 07 Conference Proceedings*. Lisboa: Fundação para a Divulgação das Tecnologias de Informação. 22-25. Retirado em 16 de Março de 2008 de http://www.elearninglisboa.com/send_file.php?tid=ZmljaGVpcm9z&did=2b24d495052a8ce66358eb576b8912c8
- Site oficial de *Etienne Wenger*. Consultado em 16 de Março de 2008 de <http://www.ewenger.com/>
- Strecker, M. *Web 2.0 não é inovação*, Pierre Levy em entrevista ao jornal “A Folha de São Paulo” a 14 de Agosto de 2007. Retirado em 24 de Janeiro de 2008 de http://www.esquerda.net/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=3783

Tuckman, B. W. (1994). *Manual de investigação em educação* (pp 595-615). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Wenger, E. 2007. Learning in communities of practice. The social form of informal learning. In *eLearning Lisboa 07 Conference Proceedings*. Lisboa: Fundação para a Divulgação das Tecnologias de Informação. 26-29. Retirado em 16 de Março de 2008 de http://www.elearninglisboa.com/send_file.php?tid=ZmljaGVpcm9z&did=2b24d495052a8ce66358eb576b8912c8

Wenger, E., McDermott, R. & Snyder, W. (2002). *Cultivating communities of practice*. Boston: Harvard Business School Press.

Wenger, E. (2001). *Comunidades de Práctica. Aprendizaje, significado e identidad*. Barcelona: Paidós.

Wenger, E. (1999). Learning as social participation. *Knowledge Management Review* (6), 30-33.

ANEXOS

ANEXO I: Guião de entrevista

GUIÃO DA ENTREVISTA DE GRUPO

no Âmbito do Curso de Mestrado em Ciências da Educação

da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa,

área de especialização em Tecnologias Educativas

Estrutura realizada com base nas referências apresentadas pelo autor Estrela (1994, pp.342-352)

Tema	Dinâmicas de Grupo
Objectivos gerais	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conhecer o contexto e origem da constituição do grupo 2. Verificar a relação e interacção entre os seus elementos 3. Compreender as relações interpessoais e a individualidade dentro do grupo 4. Identificar ferramentas, recursos, metodologias utilizadas pelo grupo 5. Produtos alcançados, grau de satisfação e seu impacto
Blocos Temáticos	<ol style="list-style-type: none"> A. Legitimação da entrevista B. Questão introdutória C. Constituição do grupo D. Relações e interacções E. Metodologia F. Resultados G. Validação da entrevista H. Memória

Estratégia	<p>Entrevista semi-directiva.</p> <p>Uma entrevista deste tipo permite colocar questões abertas, possibilitando que os entrevistados direccionem o seu discurso de uma forma livre e criativa, segundo as suas próprias memórias e representações e, ao mesmo tempo, explorar, aprofundar e clarificar pontos do discurso dos participantes.</p> <p>Os blocos temáticos estão organizados sequencialmente no guião da entrevista, embora a flexibilidade na condução do encontro seja admissível de modo a proporcionar a exploração de informações novas e relevantes, respeitando as reacções dos elementos do grupo, à medida que estes elabora as respostas e desenvolvem o seu discurso.</p> <p>Para combater e minimizar a possibilidade dos restantes elementos do grupo fiquem em silêncio ou simplesmente subscrevam a resposta dada, será dada a palavra a todos os elementos do grupo.</p>
Táctica	<p>A primeira questão, propositadamente provocatória, poderá suscitar outros temas.</p> <p>Para algumas perguntas é indicada uma ou mais de recurso, como complemento e para facilitar o aprofundamento ou desenvolvimento das respostas. Estas questões poderão nem ser necessárias se os elementos do grupo explorarem espontaneamente os tópicos.</p> <p>Apesar da base da entrevista ser a mesma, algumas questões não serão pertinentes para os dois grupos a serem entrevistados.</p>

GUIÃO

Blocos	Objectivos específicos	Questões	Tópicos
A Legitimação	Explicação da entrevista; Motivar os entrevistados	Esclarecimento do que pretende o entrevistador e o objectivo da entrevista	Clareza
		Duração da entrevista	
		Assegurar a confidencialidade do entrevistado e das suas respostas	
		Ressaltar a necessidade da colaboração do entrevistado	Empatia
		Pedido de autorização ao entrevistado para fazer a gravação	Registo

Blocos	Objectivos específicos	Questões	Tópicos
B Questão introdutória	Introdução	<p>Os grupos de trabalho são muitas vezes compreendidos pelo conjunto de pessoas que dividem tarefas e fazem, no final, a soma das partes.</p> <p>O que pensam acerca desta afirmação?</p> <p>Como aconteceu convosco? (se não tiveram já referido o seu caso particular)</p>	O todo ou as partes

Blocos	Objectivos específicos	Questões	Tópicos
C	Formação do grupo	Há quanto tempo trabalham juntos?	O grupo

Constituição do grupo	e porquê estes elementos em detrimento de outros	Já se conheciam antes?	
		Que motivos estiveram na origem da sua constituição?	
		E a personalidade, características físicas?	

Blocos	Objectivos específicos	Questões	Tópicos
D Relações e interacções	A identidade do grupo e a identidade individual no grupo	Como descrevem o clima relacional entre os membros do grupo? Ocasões formais: reuniões, encontros, conferências, aulas? Ocasões informais: festas, convívios, viagens?	As relações interpessoais A individualidade no grupo
		Que tipo de relações tentam estabelecer com os outros colegas e grupos de trabalho?	
		Como sentiram a vossa individualidade dentro do grupo? Foi respeitada e preservada? Sentiram a que a vossa opinião era ouvida, respeitada e tida em conta para a resolução de problemas e questões?	

Blocos	Objectivos específicos	Questões	Tópicos
E Metodologia	Ferramentas, recursos, técnicas,	As reuniões são sempre presenciais?	Estratégias Aprendizagens

fontes	Se não: qual a plataforma de comunicação utilizada (sms, telefone, email, msn, etc)?	Dificuldades
	Qual a frequência com que se reúnem?	
	De que forma as fontes de informação são consultadas, filtradas e trabalhadas pelo grupo?	
	Descobriram novas técnicas e novos métodos de trabalho?	
	Como definiriam a vossa eficácia enquanto grupo?	
	Quais a maiores dificuldades sentidas no seio do grupo? Existiu algum tipo de conflito? Qual ou quais?	
	Sei que o objectivo deste grupo passava pela construção de um guião e o desenvolvimento de um produto. Distinguiram o processo de construção do produto e o guião multimédia? É o mesmo que produzir um texto ou um PowerPoint, ou tem particularidades? Que desafios tiveram? Que dificuldades tiveram? Que vantagens, se as houve?	

F Resultados	Produtos	Quais os produtos já concluídos pelo grupo?	Produtos obtidos Satisfação Criatividade Inovação
		Qual o nível de satisfação que têm com os produtos? Especificar para cada um dos produtos o que: - deu mais prazer - teve melhor resultado (qualidade, rigor, etc.) - suscitou maior impacto quando apresentado	
		Consideram que o produto final é o culminar de um processo criativo?	
		Qual o grau de inovação que consideram terem aplicado nos trabalhos realizados?	
		A vossa preferência recai em que etapa do processo de construção do produto?	
		Qual a vossa opinião relativamente à acção do grupo no desenvolvimento dos objectos de aprendizagem e na exposição (apresentação oral) dos mesmos?	

Blocos	Objectivos específicos	Questões	Tópicos
G	Fecho	Gostariam de falar sobre algum ponto	Feedback

Validação da entrevista		que ainda não tenha sido referido?	Clareza Resultados
		O que acharam da entrevista?	
		Como classificam a vossa participação?	
		Gostariam de perguntar ou referir mais alguma coisa?	
		Muito obrigada pela vossa disponibilidade, volto a relembrar que as respostas são confidenciais e que, posteriormente, vos disponibilizarei os resultados das mesmas.	

Blocos	Objectivos específicos	Questões	Tópicos
H Memória	Observações	Finda a entrevista, tomar nota das posturas, reacções, hesitações, silêncios e de todos os pormenores pertinentes que recorde.	Notas

ANEXO II: Guião de entrevista

GUIÃO DA ENTREVISTA DE GRUPO

no Âmbito do Curso de Mestrado em Ciências da Educação

da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa,

área de especialização em Tecnologias Educativas

Estrutura realizada com base nas referências apresentadas pelo autor Estrela (1994, pp.342-352)

Tema	Dinâmicas de Grupo
Objectivos gerais	1. Conhecer o balanço final do trabalho desenvolvido pelo grupo, durante o primeiro ano, no âmbito do mestrado. 2. Verificar o balanço da aprendizagem que o grupo e cada elemento realizaram. 3. Identificar ferramentas, recursos e metodologias utilizadas pelo grupo. 4. Compreender os resultados alcançados, grau de satisfação e eficácia e sua evolução.
Blocos Temáticos	A. Legitimação da entrevista B. Questão introdutória C. Metodologia D. Relações e interacções E. Resultados F. Balanço G. Validação da entrevista H. Memória

Estratégia	<p>Entrevista semi-directiva.</p> <p>Uma entrevista deste tipo permite colocar questões abertas, possibilitando que os entrevistados direccionem o seu discurso de uma forma livre e criativa, segundo as suas próprias memórias e representações e, ao mesmo tempo, explorar, aprofundar e clarificar pontos do discurso dos participantes.</p> <p>Os blocos temáticos estão organizados sequencialmente no guião da entrevista, embora a flexibilidade na condução do encontro seja admissível de modo a proporcionar a exploração de informações novas e relevantes, respeitando as reacções dos elementos do grupo, à medida que estes elabora as respostas e desenvolvem o seu discurso.</p> <p>Para combater e minimizar a possibilidade dos restantes elementos do grupo fiquem em silêncio ou simplesmente subscrevam a resposta dada, será dada a palavra a todos os elementos do grupo.</p>
Táctica	<p>Para algumas perguntas é indicada uma ou mais de recurso, como complemento e para facilitar o aprofundamento ou desenvolvimento das respostas. Estas questões poderão não ser necessárias se os elementos do grupo explorarem espontaneamente os tópicos.</p>

GUIÃO

Blocos	Objectivos específicos	Questões	Tópicos
A Legitimação	Explicação da entrevista; Motivar os entrevistados	Esclarecimento do que pretende o entrevistador e o objectivo da entrevista	Clareza
		Duração da entrevista	
		Assegurar a confidencialidade do entrevistado e das suas respostas	
		Ressaltar a necessidade da colaboração do entrevistado	Empatia
		Pedido de autorização ao entrevistado para fazer a gravação	Registo

Blocos	Objectivos específicos	Questões	Tópicos
B Questão introdutória	Introdução	<p>Ao contrário do 1º Semestre, quase não estive convosco e não houve possibilidade de observar de perto o vosso trabalho. O que se passou?</p> <p>Que problemas levaram à minha ausência e o que o grupo fez durante este tempo?</p>	Continuidade

Blocos	Objectivos específicos	Questões	Tópicos
C Metodologia	Ferramentas, recursos, técnicas, fontes	Que dificuldades e constrangimentos, se os houve, apontam ter pautado este período?	Estratégias Aprendizagens

		No 2º semestre continuaram a utilizar a Plataforma Ning “Escola 2.0”?	Dificuldades
		Que outras ferramentas utilizaram, tendo em conta o objectivo e método de trabalho do grupo?	
		Qual foi a metodologia de trabalho adoptada?	
		Descobriram novas técnicas e novos métodos de trabalho?	
		As reuniões foram sempre presenciais?	
		Com que frequência se reuniram?	

Blocos	Objectivos específicos	Questões	Tópicos
D Relações e interações	O grupo e seus elementos	Como consideram ter sido a contribuição que cada um deu a este trabalho e qual a mais-valia oferecida?	Contribuições individuais Trabalho colaborativo Relações interpessoais
		Consideram ter havido um efectivo trabalho colaborativo?	
		Que tipo de relações estabeleceram com os outros colegas e grupos de trabalho?	
		E com os professores?	

Blocos	Objectivos específicos	Questões	Tópicos
--------	------------------------	----------	---------

E Resultados	Produtos	Quais os produtos concluídos pelo grupo neste 2º Semestre?	Produtos obtidos Satisfação Eficácia
		A vossa preferência recai em que etapa do processo de construção do produto final?	
		As apresentações são momentos dolorosos ou um coroar do esforço do grupo?	
		Qual o nível de satisfação que têm com os produtos que este grupo desenvolveu?	
		Como definiriam a vossa eficácia enquanto grupo?	

Blocos	Objectivos específicos	Questões	Tópicos
F Balanço	Evolução	Façam-me uma comparação entre o 1º e o 2º Semestre. (sucesso, motivação, tempo, produtos, disciplinas, professores, dinâmicas, etc.)	Retrospectiva Aprendizagens Expectativas
		Que balanço fazem, deste ano que termina, do trabalho do grupo e do mestrado em função da aprendizagem que o grupo e cada elemento realizou?	
		Quais as vossas expectativas em relação ao ano que vem?	

Blocos	Objectivos específicos	Questões	Tópicos
G Validação da entrevista	Fecho	Gostariam de falar sobre algum ponto que ainda não tenha sido referido?	Feedback Clareza Resultados
		O que acharam da entrevista?	
		Como classificam a vossa participação?	
		Gostariam de perguntar ou referir mais alguma coisa?	
		Muito obrigada pela vossa disponibilidade, volto a relembrar que as respostas são confidenciais e que, posteriormente, vos disponibilizarei os resultados das mesmas.	
Blocos	Objectivos específicos	Questões	Tópicos
H Memória	Observações	Finda a entrevista, tomar nota das posturas, reacções, hesitações, silêncios e de todos os pormenores pertinentes que recorde.	Notas

ANEXO III: Guião de entrevista

GUIÃO DA ENTREVISTA DE GRUPO

no Âmbito do Curso de Mestrado em Ciências da Educação

da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa,

área de especialização em Tecnologias Educativas

Estrutura realizada com base nas referências apresentadas pelo autor Estrela (1994, pp.342-352)

Tema	Dinâmicas de Grupo
Objectivos gerais	<ol style="list-style-type: none"> 1. Confirmação das observações efectuadas. 2. Identificar ferramentas, recursos e metodologias utilizadas pelo grupo. 3. Compreender o trabalho colaborativo e as interações que se geraram. 4. Compreender os resultados alcançados, grau de satisfação e eficácia e sua evolução. 5. Conhecer o balanço do trabalho desenvolvido pelo grupo e suas aprendizagens. 6. Verificar o impacto da presença do observador não participante.
Blocos Temáticos	<ol style="list-style-type: none"> A. Legitimação da entrevista B. Questão introdutória C. Metodologia D. Interações E. Resultados F. Questões individuais G. Observações H. Validação da entrevista I. Memória

Estratégia	<p>Entrevista semi-directiva.</p> <p>Uma entrevista deste tipo permite colocar questões abertas, possibilitando que os entrevistados direccionem o seu discurso de uma forma livre e criativa, segundo as suas próprias memórias e representações e, ao mesmo tempo, explorar, aprofundar e clarificar pontos do discurso dos participantes.</p> <p>Os blocos temáticos estão organizados sequencialmente no guião da entrevista, embora a flexibilidade na condução do encontro seja admissível de modo a proporcionar a exploração de informações novas e relevantes, respeitando as reacções dos elementos do grupo, à medida que estes elaboram as respostas e desenvolvem o seu discurso.</p> <p>Para combater e minimizar a possibilidade que alguns elementos do grupo fiquem em silêncio ou simplesmente subscrevam a resposta dada, será dada a palavra a todos os elementos do grupo.</p>
Táctica	<p>Para algumas perguntas é indicada uma ou mais de recurso, como complemento e para facilitar o aprofundamento ou desenvolvimento das respostas. Estas questões poderão nem ser necessárias se os elementos do grupo explorarem espontaneamente os tópicos.</p> <p>Apesar da base da entrevista ser a mesma, algumas questões serão dirigidas individualmente aos entrevistados.</p>

GUIÃO

Blocos	Objectivos específicos	Questões	Tópicos
A Legitimação	Explicação da entrevista; Motivar os entrevistados	Esclarecimento do que pretende o entrevistador e o objectivo da entrevista	Clareza
		Duração da entrevista	
		Assegurar a confidencialidade do entrevistado e das suas respostas	
		Ressaltar a necessidade da colaboração do entrevistado	Empatia
		Pedido de autorização ao entrevistado para fazer a gravação	Registo

B Questão introdutória	Introdução	<p>Se começássemos por entoar a célebre canção “Oh tempo, volta para trás...”* que fariam de diferente no âmbito desta disciplina?</p> <p>*interpretado por António Mourão, fado da autoria de Eduardo Damas e Manuel Paião</p>	Abrangência
----------------------------------	------------	---	-------------

Blocos	Objectivos específicos	Questões	Tópicos
C Metodologia	Ferramentas, recursos, técnicas, fontes	Depois de terem terminado o artigo onde incluía, entre outros temas, os métodos de trabalho de projecto, consideram que este grupo os seguiu?	Estratégias Aprendizagens Dificuldades
		As actas foram um apoio efectivo à organização do grupo ou foi apenas uma metodologia adoptada, sem	

		consequências?	
		Descobriram novas técnicas e novos métodos de trabalho?	
		Sei que tiveram algumas dificuldades na utilização da plataforma Ning. Qual a avaliação que fazem e qual o ponto de situação? Consideram ter havido mais vantagens ou desvantagens na utilização desta plataforma, tendo em conta o objectivo deste grupo de trabalho?	
		Além da plataforma, que outras dificuldades apontam?	
		Uma das coisas que condicionou ou impulsionou a “finalização” do artigo foi o prazo da submissão das comunicações para o encontro de Braga ser a 31 de Maio. Que ferramentas utilizaram para a construção e revisão do texto?	
		Alguma vez encontraram mais algum utilizador online no Google Docs?	

Blocos	Objectivos específicos	Questões	Tópicos
D Interacções	O grupo de trabalho; Comunidade de aprendizagem	Consideram ter havido um efectivo trabalho colaborativo?	Trabalho colaborativo
		Participaram no processo de escrita colaborativa? Gostaria que me	Contribuições individuais

		descrevessem o processo.	
		Como consideram ter sido a contribuição que cada um deu a este trabalho e qual a mais-valia oferecida?	
		Houve uma coisa que me surpreendeu: as aulas, que me apercebesse, foram momentos mais de debate e planificação do que de produção direccionada para o artigo. No entanto, de uma semana para a outra (mais precisamente a 24 de Maio) passaram a 12 páginas e já discutiam que não poderia ser short paper mas sim full paper (long, como lhe chamaram). Como isto aconteceu?	
		Consideram que teria sido possível a realização deste trabalho/artigo sem a colaboração activa da Professora Guilhermina?	

Blocos	Objectivos específicos	Questões	Tópicos
E Resultados	Produtos	Como se avaliam em termos da auto-regulação? (cada um dos elementos e o grupo como um todo)	Produtos obtidos
		Como definiriam a vossa eficácia enquanto grupo?	Avaliação
		A vossa preferência recai em que	Eficácia Satisfação Expectativas

		etapa do processo de construção do artigo/produto final?
		Com quantas páginas terminaram? Todos leram o artigo?
		Qual o nível de satisfação que têm com o produto final deste grupo (ainda que em progresso)?
		Quais as vossas expectativas em relação ao artigo enviado para o Encontro sobre Web 2.0, em Braga?
		Quem elegem para fazer a comunicação?
		O Encontro será através de vídeo-conferência. Contam participar?
		Alguém irá participar na Conferência Internacional de Educação, Investigação e Inovação (ICERI 2008) em Novembro (17 a 19), em Madrid? Gostariam de voltar a produzir colaborativamente uma comunicação para este ou outro evento?

Blocos	Objectivos específicos	Questões	Tópicos
F Questões individuais	Esclarecimento das observações	O facto de ter feito o trabalho do grupo de Projecto e Auto-regulação	Motivações pessoais

da Aprendizagem sozinha, já que o colega Carlos deixou de aparecer,

		<p>parece transparecer que a A2 está menos inserida no grande grupo mas isso parece não a ter afectado. Foi por ter estado sempre consciente do trabalho a desenvolver? Deu-lhe maior convicção?</p> <p>Parece ter ficado um pouco triste com as apresentações dos grafos hoje (21 de Junho) na aula...</p> <p>Parece caricato este ter sido um grupo de partilha e a A2 ter trabalhado sozinha. O que aconteceu? Foi a A2 que se excluiu ou foi o grupo?</p>	
		<p>Apenas a 07 de Junho percebi porque a A5 estava sempre a dizer que não sabia e que não percebia nada de tecnologias e de ferramentas Web 2.0, quando me disse que não tinha de fazer a disciplina, que tinha tido equivalência.</p> <p>Sentiu-se, por isso, mais à vontade para se exprimir e revelar as suas dificuldades e fragilidades ou essa postura faz parte da sua personalidade?</p>	

		<p>elementos mais participativos. Está motivada com as novas tecnologias?</p> <p>Sente que estas sessões enriqueceram a sua formação? De que forma vai aplicar o que aprendeu no futuro, na sua prática pedagógica?</p> <p>Há alguma ferramenta da Web 2.0 que pense vir a utilizar?</p>	
		<p>A A6 parece ser uma das mais activas do grupo, ter espírito de liderança e estar à vontade no mundo das tecnologias. O que lhe interessa estudar nas redes sociais?</p>	
		<p>O A8 parece ser o elemento mais tecnológico do grupo, no entanto, em 5 sessões só veio 1 vez. Qual considera ter sido o seu contributo e partilha neste grupo de trabalho colaborativo?</p>	
		<p>O A7 aparenta estar sempre a leste do que se passa nas sessões, focando a sua atenção no seu computador portátil. Considera ser um tecnodependente, ou seja, um dependente da tecnologia?</p>	
		<p>A A3 parece ser organizada, metódica e alguém que gosta de rentabilizar o tempo. Considera que algum desse tempo foi</p>	

		desperdiçado nalgumas sessões de “TIC e Trabalho de Projecto”?	
		A A4 é bastante reservada, o que não invalida, de todo, o seu contributo para o trabalho deste grupo. Gosta mais de acção do que de argumentação?	
		A1, é curioso não ter trazido nunca computador, à excepção da última sessão. Há alguma razão em especial? Não se importa de me explicar o motivo (porque não trouxe na maioria das aulas e porque o trouxe na semana passada)?	

Blocos	Objectivos específicos	Questões	Tópicos
G Observações	Presença do observador	Em alguma altura sentiram que a minha presença e as minhas observações condicionou, de alguma forma, o normal funcionamento do grupo?	Observação não participante
		E a nível individual, sentiram algum desconforto? Coibiram-se de alguma forma?	

Blocos	Objectivos específicos	Questões	Tópicos
H Validação da entrevista	Fecho	Gostariam de falar sobre algum ponto que ainda não tenha sido referido?	Feedback Clareza
		O que acharam da entrevista?	Resultados

		Como classificam a vossa participação?	
		Gostariam de perguntar ou referir mais alguma coisa?	
		Muito obrigada pela vossa disponibilidade, volto a relembrar que as respostas são confidenciais e que, posteriormente, vos disponibilizarei os resultados das mesmas.	

Blocos	Objectivos específicos	Questões	Tópicos
I Memória	Observações	Finda a entrevista, tomar nota das posturas, reacções, hesitações, silêncios e de todos os pormenores pertinentes que recorde.	Notas

ANEXO IV: Transcrição de entrevista

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

de 03 de Abril de 2008 ao grupo do Mestrado em Ciências da Educação
da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa,
área de especialização em Tecnologias Educativas

E1: sexo masculino, estudante do 1º ano do Mestrado de Ciências da Educação, especialização em Tecnologias Educativas.

E2: sexo feminino, estudante do 1º ano do Mestrado de Ciências da Educação, especialização em Tecnologias Educativas.

E3: sexo feminino, estudante do 1º ano do Mestrado de Ciências da Educação, especialização em Tecnologias Educativas.

E4: sexo feminino, estudante do 1º ano do Mestrado de Ciências da Educação, especialização em Tecnologias Educativas.

E5: sexo masculino, estudante do 1º ano do Mestrado de Ciências da Educação, especialização em Tecnologias Educativas.

P2: sexo feminino, professora da disciplina de Aprendizagem Multimédia e Ensino On-line

P3: sexo masculino, professor da disciplina de Ambientes Virtuais de Aprendizagem

Tempo: 43'22"

A entrevista foi efectuada na sala 17 da faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, às 17h do dia 3 de Abril de 2008.

Olá, boa tarde! Antes de começar gostaria de esclarecer que esta entrevista está a ser
2 **realizada no âmbito do meu trabalho final de projecto. Necessito da vossa colaboração**
para perceber um pouco as dinâmicas de grupo, o que vos levou a constituir o grupo,

4 **quais são as vossas motivações, que produtos desenvolveram, quais as dificuldades,**
6 **quais os benefícios que o trabalho em grupo vos trouxe, que tipo de trabalhos**
6 **desenvolveram, que inovação conseguiram...**

A entrevista terá uma duração máxima de 1 hora.

8 **Todas as informações aqui recolhidas são confidenciais.**

Necessito da vossa colaboração de forma a conseguir uma confirmação das observações
10 **que tenho vindo a realizar convosco.**

Solicito-vos autorização para fazer a gravação.

12 (Todos respondem afirmativamente.)

Muitas vezes os grupos são vistos como uma soma de partes. Portanto, não pelo
14 **conjunto em si mas, normalmente há uma divisão de tarefas, cada elemento faz a sua**
parte e depois juntam todo o trabalho. O que pensam desta afirmação?

16 **E4.** Acho que, neste grupo, isso não se verificou. E isso é que é uma mais-valia que eu
encontrei neste grupo. Uma vez que até surgiu a dúvida na cadeira da P2 qual é que era a
18 parte da avaliação individual e a Professora sugeriu, ou houve alguém na aula que sugeriu,
que se dividisse e que cada um apresentasse qualquer coisa eu achava, disse até mesmo isso,
20 que isso ia trair um pouco a nossa cooperação em grupo porque eu acho que aqui realmente, a
ideia que eu tenho daquilo que nós vivenciámos em dois trabalhos que fizemos, é que cada
22 um de nós tem experiências e tem conhecimentos e tem competências, o forte das
competências de cada um é... não há aqui ninguém que seja igual e acho que nos
24 complementamos todos e nos completamos. Um é mais rico nisto, outro naquilo e eu acho
que isso é que é a mais-valia e era aquilo que eu às vezes pensava, era que nós, até, não havia
26 o somatório das partes, mas nós trabalhávamos todos e era um grupo grande, porque às vezes
há grupos que só têm dois elementos e nós tínhamos cinco elementos e todos a trabalharem e
28 o trabalho nunca mais estava terminado e eu pensava “bem, imagina se fosse só dois...”

Queres dizer alguma coisa, E2?

30 **E2.** Eu concordo. Eu acho que... eu não gosto muito de trabalhos de grupo porque tenho más
 32 experiências, no entanto, eu acho que o nosso funcionou. Eu não (me) sinto uma grande
 34 colaboradora mas isso também foi emitido por mim porque eu não tenho disponibilidade. Eu
 36 tenho dois empregos para além do Mestrado, não dá, não dá! Qualquer dia não durmo. E
 portanto, tentei participar naquilo que eu me sinto mais à vontade que é nomeadamente a
 paginação e a formatação e aquelas *coisadas* todas. Porque não dava para desbastar, no
 entanto acho que o grupo aceitou isso, não sei se duma forma pacífica. Mas eu julgo que sim,
 porque acho que cada um acabou por contribuir com aquilo que estava mais à vontade, sem
 sentirmos todos, medir... portanto eu concordo, acho que sim.

E3. Eu acho que houve respeito pela opinião de cada um porque, às vezes, nos grupos
 acontece que há sempre um líder e [E2. E vai tudo atrás, não é?] essa pessoa quer sempre que sua
 opinião seja a última [E2. Prevaleça. E aqui não.] e os outros elementos acabam por desaparecer.
 E acho que isso aqui não aconteceu.

E4. Eu acho que aquilo que a E2 estava a dizer, ela estava a dizer que não tinha contribuído
 muito, mas depois ela própria acabou por se contradizer, porque ela deu o seu contributo. E aí
 é que está, é que cada um deu o seu contributo naquilo em que era mais forte e acho que cada
 um deu mesmo o seu melhor, acho que isso foi visível nos trabalhos.

Eu gostava de vos remeter novamente para a questão, portanto se acham, que todos
 48 **trabalharam isso sem dúvida nenhuma, a minha questão é se acham que no vosso grupo**
houve ou não uma soma de todas as... [E2. Houve, houve soma de todas as partes porque cada um...]
 50 **mas houve soma de individualidades ou houve um trabalho conjunto efectivo?**

E3. Isso não houve. Nós estávamos todos cá na escola, todos estávamos cá dentro daquela
 52 hora, [E2. Sim, houve mais um conjunto de trabalho colectivo.] aquele tempo, e trabalhávamos todos
 em conjunto para um fim, não é?!

54 **E5.**

E4. Pois, agora vamos ouvir a opinião dos homens, até acabo por me sentir mal, exactamente.

56 **E5.**

E5. (referindo-se à E4) Já há pouco referiste a diferença, cada um tem histórias de vida
 58 diferentes, tem competências e visões diferentes. Um trabalho de grupo é sempre uma soma,
 agora, como é que fazemos essa soma? Pode ser de uma forma partilhada, de uma forma
 60 integrada em que cada um tem a sua forma de ver e contribuir para o grupo e como gera
 dinâmicas de visão e, nesse aspecto, o nosso primeiro trabalho foi bastante bom a esse nível
 62 porque nos permitiu um desenvolvimento. É claro que para isto exige tempo e no segundo
 trabalho o tempo não nos permitiu que a metodologia fosse novamente reaproveitada, não é?
 64 Portanto tivemos de ser um pouco mais práticos em muitos pontos do que no primeiro.

E1. É isso mesmo. No primeiro acho que funcionámos somando as partes mas
 66 presencialmente, ou seja, era aquela história daquele texto que tínhamos de trabalhar,
 encontrámo-nos aqui, fomos trabalhando o texto, fomos dando as nossas opiniões e fomos
 68 construindo os materiais. No segundo trabalho já, por uma questão de tempo e de um sentido
 mais prático, já dividimos algumas tarefas e depois agrupámo-las. De qualquer forma, a
 70 prova como funcionámos como grupo é que temos outros trabalhos agora e optámos por ficar
 juntos outra vez.

72 **E há quanto tempo trabalham juntos? Foi desde o início das aulas?**

E4. Foi.

74 **Foi desde que começaram as aulas?**

E4. Foi logo no primeiro projecto...

76 **Foi o primeiro grupo que foi constituído?**

E4. Sim

78 **E5.** Sim.

Nunca trabalharam com mais ninguém?

80 E4. Não.

E1. Bem... espera aí...

82 E3. (referindo-se ao E5) Nós trabalhámos.

E1. Há outras disciplinas...

84 **Noutras disciplinas?**

E1. Noutras disciplinas há outros grupos. Porque nós não estamos todos na mesma turma [E2.

86 Nas mesmas disciplinas] nas mesmas disciplinas.

Mas naquelas disciplinas [E4. em que estamos todos juntos] **tanto da P2 como do P3...!?**

88 E2. Do P3 não.

E5. Não.

90 E4. Não.

E5. Já foram diferentes.

92 E3. Já foram diferentes.

E1. No P3...

94 E3. No nosso caso já não funcionou...

E4. Mas aí a regra foi um pouco diferente. A regra da organização dos grupos na disciplina

96 do P3 era mais por interesses temáticos e não por formação de grupos.

E3. Por formação, sim.

98 **Já se conheciam antes?**

E2. Não.

100 E4. Não.

E1. Não.

102 E5. Não.

E3. Não.

104 **De nenhum lado... e que motivos estiveram origem na constituição deste grupo?**

E2. Olha, foi o facto de não virmos da licenciatura.

106 **Foi a única razão?**

E2. Foi o que mais nos juntou.

108 **E5.** E o texto, na altura foi o texto, também.

E1. Foi o texto.

110 **E4.** Todos somos professores...

Vocês são os únicos que não são universitários, que são trabalhadores estudantes?

112 **E1.** É.

E2. Há mais, há mais. Há a Ana, há o Mário...

114 **E1.** Fez-se ali automaticamente [E2. É. Fez-se o grupo...] uma selecção. O grupo dos licenciados

[E2. E o grupo que já trabalha] e o grupo dos que não são. Depois, dentro dos que não são, foi a

116 proximidade geográfica ali da sala. O Mário ficou com a Ana, estavam ali perto e a Adélia...

E3. Sim, mas a Adélia já conhecia, uma amiga dela conhecia a Ana, juntaram-se logo as duas

118 automaticamente e o Mário como estava perto...

Então vocês, foi o quê? Os restos? (risos)

120 **E2.** Foi mesmo por ser... [E4. Eu lembro-me que estava sentada... E3. Pois, eu lembro-me que estava

sentada ao pé de ti.] eu sei que propusemos ao Professor o grupo ser assim grande exactamente

122 porque tínhamos interesse em ficar todos juntos, exactamente porque éramos... não vínhamos

dos licenciados e portanto como éramos poucos professores...

124 **E como elas começaram a constituir vocês também estavam...**

E2. Ficámos juntos.

126 **E1.** Ficámos ali perto, sentados uns ao pé dos outros.

E3. E depois queríamos o mesmo texto.

128 **E2.** Portanto, ficámos juntos.

E4. E depois por proximidade geográfica da sala.

130 **E depois quando começaram a trabalhar, como é que descrevem, em termos de relação, o vosso grupo?**

132 **E2.** Ai, eu acho que é muito gira. (risos) Olha, eu acho que somos todos os cinco muito diferentes, como podes verificar. Eu sou doida, não é? Sou assim mais... não é? Sou muito
134 extrovertida e tenho pouca vergonha e não sei quê. A E4 é um bocado mais **a miudinha**. O E1 também, mas a E3 já é assim mais tímida, já é assim mais recatada e o E5 é o nosso príncipe
136 da *recatez*. (risos) E depois, quando estamos num grupo mais pequenino, como nós os cinco, o E5, que é a pessoa que eu acho que é mais ... diferencia mais, fica muito diferente do E5 na
138 aula porque fica muito mais... ri-se muito mais connosco... está mais à vontade mas isso eu vejo com os meus alunos: grupos pequeninos são giríssimos para que as personalidades
140 venham mais ao de cima. Se é um grupo muito grande, a turma toda, eles, então coitadinhos... As pessoas que são mais tímidas, têm todo o direito assim como eu tenho o
142 direito de ser louca, não é? [E4. E não é pouco...] Eu acho que depois no grupo pequenino funcionam imenso e revelam-se. A pessoa diz assim: “Olha este... este miúdo não fazia
144 nada... olha vês, ali, no grupo pequenino, como ele teve imensa ideia e dominou e deu ideias e...” Portanto, eu senti isso em relação ao E1. [E5. (Sorri)] À E3 também senti um
146 bocadinho...

Eu propriamente não estava à espera de uma análise individual.

148 **E2.** Ao E1? Ao E5, ao E5. E troco os nomes. Portanto, toda a vida chamei E1 ao E5 e E5 ao E1. E toda a vida, sempre que isso acontece, eu “ai”.

150 **E1.** Há uma coisa importante que é a seguinte, todos nós aqui temos um objectivo que é terminar isto, [E2. (Risos)] com a melhor nota possível. Pronto, e olhando, em termos
152 pragmáticos para a situação, é assim, nós tínhamos de fazer o trabalho em grupo e a melhor

forma de nos ajudar [E2. Está bem, E1, podia não ter funcionado.] Eu penso que as nossas
154 personalidades encaixaram bem umas nas outras.

E3. Eu acho que não tem a ver com isso.

156 E2. Eu acho que há um respeito pela personalidade do outro e acho que isso é muito importante.

158 E4. Mas acho que há... como é que se diz? Há uma coisa que está por trás... os pré-requisitos. Há um pré-requisito de cada um de nós que é a experiência profissional. E nós
160 também já estamos habituados, também temos de trabalhar em grupo, todos pertencemos a grupos na escola, a departamento e não sei quê, não sei quantos...

162 E2. Mesmo assim, olha o grupo do P3 não funcionou tão bem.

E4. Também. Mas também não éramos todos, não estávamos todos no activo, pensa um
164 bocadinho isso.

E2. Está bem mas nós, nós como professores devíamos conseguir, independentemente de não
166 estar tudo no activo, de...

E4. Não, não mas oh E2 mas aí é que está.

168 E3. Eram idades diferentes...

E4. Mas é que nós os cinco, [E2. Não me parece que seja por aí.] nós os cinco somos todos
170 professores, [E2. Está bem mas funcionou, podia não ter funcionado...] temos todos uma experiência de vida e...

172 **Mas isso implica que automaticamente se relacionem bem e gostem uns com os outros?**

E4. Não automaticamente.

174 E2. Eu não concordo muito.

E1. Acho que não é por aí.

176 E2. Eu não concordo muito. Eu acho que tivemos imensa sorte pelo respeito.

Eu já lá vou, tenho uma questão sobre isso.

178 **E2.** Quer dizer, eu estou habituada a tratar as pessoas com respeito, quer as conheça quer não.
E portanto, eu volto um bocadinho ao E5. O E5 como é mais tímido, se calhar, se nós não lhe
180 dermos espaço para ele falar, se calhar ele não fala.

Então vamos dar espaço para ele falar: E5. (Risos)

182 **E2.** Eu acho que o E5 quando quer falar no nosso grupo...

E5. Acho que posso completar o que a E2 está a dizer. Qual era a pergunta? Peço desculpa.

184 **A questão era o clima relacional do grupo.**

E5. Sim, eu acho que a dinâmica tem a ver com o respeito sim, já... Podia não ter resultado.

186 Há grupos de professores que sabemos que não resulta. [**E2.** Eu também acho. Isso eu também acho.]
Aqui resulta.

188 **Vocês acham que, além do grupo, além de terem de trabalharem em grupo e de se
juntarem com essa finalidade, vocês reúnem-se para outro tipo de coisas? Relações mais
190 informais, tipo ir beber um café ou ir a uma festa?**

E3. Fomos ao teatro.

192 **E2.** Vamos às vezes ao teatro. Já fomos as três ao teatro.

E3. Já fui às compras com vocês.

194 **E2.** Nós às vezes vamos às compras...

Só as meninas, então, é isso?

196 **E2.** Mas sabes porquê? Porque eles são casados, os dois.

(Risos) Ah, pronto!...

198 **(Risos)**

E1. Pelo facto de ser casado a vida não se acaba...

200 **E2.** Não, eu expressei-me mal... Não é que eles, se não fossem casados, eu tivesse outro tipo
de comportamento com eles. Não teria de todo.

202 E1. Cá está uma análise de conteúdo com outro tipo de justificação / uma grande interpretação.

204 E2. Não! Agora, eu percebo que uma pessoa chega, esteve a trabalhar, vem para o Mestrado, vem fazer o trabalho de grupo, a seguir quer é ir para o pé do seu amor. Quer ir para o pé da... quer ir para a sua casa... ao menos... [E4. Tratar dos miúdos. (Risos) Por acaso... e do futebol.]
206 ele tratar dos miúdos, ele tratar da casa e da mulher, quer dizer... e está... acho que é isso que
208 lhe compete, não é? Não é, não vamos agora todos, sempre que fazemos... oh E5, olha, anda também ou oh E1 anda também, *cagarico, cagaréu* para as vossas mulheres, filhos e afins,
210 venham para a borgia.

E1. Mas iremos fazer isso.

212 E2. Sim, eu não digo que não...

E1. Podemos ir jantar ou outra coisa qualquer.

214 E2. Mas digo que, se calhar, não sai mais naturalmente também porque eles têm depois uma vida familiar mais... *no que trabalhar.*

216 E4. Mas também tem a ver com a localização. Eu e a E2, por exemplo, encontramos-nos muito mais porque vamos a pé para casa uma da outra. Portanto é natural.

218 **Ok, ok. E com os outros colegas de grupo, vocês estabelecem algum tipo de relação mais profunda ou tentam aproximarem-se mais com os outros grupos de trabalho, com os**
220 **colegas dos outros grupos de trabalho?**

E2. Falo com toda a gente. Mas não tenho relacionamento para além de “Olá estás bom? O que é que se passa?”

O que eu pretendo aqui saber não é só se se dão bem ou se não se dão bem mas sim em
224 **termos de ligação de grupo, de grupo de trabalho, ou seja, de partilha de informação, de consulta...**

226 E3. Sim. No geral sim, não com todos, com alguns elementos sim.

E2. Sim, com a Ana...

228 **E1.** Com Ana, com o Mário, com a Adélia...

E3. Lá está: com o outro grupo de... professores.

230 **E4.** Acho que é só mesmo com o outro grupo. Quer dizer, eu acho que se precisarmos a gente vai à própria pessoa, agora haver aquela coisa... por exemplo, até se vê quando a gente se encontra no bar, como é que nos formamos na mesa.

E5. Pois...

234 **E2.** É, nós ficamos sempre juntos.

E1. É. Os dois grupos juntam-se...

236 **E4.** Vimos nós, vimos a Ana, vimos o Mário, vimos a Adélia, ficamos ali...

E3. Talvez quem se mistura mais do outro grupo, talvez a Rute. (Silêncio) Não?

238 **E4.** Não... quer dizer, não... eu acho que não é bem por isso, é por haver os interesses, as experiências porque eles também já vinham, já eram colegas há mais... não quer dizer que a gente não fale, ou que se a gente precise de alguma coisa...

E3. Sim, de partilhar.

242 **E4.** Não sei, sei lá. O que é que vocês acham?...

E1?

244 **E1.** É. Não, mas é isso.

É?

246 **E1.** É.

O E5 também?

248 **E5.** Há um sentido de pertença ao grupo dos mestrandos, que é natural, já que estamos aqui com esse objectivo...

250 **E1.** Não, claramente, claramente e ainda agora foi focado aqui por esta Professora Ana **Sal**,
 claramente que, mesmo sem se querer, existem dois grupos naturais dentro da sala: o grupo
 252 dos recém-licenciados e o grupo dos outros.

E3. A própria professora disse [**E2.** Que somos nós os professores.] que é muito difícil até para os
 254 professores [**E1.** Isso é natural.] respeitarem isso e irem de encontro aos interesses, porque um
 grupo tem interesses completamente diferentes do outro grupo.

256 **E1.** Isso é natural. Depois dentro do grupo dos ditos professores, nós fizemos dois grupos e
 ficamos com as outras pessoas. Eu, por exemplo, nesta turma, há ali pessoas com as quais eu
 258 nunca falei. Sei quem são, sei que são da minha turma, nem sei como se chamam.

E2. Também eu. Olha aquela magrinha, de óculos e a amiga de cabelo esticadinho... mas não
 260 sei quem são.

E1. Sei quem são, abano-lhes a cabeça [**E2.** Digo olá mas não faço a mais pálida ideia [**E3.** Não sei o
 262 nome.] como se chamam, nem...] agora se temos dificuldades, por exemplo, relativamente a
 alguma matéria ou compreensão de alguma coisa, conversamos com o outro grupo dos
 264 professores, também. Pronto.

As vossas reuniões são sempre presenciais?

266 **E3 e E2.** Não.

Utilizam então... [E3 e E2. A Net.] SMS, telefone, e-mail...?

268 **E4.** Sim.

E2. Usamos e-mail, telefone [**Messenger...?**] e aquela sessão que nós tentámos fazer... (Risos)
 270 [**E5.** Que foi ótima.] só estava eu o E5 e a E3... porque o computador dela não deu...

E3. O WiZiQ, né?

272 **E5.** Exacto.

Fizeram o quê, então? Desculpem.

274 **E2.** Fizemos uma sessão síncrona.

E1. Aquelas sessões síncronas... Mas o e-mail, acima de tudo, foi uma coisa que utilizámos
276 bastante.

E5. É, foi.

278 E2. Foi, foi o e-mail.

E3. O essencial.

280 E1. O e-mail, **são os alarmes / o Sousa bar.**

E2. O e-mail, telefone e a sessão síncrona. Ah, e o Messenger!

282 **A sessão síncrona foi a mesma que fazíamos na escola 2.0?**

E5. Foi no WiZiQ. Foi só uma experiência.

284 E3. Mas aquilo correu mal. Em todos os pontos.

E5. Tendo sido a primeira experiência tem sempre pontos negativos.

286 E2. Não, mas é bom saber que existe.

Qual foi a frequência, mais ou menos, das vossas reuniões?

288 E2. Tudo dependia da entrega dos trabalhos. Havia... para o primeiro trabalho...

E1. Na altura era uma vez por semana.

290 **Uma vez por semana?**

E2. Foi.

292 E1. Foi. Era às Quartas-feiras, salvo erro, andámos aí. Uma vez por semana.

E2. Sim.

294 E1. Como padrão pode ficar isso.

E2. Sim.

296 **E de que forma as fontes de informação são consultadas, filtradas e trabalhadas pelo grupo? Isto vai um bocadinho de encontro, ou na continuação, daquela pergunta que**
298 **vos fiz há pouco.**

E1. Da soma dos trabalhos?

300 **Exacto.**

E4. Repete lá a pergunta, desculpa lá.

302 **De que forma as fontes de informação que consultaram para fazer os vossos trabalhos são, no fundo, trabalhadas, filtradas e consultadas...**

304 **E2.** É que nós, tendo em conta o tema, eu acho que nós íamos ver primeiro que informação é que poderíamos já ter em casa, livros... sei lá, estou-me a lembrar do livro amarelo, já
306 tínhamos e não era preciso comprar. [E5. Hum, hum. Sim.] Pronto, este tipo de coisas, primeiro partir do princípio de que, primeiro temos a informação nós, vamos ver em livros e... ou
308 livros ou saber em que sites [E4. E depois cada um...] e *links* e não sei quê e depois cada um partilhava.

310 **Se é que posso sintetizar, cada um ia ver em que poderia contribuir, já que tivesse para determinado trabalho [E2. Sim, sim. E5. Foi.] e depois partiam daí...**

312 **E2.** E depois se fosse preciso... por exemplo, eu comprei aquele da Internet e não sei o quê porque achei que era pertinente ou íamos consultar, ou comprávamos, ou fotocopiávamos,
314 ou...

E4. Eu acho que houve uma metodologia que acho que foi muito importante e que aí está a
316 mais-valia do nosso grupo e acho que tanto funcionou no primeiro trabalho como no segundo que era, quando nos encontrávamos e distribuíamos as tarefas de TPC (trabalho para casa)
318 para a semana seguinte, nós aí íamos rentabilizar o que cada um podia dar melhor, e então um ficava com a pesquisa ou a completar qualquer coisa da Internet, outro ficava com este livro,
320 outro ficava em fazer não sei o quê...

Ou seja, cada um ficava responsável por trazer material para poderem trabalhar em
322 **grupo e, ao mesmo tempo, [E4. ...e, ao mesmo tempo, no fim de trabalharmos o produto...]**
complementavam para a próxima reunião de grupo, não é?

324 **E5.** Pois.

Consideram isso uma nova técnica de trabalho? Consideram que, neste tempo todo que trabalharam juntos [E2. Não, nova técnica não, mas...] descobriram alguma coisa nova?

Alguma nova maneira de fazer as coisas?

328 **E1.** Não.

E2. Não.

330 **E1.** Eu, pessoalmente, acho que não. O que nós fizemos foi, acima de tudo, assentarmos as coisas e sermos organizados. Como a E4 estava a dizer, quando estávamos juntos
332 distribuíamos tarefas para cada um de nós no sentido de, na próxima vez que estivéssemos juntos, podermos rentabilizar o tempo, espremendo aquilo que tínhamos feito, como trabalhos
334 de casa, para... pronto foi só. Eu acho que, acima de tudo foi uma questão de organização, de boa organização, mais nada, não.

336 **E3**

E3. Sim. Não, estou contigo.

338 **E1.** Não, não descobrimos nada de novo.

E5. Não há nada de inovador.

340 **E2.** Não.

Então, como definem ou definiriam a vossa eficácia enquanto grupo?

342 **E2.** Boa. Porque a mantivemos. Agora os trabalhos de grupo deste semestre que nós pudemos fazer juntos...

344 **Mas eu refiro-me e estou-me a reportar aos anteriores.**

E1. Nós só fizemos dois, não é?

346 **E2.** Mas os dois que fizemos foram com sucesso então, há bocadinho aquilo que o E1 dizia, “em equipa que ganha não se mexe”, não é? Em equipa ganhadora...

348 **E1.** Entregámos dentro do prazo, cumprimos os prazos, cumprimos os objectivos que nos
foram propostos, **[E2.** ...que nos propusemos...] cumprimos os prazos, apresentámos dentro
350 daquilo que estava, portanto eu penso que...

E quais foram as dificuldades que vocês encontraram? As maiores dificuldades? Se as
352 **houve...**

E5. A gestão do tempo a nível individual, eu pelo menos senti, e a nível de grupo, para
354 conseguirmos **[E1.** ...conciliar...] ter tempos comuns para pensar, partilhar, encontrar...

E2. Sim, para nos encontrarmos, porque é um grupo grande...

356 **E4.** E porque cada um tem uma vida 48 horas sobre 24. (Risos) Porque a gente tem de ganhar
o dinheiro para andar aqui. (Risos)

358 **Mas, à parte da dificuldade de conseguirem conciliar os horários individuais e pessoais,**
em termos de trabalho de grupo, encontraram alguma dificuldade que conseguiram
360 **entretanto ultrapassar? Porque se se avaliaram com uma boa eficácia quer dizer que, se**
tiveram alguma dificuldade, conseguiram ultrapassá-la... mas isso já sou eu a
362 **interpretar...**

E2. Julgo que não. Acho que o grupo está muito engraçado...

364 **E4.** Mas houve uma mais-valia, foi do respeito.

Não houve nenhum tipo de conflito, então?

366 **E1.** Não.

E4. Todas as... todos os *handicaps* de cada um.

368 **E2.** Não, não. Sempre que se não se concordava... “Oh pá, não gosto dessa cor, aí pá, não
gosto desse risco, eu não concordo com isso” era na hora e portanto ficava ali
370 automaticamente resolvido.

Mas isso vai de encontro a uma coisa que a E2 já afirmou e que era como é que sentiam

372 **a vossa individualidade dentro do grupo? Como é que sentiram que foi a vossa individualidade tratada dentro do grupo?**

374 **E2.** Com respeito.

Acharam que foi respeitada, preservada, se foi ouvida, foi tida em conta?

376 **E2.** Acho que foi. Com respeito e considerada.

E1. E preservada.

378 **E2.** Porque o considerar implica preservar e ter em conta, não é? Portanto eu acho que foi respeitada e considerada, acima de tudo.

380 **E4.**

E4. Eu também acho. Nomeadamente, quer dizer, enquanto um dos meus *handicaps* pode ser o domínio das novas tecnologias e das plataformas e não-sei-quê das pesquisas e o grupo
382 respeitou isso e aprendi imenso e ajudavam-me... permitiu-me aprender outras coisas e dar
384 onde eu poderia dar mais, nos livros...

Uma partilha.

386 **E4.** Exactamente.

E1. Preservada e respeitada.

388 **E3, também sentiste a mesma coisa?**

E3. Também. E também sabermos, às vezes, pode haver uma coisa ou outra, que achamos
390 que, de encontro à minha natureza, podia não gostar tanto assim mas sabemos aceitar, porque
vence a maioria, não é? Acho que isso é importante.

392 **E5.**

E5. Concordo com o que já foi dito.

394 **E2.** Não pode ser sempre o último a falar.

E5. Vamos ver qual é a pergunta.

396 (Risos)

Por acaso, até posso começar pelo E5.

398 **E5.** Pronto, estás a ver?

**É uma pergunta difícil, por acaso. É melhor o E5 começar. Estou a brincar. Foi uma
400 pergunta sugerida pela P2, por isso é que eu estou a dizer que é uma pergunta difícil.
Até vou ler e tudo. Sei que o objectivo deste grupo passava pela construção de um guião
402 e desenvolvimento de um produto. Distinguiram o processo de construção do produto e
o guião multimédia?**

404 **E5.** É uma excelente pergunta, realmente...

É, não é?

406 (Risos)

E5. Podes ler a última parte, só?

**Sim, se conseguiram distinguir o processo de construção do produto e o guião
408 multimédia? Como vimos nas apresentações há cerca de um mês, apenas dois grupos
consequiram efectivamente desenvolver o guião multimédia. No vosso caso, eu sei que
410 isso não aconteceu na totalidade, no entanto, daquilo que fizeram, ainda fizeram uma
ligeira introdução, do que fizeram conseguiram distinguir um processo do outro ou
412 acham que seguem paralelamente e não se distinguem?**

414 **E5.** Este foi o trabalho em que, com mais tempo, poderíamos ter feito melhor e, nesse
aspecto, poderíamos ter vincado essa distinção.

416 Penso que sim, isto foi com o tempo, também. Fomo-nos apercebendo da distinção entre o
guião e o produto, o produto dava mais trabalho, investimos mais nele e depois recordámos
418 que realmente era preciso o guião e andámos assim para a frente e para trás nesse aspecto
mas foi um processo que foi construído ao longo do tempo, esta distinção.

420 Mas ouve, isto estava presente, às vezes o trabalho é que era tão denso para aquilo que..., já
nem pensávamos quase no guião. [E3. Se calhar também é falta de tempo, não? Pois.] Pois...

422 **Mas acham que é o mesmo que produzir um texto, um PowerPoint, ou...?**

E5. Não

424 **Não é semelhante?**

E1. Não

426 **E5. Não**

E podem desenvolver um pouco mais, se faz favor?

428 **E1.** Eu acho que a dificuldade que tivemos nesse trabalho foi, colocando as coisas assim
claras, talvez não tenhamos entendido, logo no início, o objectivo do trabalho, não sei...

430 **Ainda assim conseguiram?!**

E1. Vamos lá ver. Depois de compreendermos o objectivo do trabalho, pudemos retocá-lo
432 quando tivemos uma reunião, antes de o entregar definitivamente, com a professora onde ela
fez a sua análise sobre o trabalho. E aí, e em função daquilo que também nos foi mostrado,
434 percebemos que nos estávamos a desviar um pouco daquilo que tinha sido proposto
inicialmente.

436 A questão é que talvez nós, no início, não tenhamos entendido, eu digo nós, enfim, [E3. Sim, o
grupo.] quase todos, tenhamos entendido o que é que era necessário construir e daí termos
438 seguido um determinado caminho que fez com que fizéssemos um produto que tivesse sido
centralizado no formador e não centralizado no aluno, que era aquilo que se pretendia. E
440 depois tivemos que fazer, portanto, a tal rectificação.

Agora, entendemos depois, no fim, qual era a finalidade, tanto entendemos que rectificámos
442 e, como o E5 diz e bem, talvez com mais tempo e com esta explicação intermédia que chegou
já para nós na ponta final do trabalho pudéssemos ter feito um trabalho melhor nalguns
444 aspectos, não técnicos mas sim de guião propriamente dito, aquilo que é o sumo de um guião.

Mas pronto, apostámos mais na parte técnica do que na parte de construção propriamente dita
446 do guião.

Mais alguém quer dizer alguma coisa?

448 **E2.** Não. Eu concordo.

E3. Ele já disse tudo.

450 **Ok, então este foi o trabalho que mais vos desafiou?**

E5. Nesta cadeira?

452 **Dos trabalhos que vocês desenvolveram como grupo, foi o que mais...**

E5. Ah, como grupo? Também só foram dois. (Risos) Os dois foram desafiantes.

454 **E4.** Acho que os dois foram desafiantes.

E2. Foram feitos de formas diferentes.

456 **E4.** O problema deste foi, efectivamente, a dificuldade inicial em perceber [E2. Que tínhamos de
fazer as duas coisas.] o que era pedido, em compreender o que era pedido. Em compreender o
458 que era pedido.

E1. Contextualizar este trabalho. Este trabalho nasceu, foi proposto logo, penso, na primeira
460 semana de aulas, quando se fez a planificação para o semestre. O que foi pedido foi: fazer
isto, fazer isto, fazer isto e este trabalho ficou logo presente. Depois foram surgindo outros e
462 nós deixámos este trabalho de lado, penso que nem tínhamos grupo nessa altura, ou se
tínhamos não faço a mínima ideia. Mas ficou sempre, nunca ficou, pelo menos para mim,
464 muito claro qual era o objectivo final do trabalho, muito claro e... aliás, a apresentação dos
trabalhos todos também deixou transparecer isso um bocado, tanto que, todos na mesma sala,
466 nem toda a gente seguiu o mesmo caminho. Agora, pronto...

Mas, pelo menos, todos compreenderam que deveria ser uma aula [E1. Evidentemente.]
468 **para se publicar online [E1. Sim senhor.] e que alguém poderia consultar aquilo e que**
depois até eventualmente pudesse ser reutilizado, não é?

470 **E1.** Essa percepção apareceu muito no fim. Essa percepção apareceu muito, muito no fim,
porque quando se começou por falar, no início, o que é que era um guião, nós tivemos
472 algumas discussões dentro da sala de aula para tentar perceber concretamente o que é que era,
o que é que se pretendia. Portanto, como trabalho, constituiu o maior desafio nesse aspecto
474 porque, enquanto no outro era, no fundo, elaborar um trabalho sobre um determinado texto, o
texto estava lá, era aquilo e ponto final, neste tínhamos que criar qualquer coisa e, nesse
476 aspecto, deu algum...

**E não acharam que o guião, no fundo, era muito semelhante a uma planificação de uma
478 sessão?**

E1. O nosso?

480 **Não. O que consideram desta minha afirmação? Consideram que o guião multimédia se
era ou não em muito semelhante, o E5, por exemplo, que é formador, a uma
482 planificação de uma sessão? (Silêncio) Com os objectivos, com os destinatários, com a
duração, com...**

484 **E5.** Sim, isso é a caracterização de um guião. Pode ser uma sessão, podem ser várias.
(Silêncio)

486 **E2.** Sim...

E1. Eu, nesse aspecto, acho que ele cumpriu esse objectivo depois, até.

488 **Fizeram este trabalho e fizeram aquele do artigo, não foi?**

E1. Sim.

490 **Foram os dois trabalhos concluídos deste grupo?**

E4. Do texto.

492 **Do texto, exacto. Não era o artigo, era o texto.**

E4. Não confundas com o artigo. Isso do artigo é outra história. (Risos)

494 **Esse do artigo eu não estive presente, pois não?**

E4. Não.

496 **Então não me interessa mesmo.**

E qual foi o vosso nível de satisfação? Estou talvez a repetir, já me disseram que
498 **gostaram, que a nota, pelo menos, foi de encontro às vossas expectativas...**

E4. Sim...

500 **Qual é que deu mais prazer fazer?**

E1. Pessoalmente, foi o primeiro.

502 **O primeiro... E3.**

E2. Eu também.

504 **E3.** O primeiro, sim.

A E2 é que disse. Eu disse E3, para responder.

506 (Risos)

E3. Mas eu também disse, o primeiro.

508 **Mas eu não ouvi.**

E3. Só que a E2 passou por cima.

510 **E qual foi a tua resposta?**

E3. Foi o primeiro.

512 **Foi o primeiro. E4.**

E4. Eu gostei de fazer os dois. Eu acho é que é o seguinte, no primeiro nós tivemos mais
514 tempo [E3. E no segundo não.] e no segundo tivemos, porque era isto que o E1 estava a dizer,
apesar do segundo ter sido proposto logo no primeiro dia, entretanto foi para o fim, porque
516 entretanto meteram-se milhares de trabalhos e depois nós também não compreendemos logo
qual é que era o objectivo porque logo inicialmente, ficou ali... havemos de fazer um dia para
518 esta cadeira isto, pronto. E então, eu acho que, por causa disso, é que não conseguimos
realizar com tanto êxito como o primeiro. [E3. E esse era mais importante.] Se posso dizer assim.

520 Agora, eu acho que os dois, porque aprendemos, eu falo por mim, aprendi imenso com o
segundo. Só que também gostaria que no segundo tivesse sido aplicada exactamente a mesma
522 metodologia de grupo que foi utilizada no primeiro que foi encontrarmo-nos mais vezes e não
sei quê. Só que é impossível, não conseguimos esticar o tempo.

524 **E5.**

E1. Agora para global satisfação. Posso dizer uma coisa?

526 **Sim.**

E1. Nós tivemos 16 e se pudéssemos ter 17 não tínhamos 16 e se pudéssemos ter 18 não
528 tínhamos... e por aí fora. [Pois é, é a vida...] E se pudéssemos ter 20 ficávamos todos
satisfeitos. Obviamente que, depois de ver os trabalhos dos outros eu também tenho de ter
530 uma noção de comparação e, tendo em conta, a percepção dos objectivos finais do trabalho,
já na ponta final do trabalho, e olhando para alguns trabalhos que lá estão, acho que a nota, a
532 nossa nota, pronto, se ajustou. Não vou agora discutir as notas dos outros, não interessam
para aqui. Se ajustou, pelo menos, na primeira conversa que tivemos com a Professora, ela
534 tinha-nos colocado a questão de que o trabalho era para 15 ou para 16 e nós dissemos “vamos
mexer no trabalho” e depois eu fiz questão de lhe mandar o tal email a dizer que esperava que
536 agora a nota tivesse de acordo com a nossa expectativa. Portanto, o grau de satisfação é... é
moderado. Não andámos aos pinotes. Acho eu, pelo menos (eu) não andei.

538 **E5, por favor.**

E5. É também a primeira... Aliás, o que a E4 há pouco disse, vai ao encontro daquilo que eu
540 penso. O primeiro foi também... e agora em relação à entrevista, a primeira pergunta do
enquadramento do grupo, também serviu para nós, enquanto grupo, no primeiro trabalho, nos
542 conhecermos, nos tornarmos mais respeitadores e conhecer a opinião do outro mas também,
inicialmente, levantou aquele desafio; era um trabalho em inglês, técnico, com variáveis
544 estatísticas... Inicialmente até parecia um pouco chato para além do tema mas depois,

conseguir retirar tudo aquilo e torná-lo simples para uma apresentação, foi um desafio que
546 vencemos com... com alguma satisfação. Portanto o primeiro foi...

E o primeiro foi o que teve maior impacto a nível da apresentação aos vossos colegas?

548 **E2.** Foi.

E4. Foi, o primeiro teve... mesmo a nível de apreciação por parte da Professora. A P2, pelo
550 menos, a expressão dela foi que, realmente, gostou muito do primeiro e no segundo trabalho,
com toda a razão, e por aquilo que o E1 já disse, quer dizer, que não conseguimos atingir
552 tudo aquilo que era esperado.

E1. Temos que o vender melhor.

554 **(Risos) Consideram que o produto final é o culminar de um processo criativo?**

E4. Criativo e não só. E trabalhoso. (Risos) (...) Faz favor!...

556 **(Vou solicitando respostas olhando para cada entrevistado)**

E1. Sim.

558 **E2.** Sim.

E5. Sim.

560 **E4:** Sim.

E3. Sim.

562 **Qual o grau de inovação que consideram ter aplicado nestes dois trabalhos?**

(Silêncio)

564 **Houve alguma característica que pensem “aquilo funcionou bem”? “Aquilo era original
e funcionou bem.” Conseguiram vender uma ideia, ou uma...**

566 **E1.** O termos colocado o trabalho no WordPress, mais ninguém fez isso. Acho que foi uma
ideia que ficou engraçada e ficou funcional para qualquer pessoa e em qualquer lado,
568 portanto, nesse aspecto... Não é inovadora, não é? Portanto, no fundo aquilo é um Blog e o
que nós fizemos foi montar aquilo para ficar em formato de página.

570 **Mais alguém se lembra de alguma coisa inovadora?**

E2. Não.

572 E3. Só se foi a cor dos nossos diapositivos [E5. (Risos)] no primeiro (trabalho), não é? [E5. Pois.] O fundo era preto, todos os outros eram azuis, não é?

574 E4. (Risos) **Foi uma surpresa na aula.**

E1. Mas com justificação para isso.

576 **Lá está, era isso que eu queria que vocês dissessem, que eu lembro-me perfeitamente disso.**

578 E1. Com justificação, não estava lá à toa.

Então, a questão é exactamente essa, a inovação.

580 E1. Sim, mas aí há inovação e a E2 pode explicar melhor.

E2. A inovação foi tentar conciliar a cor com o tema. Uma vez que eram as relações que se
582 poderiam gerar, tendo em conta a tecnologia e a não... portanto, o uso da nova tecnologia e o
não uso da nova tecnologia, nós achámos que o preto seria bom pelo lado mais nobre, [E3.
584 Escuro, pela...] mais escuro da coisa, mais [E1. Efeito tela.] escurecido, a incerteza, o misterioso e
que o cor-de-rosa [E4. Era a paixão.] era a paixão, um amor que poderia, eventualmente, [E3.
586 Surgir.] surgir nessas relações [E4. Online.] online.

**Porque isso até ia de encontro [E4. Ao tema.] aos gráficos, aos tais gráficos que depois
588 vocês tinham que...**

E2. Quando apresentámos depois, no fim, justificámos as cores.

590 E4. Aliás, foi escolhido no fim de nós termos trabalharmos todo o produto, o texto e no fim
de o termos transformado.

592 E2. Sim, mas aí estava tudo a preto e branco, não é? E depois, quando fomos paginar,
pensámos nisso. Portanto, fomos originais nesse aspecto.

594 **E5, mais alguma coisa a acrescentar?**

E5. Não.

596 **Gostariam de falar sobre alguma coisa que eu ainda não tenha perguntado?**

E2. Não.

598 **Ou algum ponto para trás que não ficou bem esclarecido?**

E2. Olha, nunca me tinha acontecido e achei engraçado ter uma observadora. (E5 ri) Portanto,
 600 achei muito engraçado. Conheci-te e pronto e acho que tenho aqui uma amiga para a vida,
 não é? “Olá Teresa e tal, estás boa?” [E3. Olha, mas isso eu acho estranho.] Acho engraçado porque
 602 nunca tinha acontecido. E uma das coisas que eu tive medo que me acontecesse era inibir-me.
 Tipo esta fulana sabe imenso, já está muito à frente, vai achar que nós somos uns
 604 ignorantezinhos que aqui andamos a apanhar papel. E depois o engraçado, também tem a ver
 com a tua forma de estar, não é? que és muito terra-a-terra e portanto tem muito a ver com a
 606 tua forma de estar, és uma pessoa muito... de fácil trato e *enturmas-te* bem, portanto foi
 muito agradável.

608 **Obrigada.**

E4. Olha, eu quero complementar. Queres dizer também?

610 E2. E portanto nunca me tinha acontecido, [E4. Diz, diz, que depois eu digo.] estar a trabalhar e ter
 uma pessoa... achei engraçado e não me inibiste.

612 **Não deve ser fácil, não.**

E1. Como é que a Teresa ficou no grupo? Se te lembras, a maior parte das pessoas da sala, lá
 614 está, ou perceberam mal o que a P2 disse ou olharam para a Teresa como alguém que viesse
 dar trabalho, viesse dar trabalho ao grupo. Eu lembro-me perfeitamente dalgumas
 616 justificações dentro da sala, que estavam cheios de trabalho, que ias dar trabalho. E acabou
 por ficares, estava sentado ao pé de ti, quer dizer, eu acho que não só não deu trabalho
 618 nenhum como até nos ajudou, porque houve alturas em que olhaste para os trabalhos e
 portanto nunca senti isso como observadora. Eu pelo menos nunca te senti como observadora,

620 tanto que até nos emails que mandámos, comecei a incluir lá o teu nome para veres o
trabalho, portanto foi uma pessoa que trabalhou connosco de certa forma, não participando e
622 não tendo nota.

E3. Mas lá está, isso tem muito a ver com [E1. O feitio da pessoa.] a dinâmica da pessoa, com o
624 jeito da pessoa.

E2. Porque até a forma de ela estar, se calhar, vem para aí outro observador qualquer e nós
626 sentimo-nos inibidos, não é?

E1. Não. Se calhar não observava aquilo que ela observou, se tivesse essa postura. [E3. Pois.]
628 Porque no fundo nós, de certa forma, integrámo-la no grupo. É como se fosse uma pessoa do
nosso grupo. Trocámos informações como se fosse uma pessoa do grupo e não nunca na
630 perspectiva do observador, não é?

E2. Pois, e isso é bom, conseguir isso. Eu acho.

632 **E4.** Era mesmo isso que eu queria dizer. Eu lembro-me que eu faltei à aula em que tu foste
integrada no grupo. E quando nos reunimos nas férias do Natal pela primeira vez, o E1 e o E5
634 falaram-nos que tu virias e eu nem estava, porque eu nem te conhecia, nem estava a ver que
eras tu, pensava que era outra Teresa, que também pertence ao nosso Mestrado. E então...
636 pronto, está bem. E eu pensava que era aquele dia, depois no fim, vieste tu, que eu nem
sequer conhecia e virias para ficar. Mas que ainda fiquei, pronto...mas então não é só hoje?
638 E, de repente, foi assim por segundos, pensei assim “bem, agora vai-nos mesmo observar?”.
E quando tu tiraste o bloco, e depois sempre a escrever, “vai escrever tudo o que vamos
640 dizer? Bem, bem, cuidado com aquilo que vamos dizer”, pensei.

E realmente, uma mais valia foi a maneira como te integraste porque concordo exactamente
642 com tudo o que foi dito, era aquilo que o E1 estava a dizer. Agora quando o E1 estava a falar
eu também estava a pensar: pois, se calhar, se tu não te integrasses da maneira como
644 integraste, como um elemento do grupo, se calhar nós até reuniríamos ou trocaríamos o

trabalho sem mandar para ti. E nós, quando mandávamos para todos, todos, incluía sempre a
 646 Teresa. E quando voltávamos a reunir, nós nunca nos reunimos sem te avisar. “Avisaram a
 Teresa?” Por isso é que eu acho que aí estás de parabéns pela maneira como soubeste integrar
 648 e não ficaste como observadora e acho que conseguiste observar tudo. Observaste mesmo [E1.
 Observaste o estado natural.] a realidade.

650 **O estado natural...**

E4. É verdade, é verdade.

652 E1. É. É mesmo. Porque repara bem, um observador que está colocado dentro de um grupo,
 que tem uma ligação próxima com um determinado professor que nos vai avaliar, se é uma
 654 pessoa com outro determinado feitio, não interessa, podia condicionar bastante a nossa
 presença e...

656 **Mas, deixem-me dizer, que isso também se deve a vós.**

E1. Claro. Também.

658 E4. Não, mas também a ti.

Porque se vocês também fossem de outra maneira, se calhar, a minha reacção...

660 E4. Porque podias não te saber integrar, podias não saber ser um bom observador
 participante. E, se calhar se fosses não participante...

662 **Mas o meu objecto não era ser participante...**

E4. Mas soubeste ser.

664 E1. Claro, era observar.

E2. Mas se soubeste ser um participante e invisível, sem nos dizeres se estava bem se estava
 666 mal, se a professora ia gostar se não ia, se... mas soubeste dar dicas que nos ajudaram depois
 na... [E4. Em tudo.] no produto final, estás a perceber?

668 E4. Mas se tivesses só de binóculos, se tivesses só de presença física, ali com uns binóculos,
 se nós sentíssemos essa lupa da tua parte, nós se calhar ficaríamos muito mais inibidos, não

670 é? [E3. Então quem...] Mas tu participaste [E3. ...os que somos tímidos, não é?] nem que fosse fisicamente.

672 E3. Nós que somos tímidos...

Sentiam-se pressionados, não é?

674 E2. Ah, e não são? (referindo-se à E3) (Risos)

E1. A única crítica à observação era o cachecol do Benfica na mala. Mas isso...

676 E5. Bom, não se pode...

E4. Mas isso aí, isso aí podes ter sempre. (Risos)

678 **Mas isso foi só um dia. Isso foi um dia.**

E1. Ah, mas é uma boa crítica, construtiva.

680 **Ah!...**

E1. Mas pronto.

682 E2. Devia ser verde e dizer Sporting.

E1. Inibiu, inibiu-me o raciocínio para esse dia.

684 E4. Mas isso eu não concordo, não concordo, pronto.

E1. Nesse dia inibiu-me a intelectualidade.

686 **Gostavam de perguntar alguma coisa diferente, sem ser este tema, mais nada?**

E2. Não.

688 **O que acharam da entrevista?**

E2. Estava bem-feita.

690 **Obrigada. Mas hoje são só elogios... (Risos)**

E2. Foste tu que fizeste?

692 E1. Acho que, acima de tudo, foi informal.

Sem ser aquela pergunta que eu vos disse ter sido sugestão da P2...

694 E2. Tem é 3 perguntas que eu acho idênticas.

Achas?

696 **E2.** Acho. No início.

Se calhar eu é que não as soube fazer porque eu não quis estar a ler e, se calhar, fui eu
698 **que não soube fazer.**

E2. Ah, pronto. Ia tudo muito dar ao mesmo. Sobre o relacionamento.

700 **Hum, hum. (anuência)**

E4. Se calhar nós é que funcionámos...

702 **E5.** Se calhar nós é que levámos para o mesmo sítio.

Pois, se calhar as vossas respostas é que não foram aquelas que eu esperava.

704 **E2.** Não, não, **nós respondemos àquilo** que tu perguntaste.

Pronto.

706 **E2.** De resto acho que estava *bem-feitinha*.

Mas depois ouço aqui na gravação...

708 Foste tu que fizeste?

Fui, fui.

710 **E2.** A P2 já mirou?

Já mirou, então, foi no final da...

712 **E2.** Mas está bem-feita.

Agora já vos posso dar. Lembram-se? Que eu antes não vos podia dar porque vocês não
714 **podiam ver quais eram as questões. Agora já vos posso mandar o meu trabalho todo.**

E4. Boa.

716 **Querem, querem?**

E2. Querem, querem.

718 **E4.** Claro.

OK. Muito obrigada pela vossa disponibilidade. Volto a lembrar que as respostas são
720 **confidenciais e que, posteriormente, disponibilizarei os resultados da mesma. Pronto.**

Muito obrigada.

722 **E4.** Obrigada.

E2. Boa sorte. Tens aí pano para mangas.

724 **E1.** Obrigado, não. Agora passo o recibo. (...)

Ah! (Risos) Demorou 43 minutos.

ANEXO V: Transcrição de entrevista

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

de 14 de Junho de 2008 ao grupo do Doutoramento e Mestrado em TIC e Educação
da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

A1: sexo masculino, professor de Matemática de Informática no ensino superior, estudante do 1º ano do Doutoramento em TIC na Educação.

A2: sexo feminino, professora de Biologia no ensino secundário, estudante do 1º ano do Doutoramento em TIC na Educação.

A3: sexo feminino, professora de Português/Inglês no ensino básico, estudante do 1º ano do Mestrado em TIC e Educação.

A4: sexo feminino, professora do 1º ciclo do ensino básico, estudante do 1º ano do Mestrado em TIC e Educação.

A5: sexo feminino, professora de Biologia/Geologia no ensino secundário, estudante do 1º ano do Doutoramento em TIC na Educação.

A6: sexo feminino, professora de Informática no ensino secundário, estudante do 1º ano do Mestrado em TIC e Educação.

A7: sexo masculino, professor de Filosofia no ensino secundário, estudante do 1º ano do Doutoramento em TIC na Educação.

A8: sexo masculino, professor de Português/Francês do ensino secundário, estudante do 1º ano do Doutoramento em TIC na Educação.

P1: sexo feminino, professora da disciplina de As TIC e o Trabalho de Projecto.

P2: sexo feminino, professora da disciplina de As TIC e o Trabalho de Projecto.

Tempo: 1 18'56''

A entrevista foi efectuada na sala da disciplina de As TIC e o Trabalho de Projecto, no Edifício C6 da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, às 11h do dia 14 de Junho de 2008.

2 **Devo começar por esclarecer o objectivo da entrevista. Está a ser realizada no âmbito**
do meu trabalho final de projecto para o Mestrado de Ciências da Educação,
especialização em Tecnologias Educativas, pela Faculdade de Psicologia e de Ciências
4 da Educação. (Necessito da vossa colaboração de forma a conseguir uma confirmação
das observações que tenho vindo a realizar convosco.)

6 A entrevista terá a duração de cerca de 1 hora, conforme as vossas respostas.

Devo assegurar a confidencialidade das respostas.

8 Quando acabar a entrevista, tal como as observações, irei facultar-vos os resultados.

E gostaria de pedir autorização para fazer a gravação desta entrevista.

10 (todos concordam)

Se começássemos por entoar a célebre canção “Oh tempo, volta para trás...” que fariam
12 de diferente no âmbito desta disciplina? Se calhar vamos começar aqui pelo A7.

A7. Não sei.

14 Não tem ideia? Então não faria nada de diferente?

(silêncio)

16 A7. Não sei, nunca pensei sobre isso.

Nunca pensou sobre isso... para já não lhe ocorre nenhuma resposta?

18 A7. Não, não.

A8, tem alguma coisa a dizer?

20 A8. Se o tempo pudesse voltar atrás, não é?

Exacto.

22 A8. O que é que...?

O que é que faria de diferente no âmbito desta disciplina? Se faria alguma coisa
24 **diferente. Se acha que poderia acontecer outra coisa ou terem trabalhado de outra**
forma. Eu não quero direccionar a resposta.

26 A8. Sim, eu penso que podemos sempre alterar o rumo do nosso trabalho, não é? Eu penso
que nós não tínhamos as coisas muito bem delineadas desde o início e fomos, de certa forma,
28 improvisando um pouco. Só depois quando nos apercebemos do trabalho todo em conjunto,
onde queríamos chegar, aí é que, talvez, tenhamos começado a afinar mais as nossas funções
30 e tarefas. Seja como for, eu acho que estamos todos a aprender ainda a trabalhar em
colaboração usando estas ferramentas online, que nem sempre são fáceis de usar, não é? E a
32 atentar usá-las de acordo com as nossas necessidades. Mas, para já, acho que está a correr
bem.

34 **Muito obrigada. A6.**

A6. Eu acho que é o que ele acabou de dizer, ou seja, no início acabou por ficar um pouco
36 confuso. Depois o que eu senti foi, quando a P1 também veio, portanto, vinha com uma
perspectiva, a P2 tinha-nos colocado noutra e senti que andou-se ali um pouco perdidos e
38 acho que agora, realmente, depois do artigo, foi quando nós nos encontrámos e conseguimos
perceber qual é que era o rumo da disciplina.

40 A3. Eu, pessoalmente, acho que todo este processo, logo de início, um bocadinho a confusão
que houve, sobre o que íamos fazer. Acho que isso faz parte do trabalho de projecto, portanto
42 eu acho que não mudava nada. Acho que fez tudo parte do projecto que devíamos ter sido.
Portanto acho que foi tudo natural. Acho que se não tivéssemos passado essas dificuldades, se
44 calhar, não teríamos encontrado o rumo que aos poucos foi-se conseguido. Acho que vai por
aí, portanto acho que não mudava nada.

46 **A1.**

A1. Concordo um bocado com o que os colegas disseram mas acho que, de início, não
48 estiveram bem definidas as metas a chegar com esta disciplina e então fez com que
andássemos um pouco dispersos e também, fundamentalmente, é que essas tecnologias de
50 colaboração são muitas e nós passámos a vida a usá-las todas de forma arbitrária.

Penso que, no princípio, se calhar, podíamos definir melhor “olha vamos usar essa”, de forma
52 a que pudéssemos estudar e explorar uma. Não temos de estudar todas de uma vez, é mais
nessa questão de ter que usar uma e explorá-la, estudá-la e depois divulgar alguma coisa
54 sobre esta e não de todas.

A4. A nossa questão foi mesmo o tempo. Inicialmente andávamos um pouco perdidos com o
56 que, efectivamente, cada um iria fazer. Mas penso que, a partir de dada altura, já ficou bem
claro essas nossas competências e , a partir daí, acho que começou a correr tudo muito bem.

58 **Ótimo.**

A4. Foi essa a sensação que eu fiquei.

60 **Depois de terem terminado o artigo onde incluía, entre outros temas, os métodos de**
trabalho de projecto, consideram que foram, efectivamente seguidos os métodos que
62 **foram definidos à partida como os eleitos?**

A1. Bem no nosso subgrupo comunidades virtuais e redes sócias o nosso método de trabalho
64 foi uma a partir de uma wiki que nos começámos a construir com a ajuda da nossa colega
Maria de A6 e então fomos construindo alguma informação ou criando alguma informação
66 para de uma forma geral, sei lá, recolher alguma informação sobre comunidades virtuais e
redes sociais.

68 A6. É assim, eu que dentro do nosso as coisas acabaram por ficar minimamente orientadas,
portanto tudo partia à partida da wiki, o objectivo da wiki será ter documentação e de quem já
70 escreveu coisas sobre as redes sociais e as comunidades de prática e para além disso mostrar
a nível esquemático como foi a nossa... como é que as pessoas interagiram umas com as

72 outras a nível presencial a nível online e se não interagiram por que é que não interagiram
portanto, no fundo, o nosso trabalho ficou orientado nessa perspectiva.

74 A7. Acho que está tudo dito.

A3. Eu acho que não terá sido a partir do artigo que teremos seguido esse método de projecto,
76 eu acho que foi desde o início do trabalho que temos desenvolvido aqui, isso depois foi mais
uma consequência e já estávamos mais direccionados e foi mais a mais a organização do
78 trabalho, não tanto a nível do projecto, ao longo das sessões que temos tido, eu acho que se
seguiu esse método, nós agora nesta ultima fase no trabalho é que estamos mais
80 direccionados e procuramos formas de trabalhar em conjunto mas já não seguimos aqueles
passos todos porque já fizemos antes, mas eu acho que sim, que estamos a seguir.

82 A4. Eu acho que de certa forma seguimos mesmo, porque tivemos em trabalho individual
durante muito tempo em pesquisas, portanto eu acho que começou se por delinear em linhas
84 gerais o novo projecto e depois ficamos um pouco em trabalho individual, e a seguir sim foi
juntar então as nossas informações e definir outra vez a estratégias de trabalho, pelo menos
86 dentro do nosso grupo de trabalho foi assim. Tivemos as 3 muito separadas, a partir de dada
altura começámos a juntar tudo e a dizer “partir deste momento como vamos proceder”
88 Portanto tivemos aqui a fazer um certo ponto de balanço da fase em que estávamos e eu acho
que está a resultar dentro do nosso grupo.

90 A8

Penso que não. Penso que o artigo foi uma ideia que surgiu com um objectivo do nosso
92 trabalho, mas nós não seguimos desde o início um trabalho rigoroso de planificação e
orientação e metodologias de trabalho, eu penso que foi quando nos aproximámos mais do
94 artigo é que tomámos mais essa consciência que era necessário reformular e ter uma
estratégia muito bem delineada, muito bem traçada para alcançarmos aquilo que pretendemos
96 fazer, e mesmo assim penso que ainda temos muito trabalho a fazer.

Gostaria de introduzir aqui uma noção que é o **serendatismo**, que é a aprendizagem pela descoberta, o que nós temos andado a fazer um pouco disso é vamos seguido um caminho e descobrindo e vamos então criando uma nova metodologia. É realmente interessante trabalhar deste modo, claro que pode haver mais perdas, mais distrações, mas pode ser mais interessante porque podemos descobrir novas ferramentas novas formas novas abordagens, para mim porque tem sido bastante enriquecedor e bastante positivo.

Descobriram novas técnicas e novos métodos de trabalho?

A3. Sim, sobretudo online, eu acho que aprendi imenso a tentar trabalhar em conjunto sem quer que me juntar presencialmente, nesse aspecto acho que ganhei imenso.

A6. Faço minhas a palavras da A3.

A7. Também, também.

A1. Creio que o artigo foi um dos momentos que fez com que aprendêssemos, eu pelo menos, novas metodologias de trabalho, veja que no artigo houve uma vez creio que estávamos 3 ou 4 pessoas a trabalhar sobre o artigo no Google Docs, então essa é uma nova metodologia que aprendi melhorei bastante, foi com base nesse artigo e nessa disciplina que mais uma metodologia de trabalho aprendi e consegui também melhorar.

A4. Sim foi sobretudo estes meios de comunicação online de trabalho que facilitou imenso, porque não era necessário, obrigatório estar presencialmente uns com os outros no fundo estávamos todo no trabalho colaborativo em simultâneo sem termos de estar cara a cara com os nossos colegas, e efectivamente foi uma estratégia que ainda não tinha utilizado, e que facilita além de ser em simultâneo ou não, e podemos estar todos a trabalhar em conjunto sobre o mesmo documento. Além disso a própria plataforma, a rede Ning, eram um elemento de repositório, de partilha, de ideias também, foram várias as estratégias e métodos que eu achei que foram inovadores.

As actas foram um apoio efectivo à organização do grupo ou foi apenas uma
122 metodologia adoptada, sem consequências?

A3. Eu sinceramente não dei muita utilidade. Uma ou outra vez fui ver o que se tinha, mas
124 não senti que tivesse sido...

A4. Por acaso sim porque nem sempre foi possível estar presente e ali estavam reunidos os
126 pontos-chave, os conceitos chave que foram abordados nessa sessão em que eu faltei, e
portanto ajudou-me a sentir integrada e não meio perdida no que foi falado.

128 A3. Eu não digo que não seja importante, estou a dizer o que utilizei.

A4. Sim eu sei a tua situação era diferente, no teu caso estiveste sempre presente.

130 A3. Sim mas numa aula que não consegui vir, mas a acta não estava ainda disponível por isso
é que eu não, senti assim muito.

132 A1. Eu creio que foram muito importantes, de forma a organizar-se, porque mesmo que uma
pessoa esteja presente numa das sessões é sempre importante para refrescar o que o foi feito
134 nas sessões anteriores, (...) reorganizar, porque houve uma vez quando ainda não sabíamos
para onde íamos, a acta ajudou bastante porque pelo menos dali fomos decidindo o que cada
136 um dos grupos pode fazer e quais são os objectivos desses grupos que se vão unir então isso
está tudo registado em acta e isso ajudou-nos bastante, foi um valioso instrumento para a
138 reorganização do grupo.

A7. Claro que foram importantes mas comigo aconteceu o mesmo que com a A3, não é não
140 ter utilidade, não foi necessário.

A8. Pessoalmente penso que não constituem, não são relevantes com metodologia de
142 trabalho. Acho que pode ser muito interessante como historial da evolução do grupo, daquilo
que se vai fazendo, acho que é fundamental haver isso, mas eu penso que há outras
144 alternativas outros formatos, não tão formais de fazer um inventário, planificar a evolução do
trabalho do grupo. Mas no fundo penso que podem ser o texto para mais tarde nós sabermos o

146 que foi feito ou o que pensávamos fazer, portanto intenções de trabalho, mas penso que não é
mais do que isso para mim.

148 A6. Para mim as actas são fundamentais na organização de um trabalho de projecto, é aquilo
que marca o rendimento ou não do trabalho, é uma forma das pessoas voltarem atrás e
150 avaliarem se estão a cumprir ou não os objectivos que estabeleceram, no nosso caso a única
coisa que senti é que as actas não eram actas não eram actas eram sínteses.

152 **A vossa preferência recai em que etapa do processo de construção do produto final?**

A3. Para mim é mais favorável qualquer etapa que seja posterior à formação do problema
154 porque acho que é a parte mais complicada de nós formarmos o problema e termos alguma
orientação, a partir daí identifico-me mais com o trabalho posterior a essa parte porque já me
156 sinto mais orientada e porque já sei mais os caminho que vou seguir, portanto...

A1. É mais ou menos por aí, é fundamentalmente na parte em que a pessoa já esta a produzir
158 alguma coisa, em que a pessoa vê que alguma coisa está a sair do que está a produzir então
isso estimula, já não existe aquela sensação de que ainda podemos “desistir”, é
160 fundamentalmente estimulante por já termos um caminho percorrido e estamos a progredir.

A4. Sobretudo a partir do momento em que ficou definida a parte individual de cada um
162 porque foi tardia, acho que foi tardia, essa definição objectiva da parte individual, porque
tendo essa parte definida já temos um caminho a seguir e podermos produzir algo.

164 A7. Acho que tem toda a razão. Nos nosso caso foi também encontrarmos formas de trabalho
colaborativo que ajuda bastante.

166 A6. Para mim esta parte dá muito mais interesse e aquilo que nós hoje estivemos a fazer em
aula e tudo, de definir os grafos, são coisas que não estão tão longe da minha formação base e
168 que dá outro gosto trabalhar.

A8. Eu acho que há aqui umas questões muito interessante para discutir, estamos todos a
170 aprender um pouco nomeadamente no trabalho cooperativo, por um lado e por outro a

trabalhar com ferramentas da Web 2, e a tentar encontrar um projecto de metodologias de
172 trabalho que possam conjugara todas estas ferramentas. Agora acho que há uma coisa
importante de nos vermos, é se as metodologias que normalmente se utilizava nos trabalhos
174 de projecto se podem ser transportas e às vezes é o que se tenta fazer é uma transposição para
as tecnologias e às vezes nem sempre funciona bem, para já porque temos de dominar bem as
176 ferramentas e por outro também temos de conhecer bem a metodologia, depois há o trabalho
cooperativo, nós não estamos muito habituados a este trabalho em colaboração, portanto há
178 muitas aprendizagens em simultâneo que se vão fazendo e que nem sempre é fácil. Seja como
for eu acho que se tivéssemos ainda muito mais horas nesta cadeira conseguiríamos cada vez
180 mais accionar o nosso trabalho e as nossas metodologias e acabávamos por ser mais rápidos e
mais efficientes talvez no nosso trabalho.

182 **Consideram ter havido um efectivo trabalho colaborativo ou uma divisão do grupo em
pequenos grupos que intervieram apenas na sua parte?**

184 A8. Relativamente à escrita colaborativa, acho que tem havido escrita colaborativa, embora
haja um copia e cola de certa forma de adaptações dos texto de cada um, em que cada um vai
186 adaptando o que o outro fazendo, mas acho que isto também é extremamente interessante
porque nos obriga a ler o que o outro está a fazer, portanto nós não estamos a fazer as coisas
188 desfasadas, o que não pode ser, não é um puzzle que não faça sentido, tem de ser feito,
portanto requer muito trabalho a esse nível de organização da escrita e troca constante
190 opiniões sobre isso.

É trabalho extra, mais difícil que se fosse presencial.

192 A8. É, muito mais, sem dúvida, muito mais difícil muito mais complexo, requer uma
conjugação de competências muito maiores, ser mais rápido por vezes, não é muito fácil
194 trabalhar com as ferramentas da Web 2.0, mas é gratificante porque sentimos que são
ferramentas que nos obrigam a colaborar, temos forçosamente que trabalhar um conjunto e

196 colaborar para construir algo, o que é extraordinariamente interessante, depois podemos estar
cada um no seu canto, não é preciso estar num espaço físico comum, podemos estar seja lá
198 onde for e continuar a trabalhar, o trabalho nunca pára.

Em relação ao trabalho colaborativo do grupo inteiro ou em pequenos grupos apenas?

200 A8. Se calhar mais em pequenos grupos, penso eu, estamos a seguir pequenos passos,
pequenos etapas e com o tempo acabaremos aprender a trabalhar mais em largos grupo e
202 mais colaborativamente, é uma aprendizagem que estamos a fazer.

A7. Por exemplo no caso do artigo, é evidente que eu trabalho com o artigo mas cada um
204 tinha o seu capítulo, mas quando havia vários agentes a intervir no mesmo capítulo e no
mesmo assunto, o trabalho colaborativo realizou-se efectivamente...

206 **O A1 há pouco disse que chegaram a encontrar-se 3 pessoas, ao mesmo tempo, ou mais,
e faziam parte do mesmo grupo ou nem por isso?**

208 A1. Sim era um pequeno grupo, nós os 3 e a P2. Creio que seria bom esclarecermos uma
questão, quando falamos de escrita colaborativa não podemos pensar em que 2 ou 3 de nós
210 estejam a escrever uma frase comum, quando eu escrevo o “a” o outro escreve o “b”, não,
penso que não pode ser assim pensada a escrita colaborativa, penso que tem de pensada no
212 sentido em que por exemplo, eu tenho ideias que já falei anteriormente e o A7 também tem
outras ideias que já as preparou anteriormente e assim vamos construindo um artigo ou um
214 texto global, não é apenas uma frase ou coisa parecida em conjunto, eu creio que tem de se
entender assim a escrita colaborativa, e se houve efectivamente um trabalho colaborativo,
216 penso de principio que posso dizer em relação ao artigo, sim houve, entretanto temos também
que saber que o grupo formou-se e que tivemos pouco tempo de trabalho e depois o produto
218 final para toda essa disciplina creio que não termina aqui, e então ainda todos dispersos a
fazer trabalhos disperso e ainda não temos um produto final, portanto estamos ainda num
220 trabalho disperso, estamos a colaborar em pequenos grupos e quando se calhar um dia

tivermos um produto final de tudo isso, aí sim podemos dizer que isso foi um produto de
222 colaboração, de momento agora ainda são pequenos grupos em trabalhos em pequenas ilha eu
que há colaboração entre esses pequenos grupos e que depois poderá ser congregado num
224 trabalho global, um produto final de toda essa disciplina.

A3. Eu acho que o trabalho colaborativo está ainda a acontecer, sobretudo dentro dos
226 pequenos grupos, julgo que sim. No fundo como o A1 está a dizer é ara um conjunto final,
mas ainda não estamos nessa fase. Em termos colaborativos, acho que sim, em termos de
228 tomadas de decisões também estivemos todos presentes nas decisões, portanto não foi nada
imposto, foi tudo conversado e negociado, e isso também é colaboração. Sobretudo das
230 estratégias de definição de qual seria a rede que iríamos usar, nas ferramentas [**está a falar de
plataformas**], exactamente. Eu acho que houve trabalho colaborativo em pequenos grupos e
232 também em geral, também caracterizo esse trabalho colaborativo com essa divisão de tarefas
e depois no fim chegarmos todos a um produto final. Portanto esses pequenos grupos não
234 vejo como um ponto negativo nem de afastamento do trabalho colaborativo, mas acho que
faz parte, colaborarmos no fundo é vermos as potencialidades de cada um ou o que cada um
236 pode trabalhar e convergir num único caminho.

Como se avaliam a vocês próprios em termos de auto regulação?

238 A3. Inexperiente, ainda com aquelas dificuldades de quem ainda não tinha passado por esta
experiência.

240 A6. Adquirimos alguma auto-regulação através da autonomia, do tentarmos dar alguns passos
sem ir ao suporte dos professores, portanto se calhar dentro de cada grupo, se no todo não se
242 conseguiu ainda isso, se calhar é como o A1 diz, cada grupo está-se a auto-regular, digamos
assim, e no final então irá sair o resultado disso tudo, mas é quanto os dois subgrupos que
244 acabaram por surgir dentro desta rede, juntarem os seus trabalhos.

A4. Acho que o percurso acadêmico que fiz e a formação toda que tenho já me deu alguma
 246 base nesse sentido, ter essa autonomia, não vejo propriamente que tenha sido esta disciplina
 que tenha contribuído, porque já tenho tido outras situações em que por necessidade tenho
 248 desenvolvido algumas competências.

Mas em termos de grupo?

250 A8. Eu penso que isto continua a ser uma aprendizagem, parece que é tudo bastante novo,
 não é, estamos a partir para uma metodologia de trabalho colaborativa, e estamos todos a
 252 aprender, continuamos nisto, agora acho que estamos todos em níveis e patamares diferentes
 também. Mas acho que há uma coisa que é fundamental aqui, acabamos por aprender todos
 254 uns com os outros, o que é extremamente gratificante. Há coisa que eu sei e vou partilhando
 intuitivamente ou não, porque gosto de partilhar, e os outros vão recebendo, portanto há aqui
 256 umas trocas muito, muito interessantes de experiencias e visões e perspectivas, e aprendemos
 em conjunto e é para mim o mais interessante e o mais valioso do que tem acontecido aqui no
 258 grupo é a partilha, e a vontade de aprender todos em conjunto. Acho que tem sido positiva.
 Avalio como boa a auto-regulação deste grupo.

260 A7. Não tenho nada a dizer

Como definiriam a vossa eficácia enquanto grupo? O Artigo.

262 A7. Isso o futuro o dirá, a eficácia do artigo depende da receptividade que irá ter, a receptiva
 de que irá ter no auditório e na comunidade científica que o receber.

264 A3. Na construção fomos eficazes.

A1. Sim que também é isso e juntando esta pergunta com a anterior, eu penso que trabalhar
 266 em grupo as pessoas já vêm a trabalhar há muito tempo, creio que desde muito tempo atrás
 já vêm a trabalhar em grupo. Mas qual é a diferença em trabalhar em grupo agora? É que
 268 agora pelo menos estou consciente do que eu necessito no grupo, porque é que eu vou
 trabalhar em grupo e também com a ajuda dessas ferramentas que estamos a utilizar, eu creio

270 que é essa a diferença, antes não, antes uma pessoa trabalhava em grupo porque eram
mandados trabalhar em grupo, se calhar uma pessoa não tinha a plena consciência do que
272 podia ir buscar ao grupo, agora mostra que tem a consciência do que pode ir buscar ao grupo,
isto é que é importante, é que faz a diferença com trabalhar num grupo em relação à situação
274 anterior, então quando pergunta quanto à eficácia em relação ao artigo eu penso que houve
muita eficácia, creio que conseguimos produzir alguma nesse trabalho em grupo, decidimo-
276 nos, marcamos datas, objectivos e tudo isso, e foram cumpridos, é isso que nos diz que há
eficácia. Agora também esperar somente que a comunidade científica tenha recebido bem,
278 não será necessário, também eu considero que fizemos um bom trabalho.

A6. Mas é importante, eu só tenho plena consciência da eficácia de um grupo a trabalhar
280 depois *feedback* que recebo. A nível da auto-avaliação, sim eu acho que o resultado foi muito
bom, agora ficaremos à espera que se venha a comprovar isso. Se eu estiver sempre a olhar só
282 para dentro à muita coisa que vai falhar, e eu não acredito que este grupo quando fez o artigo
não tenha tido em primeira visão a receptividade que ia ter lá fora, portanto tudo isto foi feito
284 de forma consciente, não só para fazermos aqui entre nós. Portanto eu acho que não se pode
perder de vista o tal objectivo final, daí se calhar a eficácia ter sido muito maior do que se
286 calhar se fosse só interno.

A8. Em termos de eficácia eu penso que foi positiva também, a questão aqui foi que surgiu
288 tudo em simultâneo, foi tudo uma catadupa, alguns de nós não conheciam o Ning, outros não
sabiam como trabalhar com o Google Docs, portanto houve um acumular de situações, de
290 ferramentas que não eram conhecidas e para que serviam, e como é que eu posso rentabilizar
estas ferramentas de modo a que o trabalho colaborativo e dentro do grupo possa funcionar,
292 eu acho que foi uma descoberta que foi sendo feita e quando chegamos ao momento do artigo
aí é que talvez tenhamos percebido que é necessário ir mais longe, sermos mais organizados e
294 mais operacionais, digamos ou mais, como hei-de dizer, sabermos um pouco mais,

dominarmos um pouco certas competências para irmos mais além, e trabalharmos
 296 colaborativamente. Agora acho que em termos de grupo foi eficaz.

**Consideram que teria sido possível a realização deste trabalho/artigo sem a colaboração
 298 activa da P2?**

A8. Talvez não, penso que houve um momento em que... no trabalho em grupo tem de haver
 300 um líder, a liderança é fundamental dentro dos grupos, é importante que alguém vá fazendo o
 ponto da situação que vá puxando o grupo para a certas tarefas, caso contrário pode haver
 302 uma certa dispersão. Neste caso penso que a P2 teve um trabalho, uma função muito positiva
 porque acabou por nos chamar à atenção porque tínhamos um trabalho muito urgente para
 304 fazer e concluir e isso apressou-nos de imediato, e mobilizou-nos.

A7. Acho que sim, que teve um papel de liderança de concepção, que desde o início sabia
 306 claramente o que se pretendia.

A6. É flagrante que é o ponto de união do grupo como um todo.

308 **Mais do que a P1?**

A6: A P1 acho que entrou com outra função, portanto eu acho que se calhar, não sei se foi só
 310 impressão minha, nós assumimos sempre que a P2 era o ponto principal, portanto, se calhar se
 estivessem ambas na primeira aula e estivessem as duas estipulado, mas não, todas as ideias
 312 começaram a florescer a partir da P2. Portanto daí ser o elo de ligação entre todos nós.

A4. É isso mesmo, é o elo de ligação de união, é o elemento regulador, era o elemento que
 314 nos centrava no objectivo mais próximo, existem outros mas...

A1. A questão central é saber que, por exemplo quando falávamos em redes sociais, o
 316 fundamental é a participação e então a P2 participa bastante.

***Sei que tiveram algumas dificuldades na utilização da plataforma Ning. Qual a avaliação
 318 que fazem e qual o ponto de situação? Consideram ter havido mais vantagens ou***

desvantagens na utilização desta plataforma, tendo em conta o objectivo deste grupo de trabalho?

A8. Quando no início foi sugerida a utilização desta plataforma, havia por detrás uma concepção, que é reunir as pessoas num determinado espaço virtual para se organizarem, se conhecerem e interagirem. As ferramentas que existem são todas simples, só que estão é agregadas, penso que não é muito difícil, agora havia um entrave inicial que era o pouco conhecimento por parte das pessoas relativamente à plataforma. Ora isso fez com que, no tempo, nos tivéssemos atrasado um pouco, mas é assim, como qualquer plataforma, esta ou outra quaisquer, requer treino, requer andarmos lá e trabalharmos e conhecermos as ferramentas, e portanto, aí esse trabalho talvez não tenha sido feito por todos, nem toda a gente conhecia a plataforma e daí tenha-se perdido bastante tempo, depois se calhar, ao fim ao cabo, o que nós queríamos não era propriamente isto, não era uma plataforma ou uma rede social que se calhar queríamos, era desenvolver um trabalho colaborativo por exemplo para a escrita, e se assim for basta trabalharmos apenas com uma wiki ou com o Google Docs. Agora depende é dos objectivos que se pretende, e eu acho que esses objectivos não estavam muito bem claros desde o início, e depois um certo desfasamento talvez dos objectivos da própria P2 com os da P1, portanto acho que esse desfasamento acabou também por nos baralhar um pouco mais, e não sabemos muito bem para onde vamos, o que queremos, não é, penso que isto terá sido um factor de, não propriamente só a ferramenta Ning, mas se calhar aqui em termos de organização entre as duas professoras dentro deste mesmo espaço que tinham visões e objectivos se calhar diferentes.

A7. Há problemas de familiaridade com esta ferramenta, e às vezes confundia-se a falta de familiaridade com ela com problemas da ferramenta.

Mas não desapareceram actas e outros documentos? Ouvi mal?

A6. Sim, ouviu bem, só que não desapareceu nada, tem a ver exactamente a ver com isto que
344 o A7 acabou de dizer, se calhar houve algumas pessoas que acharam que a tecnologia é
instantânea e não é, às vezes é preciso antes de começar a enviar para lá coisas ou participar,
346 é preciso também explorar um bocadinho, e saber como é que se mexe nas coisas. E o que
aconteceu foi uma coisa muito simples, como por exemplo, nas actas, aquilo não apareciam
348 as actas, porque aquilo tens uns tópicos que é exibir todos, e nem todas as pessoas resolveram
clicar naquele botão, pronto, o que aconteceu foi que desapareceu. E acho que tanto um como
350 outro têm toda a razão, quer dizer, tudo o que é tecnologia, qualquer um de nós tem primeiro
que explorar um bocadinho para depois utilizar.

352 **Quer dizer que não houve esse empenho de todos, foi isso?**

A6. Eu que foi um pouco chegar e usar. E depois apanhou-se o primeiro obstáculo, apanhou-
354 se um obstáculo, e a tendência como é tradição, a tecnologia não presta.

A3. Eu pessoalmente não tive dificuldades em entrar, não conhecia, não tive dificuldades em
356 entrar e consegui mais ou menos trabalhar bem com a plataforma.

Mas eu lembro-me que foi uma das que apontou que não recebia os emails?

358 A3. Exacto, uma das coisas que eu senti foi que não conseguia receber os avisos, e penso que
tinha activado tudo o que era possível. De resto, porque sei que entretanto coisas em grupos
360 que eu estava inscrita e eu não recebi, mas pronto também poderá ter sido falha minha, lá
está, agora a trabalhar com o Ning acho que fora isso não tive grandes dificuldades e acho
362 que as pequenas coisas que foram surgindo explorei sozinha, tentei ver mais ou menos como
é que resolvia, por exemplo eu inicialmente eu não estava a conseguir por a acta, mas pronto
364 isso eu sabia que não era um problema da plataforma Ning, era meu, depois explorei tentei
descobrir como é que se fazia, mas acho que foi útil, eu não considero que tenha sido tempo
366 perdido nem que tenha sido mal escolhido, eu acho que foi muito importante conhecer outra
plataforma diferente das estou habituada, aliás desde que estou no mestrado tenho conhecido

368 imensas coisas que não conhecia nem sequer sabia que existiam e não trabalhava, não
conhecia mesmo, não sabia, e acho que foi extremamente útil, e todos os problemas que vão
370 surgindo acho que também é com isso que nós aprendemos e as dificuldades que nós
tínhamos e os colegas a tentarem resolver os problemas.

372 A4. Eu acho que é assim tudo o que é novidade requer da nossa parte uma certa adaptação, e
pode ter levado mais tempo em certas pessoas menos noutras. Mas isso não inviabiliza a
374 valida da plataforma, eu acho que foi importante, realmente levamos algum tempo, se calhar
uns mais que outros a conhecer as funcionalidades todas, as potencialidades todas da
376 plataforma.

O que até levou o A8 numa das sessões a fazer uma apresentação global.

378 A4: Para a auto regulação do grupo era necessário se calhar estes pontos, o que não
inviabiliza, eu acho que é uma questão de tempo, agora precisávamos de mais tempo para
380 desfrutar em pleno de todo este projecto que começamos a delinear, inicialmente um pouco
mal delineado talvez, mas agora sim, eu acho que faltou tempo.

382 A1. Eu acho que a A4 disse tudo, a questão é o tempo de uso, porque pelo menos vinha
trabalhando com a plataforma que tinha uma finalidade diferente desta, a plataforma Moodle
384 que a finalidade era outra, agora venho para outra plataforma em que finalidade é diferente, é
necessário esse tempo de uso para podermos aprender alguma coisa dela.

386 *Houve uma coisa que me surpreendeu: as aulas, que me apercebesse, foram momentos
mais de debate e planificação do que de produção direccionada para o artigo. No entanto,
388 de uma semana para a outra (mais precisamente a 24 de Maio) passaram a 12 páginas e já
discutiam que não poderia ser short paper mas sim (long, como lhe chamaram) full paper.*

390 **Como isto aconteceu?**

A1. Eu acho que a A4 já deu essa resposta, foi quando ela disse quando se definiu o que cada um devia fazer, quando se definiu o que cada um podia fazer, pronto a partir daí para a frente, siga.

A4. Foi um momento de auto-regulação claramente, vamos lá ver (...), o nosso objectivo é aquilo, em que fase do processo estaremos nós? OK, eu que foi, foi um arrumar de ideias, não foi? Estávamos todos muito dispersos, sabíamos para onde íamos estava um pouco dispersa, a partir do momento que definimos, bom estamos nesta fase do processo, precisamos de fazer isto e isto e isto, então, tu ficas responsável por esta parte, a seguir vamos fazer assim, utilizar esta estratégia, a partir da aí, foi é o momento de auto regulação.

A6. O que eu estava a dizer, foi o tal elemento de liderança que o A8 há pouco falou e que a P2 funcionou na semana anterior, em que quando disse até quarta-feira tem de estar pronto não sei quê, e cada um vai ter de desenvolver a sua parte.

Também foi condicionante o dia 31 de Maio como...

A6. Tudo, portanto, houve alguém que de repente agarra nas rédeas, digamos assim e diz, meus amigos têm de trabalhar se é esse que é a vossa intenção do que é o artigo.

A3. E preocupou-se em dividir e ver como cada um estava integrado em cada grupo.

Mas também me lembro do A8 ter enviado as datas...

A6. Mas se calhar o que falhou foi enquanto, o A8 actuou como um de nós, enviou coisa não sei quê, não exigiu, o que aconteceu foi que, acho eu, a P2 chegou e disse “como é?” que era, ou querem fazer ou não querem, se querem como é que vão dividir as coisas, eu acho que no fundo teve a ver com isso, portanto no fundo é a responsável da disciplina, ou seja, forçosamente tem de ter um papel diferente.

A4. É o papel de liderança de que há pouco falávamos.

A8. A Teresa sabe que nós somos portugueses, e quando tem que ser tem que ser, nós somos muito bons a improvisar, e somos rápidos e eficientes, acho que isso é extremamente positivo

416 para a nossa cultura. Bem seja como for, eu acho que aqui, coisa determinante a data,
determinada a data final e aqui vocês têm de cumprir e ponto final, então aí temos de fazer. A
418 segunda questão é, voltamos aqui à questão da liderança, alguém disse é necessário fazer
agora, vocês têm esta tarefa para cumprir, portanto avancem o mais depressa possível, temos
420 de ter até ao dia tal algo feito, e aí mobilizamo-nos rapidamente que tínhamos uma tarefa
muito clara, muito bem definida para concluir. Agora há aqui uma outra questão que foi aqui
422 levantada e acho que aqui chegou a altura de responder, eu senti a determinada altura um
determinado peso nas costas, praticamente no início quando lancei a ideia do artigo, e parece
424 que houve uma grande expectativa por parte das pessoas de eu avançar com mais ideias
apesar de tudo, mas eu acho que não me cabia a mim fazer, não era essa minha função,
426 portanto queria de maneira alguma nunca sobrepor-me às funções das P1 e P2, portanto eu
acho que elas é que são as líderes da cadeia, e acho que elas deviam pegar ou largar a ideia,
428 foi uma ideia lançada para o ar, nem sabia se iria ser aceite ou não, e claro voltei atrás
novamente, fiquei tal e qual como os outros colegas, não é, à espera e numa expectativa de
430 ver então o que é que a P2 e a P1 vão agora fazer. Fiz o meu papel de aluno, não de líder,
apresentei ferramentas, apresentei ideias, achei que elas eram oportunas no momento em que
432 estávamos, estávamos a falar do (...) etc. Ferramentas, trabalho colaborativo e como ia
acontecer algo do género, porque não é, se podia falar também na escrita de um artigo, caiu
434 bem.

Ferramentas utilizadas: Google Docs, Ning, mais algum?

436 A6. Wiki

A8. Quando se fala de Google Docs, estamos a falar de outras ferramentas nomeadamente,
438 estamos a falar do Skype também, o MSN para conversarmos também quando para a
redacção do artigo, e o email, o email tem de estar sempre presente.

440 A7. Usaram uma expressão que para mim é muito querida, que é o imprevisível, e o A8 dizia
que era muito positivo, não vou entrar aqui mas, de facto é preciso vermos em que contexto é
442 que nós estamos a trabalhar, estamos a trabalhar com portugueses em Portugal, e isto é
interessante, e isto é algo que ele poderia defender. Não é negativo como estava a dizer
444 deixamos tudo para a última, houve aqui um elemento interessante, por um lado houve tudo o
que foram carências a determinado níveis que agora nem importa registar, as carências
446 quanto menos se falar melhor, foram elementos positivos a gerar, por exemplo o que em
linguagem comum seria o partir pedra a gerar duvidas socráticas positivas, eu não percebo
448 nada disto, por que isso gera criatividade e tem como consequência a produção, uma
produção onde de facto há mais participação, até porque houve confusão, até porque havia
450 duvidas, do que há uma produção às vezes quando é exclusivamente dirigida, ela é mais
pobre em termos de reflexão disso tudo, portanto às vezes, acho que está claro, portanto uma
452 metodologia como esta da duvida pode ser uma metodologia da duvida socrática que é
parideira, como ele dizia, que gera a maiêutica que é a produção, o nascer.

454 A8. O caos é positivo. Eu gosto muito do caos, sou suspeito, nem todos gostam e conseguem
desenvencilhar-se no meio do caos, mas eu gosto do caos e consigo reorganizar-me e aprendi
456 imenso e acho que se aprende imenso quando se gera o caos, porque criamos novas formas
novas abordagens, somos mais criativos mais imaginativos, e vamos à procura de soluções.

458 **Com quantas páginas acabaram o artigo?**

A8. Dez ou doze páginas

460 A7. A versão final do artigo com algumas correcções nós mandamos 3 vezes para lá, para o
Google Docs. Por acaso ainda não está aí (no Google Docs).

462 **Todos leram o artigo?**

A8. Aliás já tínhamos comentado eu e o A7 que pode não estar como desejamos, mas penso
464 que ainda temos tempo de melhorar o trabalho final, aquilo é apenas um artigo, temos de ir

muito mais longe e aprofundar o nosso trabalho. Seja como for, o artigo não estava mal de
466 todo, pode estar sempre melhor.

A6. A versão final não.

468 **Quem elegem para apresentar o artigo?**

A6. A P2

470 A8. O A7

A7 e A6. Ou o A8.

472 **Alguém irá participar na Conferência Internacional de Educação, Investigação e**
Inovação (ICERI 2008) em (17 a 19) Novembro, em Madrid? Gostariam de voltar a
474 **produzir colaborativamente uma comunicação para este ou outro evento?**

A6. A P2 propôs escrevermos um novo artigo com naquilo que estavas a fazer dos grafos
476 desta comunidade e então ir agora apresentar o resultado desta comunidade.

A A6 parece ser uma das mais activas do grupo, ter espírito de liderança e estar à
478 **vontade no mundo das tecnologias. O que lhe interessa estudar nas redes sociais?**

A6. Porque acho que é mais interessante do que propriamente ir ver legislação, ou seja sou
480 uma pessoa muito mais prática, e como pessoas das tecnologias esta nova realidade que
actual se está a viver, ou seja estamos a deixar a mentalidade do bairrismo, ou seja um bairro
482 agora é uma coisa muito grande, aldeia global, acho que é fundamental até mesmo para
trabalhar com os alunos o perceber bem o que é isto das comunidades das redes sociais, que é
484 um munda que para eles está muito fácil e foi interiorizado de um forma sem tabus sem nada
e que na minha cabeça as coisas não são exactamente assim, então achei que seria
486 fundamental trabalhar com os meus colegas que dominam mais essa área para tentar perceber
este deslumbramento e o que se lá passa virtualmente, se realmente estamos a construir uma
488 outra vida paralela ou não, o que é isto no fundo.

O **A8** parece ser o elemento mais tecnológico do grupo, no entanto, em 5 sessões só veio
490 1 vez. Qual considera ter sido o seu contributo e partilha neste grupo de trabalho
colaborativo?

492 A8. O contributo que eu posso dar estando presencial ou fisicamente não é significativa,
posso estar aí e estar completamente calado e não participar, não por estar fisicamente que
494 poderei participar mais.

Acha que colaborou como os outros colegas?

496 A8. Acho que não, também por ter estado doente e ter tido alguns problemas pessoais, estive
um pouco desfasado e não estive 100% a trabalhar, de facto não estive o que lamento imenso
498 pois não era essa a minha intenção, mas tentei recuperar depois quando me sirvo das
tecnologias à distância, tanto mais que estou bastante longe em Aveiro, e nem sempre é fácil
500 estar com as pessoas pessoalmente e presencialmente, seja como for eu estou online e quero
participar e usar as ferramentas e colaborar o mais possível e dar o meu contributo.

502 O **A7** aparenta estar sempre a leste do que se passa nas sessões, focando a sua atenção
no seu computador portátil. Considera ser um tecnodependente, ou seja, um
504 dependente da tecnologia?

A7. De maneira nenhuma.

506 A **A3** parece ser organizada, metódica e alguém que gosta de rentabilizar o tempo.
Considera que algum desse tempo foi desperdiçado nalgumas sessões de “TIC e
508 Trabalho de Projecto”?

A3. Metódica e rentabilizar o tempo é verdade, organizada não sou assim muito, mas tenho
510 feito um esforço. Em termos de tempo, aproveitar o tempo para mim este ano foi dos anos em
que eu aprendi mais a aproveitar quase cada espacinho, acho que em termos do trabalho que
512 tenho estado a fazer agora eu não sinto que o tempo tenha sido desperdiçado, até porque esta
análise curricular e esta parte histórica toda também me interessa para o trabalho que eu vou

514 fazer e também já tinha feito alguma também mais direccionada para a matemática e portanto
acho que se enquadra bem, e acho que é conhecimento que eu estou a ganhar e acho que é
516 importante para saber, mas pronto que eu tente canalizar tudo para perder tempo com coisas
que não sejam mesmo centrais isso é verdade.

518 **Acha que nunca houve desperdício nas aulas?**

A3. Não, eu acho que no início senti que talvez determinada tecnologia, talvez não fosse, mas
520 isso senti em quase todas as disciplinas que fui tendo, se calhar isto não me vai ser tão útil,
mas depois o balanço final é sempre de que afinal acrescentei uma coisa que é importante, já
522 sei mais isto, portanto não, às vezes tenho aquela preocupação central de que eu tenho de
fazer isto, pronto, eu tenho de me concentrar só nisto, não me posso dispersar e às vezes fico
524 um bocado aflita com coisas que não têm bem a ver com o meu objectivo central, mas depois
no fim o balanço é positivo e agora não sinto que tenha desperdiçado tempo nenhum.

526 **A A4 é bastante reservada, o que não invalida, de todo, o seu contributo para o trabalho
deste grupo. Gosta mais de acção do que de argumentação?**

528 A4. Sim, sobretudo estes momentos são momentos em que eu estou a assimilar tudo, a
interiorizar que é para depois internamente estruturar, cola no papel aqui, e gosto muito mais
530 de ouvir e reflectir do que comunicar, confesso que é um defeito meu.

**A1, é curioso não ter trazido nunca computador, à excepção da última sessão. Há
532 alguma razão em especial? Não se importa de me explicar o motivo (porque não trouxe
na maioria das aulas e porque o trouxe na semana passada)?**

534 A1. Há um motivo que geralmente não trazia o portátil porque eu vivo nos transportes
públicos e já me chegou a cair no autocarro. Mas agora tenho trazido porque tenho umas (...)
536 que queria que a A6 visse.

**Em alguma altura sentiram que a minha presença e as minhas observações condicionou,
538 de alguma forma, o normal funcionamento do grupo?**

E a nível individual, sentiram algum desconforto? Coibiram-se de alguma forma?

540 A8. Acho que é positivo, eu sempre achei que o seu trabalho era de observação e de *feedback*,
e não iria embora sem nos dar o *feedback*, porque isso é bom para nós para nos aferirmos e
542 fazermos essa tal regulação, não é, portanto e tomamos certamente em conta as suas
observações que tiver feito e essa mesmas questões que nos colocou se calhar está a despertar
544 em nós algumas questões e que poderemos utilizar próximos trabalhos e outras disciplinas e
termos mais cuidado com certas coisas mais em conta, não é, portanto esta correlação
546 fundamental e eu agradeço muito a sua presença, é capaz de ter sido positiva e desejo-lhe
muito sucesso também.

548 O que acharam da entrevista?

Focou os pontos centrais de todo este tempo que estive a observar e do que foi tratado, acho
550 que sim.

Foi inovador.

552 E depois em assim em grupo eu nunca tinha feito.

Esta minha presença virtual é muito interessante e este meio deveria ser mais utilizado.

ANEXO VI: Análise de conteúdo da entrevista (exemplo)

Grelha de análise da Entrevista por categorias ao Grupo do 1º ano do Mestrado de Ciências da Educação, especialização em Tecnologias Educativas, a 3 de Abril de 2008

Nota: As palavras que se encontram a vermelho assinalam partes da transcrição da entrevista onde não foi possível ter a certeza da sua fiabilidade.

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Questão introdutória	O todo ou a soma das partes	Cooperação Heterogeneidade Competências individuais que se complementam Partilha Dinâmicas de visão Desenvolvimento Construção de materiais Divisão de tarefas Sentimento de pertença	E4. Acho que, neste grupo, isso não se verificou. E isso é que é uma mais-valia que eu encontrei neste grupo. Uma vez que até surgiu a dúvida na cadeira da P2 qual é que era a parte da avaliação individual e a Professora sugeriu, ou houve alguém na aula que sugeriu, que se dividisse e que cada um apresentasse qualquer coisa eu achava, disse até mesmo isso, que isso ia trair um pouco a nossa cooperação em grupo porque eu acho que aqui realmente, a ideia que eu tenho daquilo que nós vivenciámos em dois trabalhos que fizemos, é que cada um de nós tem experiências e tem conhecimentos e tem competências, o forte das competências de cada um é... não há aqui ninguém que seja igual e acho que nos complementamos todos e nos completamos. Um é mais rico nisto, outro naquilo e eu acho que isso é que é a mais-valia e era aquilo que eu às vezes pensava, era que nós, até, não havia o somatório das partes, mas nós trabalhávamos todos e era um grupo grande, porque às vezes há grupos que só têm dois elementos e nós tínhamos cinco elementos e todos a trabalharem e o trabalho nunca mais estava terminado e eu pensava “bem,

			<p>imagina se fosse só dois...” (linha 16-28)</p> <p>E5. (referindo-se à E4) Já há pouco referiste a diferença, cada um tem histórias de vida diferentes, tem competências e visões diferentes. Um trabalho de grupo é sempre uma soma, agora, como é que fazemos essa soma? Pode ser de uma forma partilhada, de uma forma integrada em que cada um tem a sua forma de ver e contribuir para o grupo e como gera dinâmicas de visão e, nesse aspecto, o nosso primeiro trabalho foi bastante bom a esse nível porque nos permitiu um desenvolvimento. É claro que para isto exige tempo e no segundo trabalho o tempo não nos permitiu que a metodologia fosse novamente reaproveitada, não é? Portanto tivemos de ser um pouco mais práticos em muitos pontos do que no primeiro. (linha 57-64)</p> <p>E1. É isso mesmo. No primeiro (trabalho) acho que funcionámos somando as partes mas presencialmente, ou seja, era aquela história daquele texto que tínhamos de trabalhar, encontrámo-nos aqui, fomos trabalhando o texto, fomos dando as nossas opiniões e fomos construindo os materiais. No segundo trabalho já, por uma questão de tempo e de um sentido mais prático, já dividimos algumas tarefas e depois agrupámo-las. De qualquer forma, a prova como funcionámos como grupo é que temos outros trabalhos agora e optámos por ficar juntos outra vez. (linha 65-71)</p>
--	--	--	---

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
O grupo	<p>Constituição do grupo</p> <p>Contexto e origem da constituição do grupo</p> <p>Formação do grupo e o porquê destes elementos em detrimento de outros</p>	<p>Identidade do grupo</p> <p>O grupo dos professores e o grupo dos (recém-) licenciados</p> <p>Interesse por trabalhar o mesmo texto</p> <p>Proximidade dentro da sala</p>	<p>E2. Olha, foi o facto de não virmos da licenciatura. (linha 105)</p> <p>E5. E o texto, na altura foi o texto, também. (linha 108)</p> <p>E4. Todos somos professores... (linha 110)</p> <p>E1. Fez-se ali automaticamente uma selecção. O grupo dos licenciados [E2. E o grupo que já trabalha] e o grupo dos que não são. Depois, dentro dos que não são, foi a proximidade geográfica ali da sala. (linha 114-117)</p> <p>E2. Foi mesmo por ser... [E4. Eu lembro-me que estava sentada... E3. Pois, eu lembro-me que estava sentada ao pé de ti.] eu sei que propusemos ao Professor o grupo ser assim grande exactamente porque tínhamos interesse em ficar todos juntos, exactamente porque éramos... não vínhamos dos licenciados e portanto como éramos poucos professores... (linha 120-123)</p> <p>E3. E depois queríamos o mesmo texto. (linha 127)</p> <p>E4. E depois por proximidade geográfica da sala. (linha 129)</p>
O grupo	<p>Relações e interacções</p> <p>A individualidade no grupo</p>	<p>Heterogeneidade</p> <p>Espaço de segurança</p> <p>Emergência de personalidades</p> <p>Objectivo comum</p>	<p>E2. Ai, eu acho que (a relação) é muito gira. Olha, eu acho que somos todos os cinco muito diferentes, como podes verificar. (...) eu vejo com os meus alunos: grupos pequeninos são giríssimos para que as personalidades venham mais ao de cima. Se é um grupo muito grande, a turma toda, eles, então coitadinhos... As pessoas que são mais tímidas, têm todo o direito assim como eu</p>

		<p>Harmonia de personalidades</p> <p>Respeito pelo outro</p> <p>Experiência profissional transversal</p> <p>Entreajuda</p> <p>Aprendizagem</p> <p>Partilha</p> <p>Saber aceitar</p> <p>Vence a maioria</p>	<p>tenho o direito de ser louca, não é? [E4. E não é pouco...] Eu acho que depois no grupo pequenino funcionam imenso e revelam-se. A pessoa diz assim: “Olha este... este miúdo não fazia nada... olha vês, ali, no grupo pequenino, como ele teve imensa ideia e dominou e deu ideias e...” Portanto, eu senti isso em relação ao E1. À E3 também senti um bocadinho... (linha 132-146)</p> <p>E1. Há uma coisa importante que é a seguinte, todos nós aqui temos um objectivo que é terminar isto, com a melhor nota possível. Pronto, e olhando, em termos pragmáticos para a situação, é assim, nós tínhamos de fazer o trabalho em grupo e a melhor forma de nos ajudar [E2. Está bem, E1, podia não ter funcionado.] Eu penso que as nossas personalidades encaixaram bem umas nas outras. (linha 150-154)</p> <p>E3. Eu acho que não tem a ver com isso. (linha 155)</p> <p>E2. Eu acho que há um respeito pela personalidade do outro e acho que isso é muito importante. (linha 156-157)</p> <p>E4. (...) Há um pré-requisito de cada um de nós que é a experiência profissional. E nós também já estamos habituados, também temos de trabalhar em grupo, todos pertencemos a grupos na escola, a departamento e não sei quê, não sei quantos... (linha 158-161)</p> <p>E4. Mas é que nós os cinco, [E2. Não me parece que seja por aí.] nós os cinco somos todos professores, [E2. Está bem mas funcionou, podia não</p>
--	--	--	--

			<p>ter funcionado...] temos todos uma experiência de vida e... (linha 169-171)</p> <p>E2. (...) Eu acho que tivemos imensa sorte pelo respeito. (linha 176)</p> <p>E5. Sim, eu acho que a dinâmica tem a ver com o respeito sim, já... Podia não ter resultado. Há grupos de professores que sabemos que não resulta. [E2. Eu também acho. Isso eu também acho.] Aqui resulta. (linha 185-187)</p> <p>E2. Porque o considerar implica preservar e ter em conta, não é? Portanto eu acho que (a individualidade dentro do grupo) foi respeitada e considerada, acima de tudo. (linha 378)</p> <p>E4. Eu também acho. Nomeadamente, quer dizer, enquanto um dos meus <i>handicaps</i> pode ser o domínio das novas tecnologias e das plataformas e não-sei-quê das pesquisas e o grupo respeitou isso e aprendi imenso e ajudavam-me... permitiu-me aprender outras coisas e dar onde eu poderia dar mais, nos livros... (linha 381-385)</p> <p>E3. (...) que achamos que, de encontro à minha natureza, podia não gostar tanto assim mas sabemos aceitar, porque vence a maioria, não é? Acho que isso é importante. (linha 389-391)</p>
O grupo	Relações interpessoais	Continuação de relação entre os elementos do sexo	<p>E2. Vamos às vezes ao teatro. Já fomos as três ao teatro. (linha 192)</p>

	Existência de relações fora do grupo	<p>feminino do grupo na vida pessoal</p> <p>Teatro</p> <p>Compras</p> <p>Jantar</p> <p>Os elementos masculinos são casados e têm outras responsabilidades</p> <p>Proximidade de residências motiva a relação / favorece a aproximação</p>	<p>E2. Nós às vezes vamos às compras... (linha 194)</p> <p>E2. (Só as meninas) (...) Porque eles são casados, os dois. (linha 196)</p> <p>E2. (...) eu percebo que uma pessoa chega, esteve a trabalhar, vem para o Mestrado, vem fazer o trabalho de grupo, a seguir quer é ir para o pé do seu amor. Quer ir para o pé da... quer ir para a sua casa... ao menos... ele tratar dos miúdos, ele tratar da casa e da mulher, quer dizer... e está... acho que é isso que lhe compete, não é? Não é, não vamos agora todos, sempre que fazemos... oh E5, olha, anda também ou oh E1 anda também, <i>cagarico, cagaréu</i> para as vossas mulheres, filhos e afins, venham para a borga. (linha 204-210)</p> <p>E1. Podemos ir jantar ou outra coisa qualquer. (linha 213)</p> <p>E2. Mas digo que, se calhar, não sai mais naturalmente também porque eles têm depois uma vida familiar mais... no que trabalhar. (linha 214-215)</p> <p>E4. Mas também tem a ver com a localização. Eu e a E2, por exemplo, encontramos-nos muito mais porque vamos a pé para casa uma da outra. Portanto é natural. (linha 216-217)</p>
O grupo	Relações intergrupos	<p>- Afectos, sentimentos, emoções</p> <p>- Identidade / identificação</p>	<p>E2. Falo com toda a gente. Mas não tenho relacionamento para além de “Olá estás bom? O que é que se passa?” (linha 221-222)</p> <p>E3. Sim. No geral sim, não com todos, com alguns elementos</p>

		<p>com o outro grupo de professores</p> <p>Procura dos mesmos interesses, experiências e objectivos</p> <p>Sentido de pertença</p> <p>- Preconceitos</p> <p>O grupo dos recém-licenciados e o grupo dos outros (os professores)</p> <p>Dois grupos com interesses distintos</p> <p>Desinteresse de relacionamento com os elementos que não partilham dos mesmos objectivos e experiência de vida</p>	<p>sim. (linha 226)</p> <p>E3. Lá está: com o outro grupo de... professores. (linha 229)</p> <p>E4. Acho que é só mesmo com o outro grupo. Quer dizer, eu acho que se precisarmos a gente vai à própria pessoa, agora haver aquela coisa... por exemplo, até se vê quando a gente se encontra no bar, como é que nos formamos na mesa. (linha 230-232)</p> <p>E1. É. Os dois grupos juntam-se... (linha 235)</p> <p>E4. (...) eu acho que não é bem por isso, é por haver os interesses, as experiências porque eles também já vinham, já eram colegas há mais... não quer dizer que a gente não fale, ou que se a gente precise de alguma coisa... (linha 238-240)</p> <p>E3. Sim, de partilhar. (linha 241)</p> <p>E5. Há um sentido de pertença ao grupo dos mestrados, que é natural, já que estamos aqui com esse objectivo... (linha 248-249)</p> <p>E1. (...) claramente que, mesmo sem se querer, existem dois grupos naturais dentro da sala: o grupo dos recém-licenciados e o grupo dos outros. (linha 250-252)</p> <p>E3. A própria professora disse [E2. Que somos nós os professores.] que é muito difícil até para os professores respeitarem isso e irem de encontro aos interesses, porque um grupo tem interesses completamente diferentes do outro grupo. (linha 253-255)</p> <p>E1. Isso é natural. Depois dentro do grupo dos ditos professores,</p>
--	--	--	---

			<p>nós fizemos dois grupos e ficamos com as outras pessoas. Eu, por exemplo, nesta turma, há ali pessoas com as quais eu nunca falei. Sei quem são, sei que são da minha turma, nem sei como se chamam. (linha 256-258)</p> <p>E1. Sei quem são, abano-lhes a cabeça [E2. Digo olá mas não faço a mais pálida ideia [E3. Não sei o nome.] como se chamam, nem...] agora se temos dificuldades, por exemplo, relativamente a alguma matéria ou compreensão de alguma coisa, conversamos com o outro grupo dos professores, também. Pronto. (linha 261-264)</p>
--	--	--	--

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Metodologia	Ferramentas, recursos e técnicas utilizadas pelo grupo	<p>Reuniões nem sempre presenciais</p> <p>Recurso, sobretudo, ao email</p> <p>Utilização de telefone e Messenger</p> <p>Sessão síncrona através do WiZiQ</p> <p>Dificuldades com a tecnologia</p> <p>Visão positiva de uma experiência que correu mal</p>	<p>E2. Usamos e-mail, telefone e aquela sessão que nós tentámos fazer... só estava eu o E5 e a E3... porque o computador dela não deu... (linha 269-270)</p> <p>E3. O WiZiQ, né? (linha 271)</p> <p>E2. Fizemos uma sessão síncrona. (linha 274)</p> <p>E1. Aquelas sessões síncronas... Mas o e-mail, acima de tudo, foi uma coisa que utilizámos bastante. (linha 275-276)</p> <p>E2. O e-mail, telefone e a sessão síncrona. Ah, e o Messenger! (linha 281)</p> <p>E5. Foi no WiZiQ. Foi só uma experiência. (linha 282)</p> <p>E5. Tendo sido a primeira experiência tem sempre pontos</p>

			<p>negativos. (linha 285)</p> <p>E2. (...) mas é bom saber que existe. (linha 286)</p>
Metodologia	Reuniões	Encontros com frequência semanal	<p>E2. Tudo dependia da entrega dos trabalhos. Havia... para o primeiro trabalho... (linha 288)</p> <p>E1. Na altura era uma vez por semana. (linha 289)</p> <p>E1. Como padrão pode ficar isso. (linha 294)</p>
Metodologia	<p>Estratégias adoptadas</p> <p>Recursos, técnicas e fontes utilizadas pelo grupo</p>	<p>Rentabilização dos materiais já existentes</p> <p>Distribuição de tarefas semanais</p> <p>Recolha de fontes de informação para serem trabalhadas em grupo</p> <p>Sinergia</p>	<p>E2. É que nós, tendo em conta o tema, eu acho que nós íamos ver primeiro que informação é que poderíamos já ter em casa, livros... sei lá, estou-me a lembrar do livro amarelo, já tínhamos e não era preciso comprar. Pronto, este tipo de coisas, primeiro partir do princípio de que, primeiro temos a informação nós, vamos ver em livros e... ou livros ou saber em que sites e <i>links</i> e não sei quê e depois cada um partilhava. (linha 304-309)</p> <p>E4. Eu acho que houve uma metodologia que acho que foi muito importante e que aí está a mais-valia do nosso grupo e acho que tanto funcionou no primeiro trabalho como no segundo que era, quando nos encontrávamos e distribuíamos as tarefas de TPC (trabalho para casa) para a semana seguinte, nós aí íamos rentabilizar o que cada um podia dar melhor, e então um ficava com a pesquisa ou a completar qualquer coisa da Internet, outro ficava com este livro, outro ficava em fazer não sei o quê... (linha 315-320)</p>

			<p>Ou seja, cada um ficava responsável por trazer material para poderem trabalhar em grupo e, ao mesmo tempo, [E4. ...e, ao mesmo tempo, no fim de trabalharmos o produto...] complementavam para a próxima reunião de grupo, não é? (linha 321-323)</p> <p>E5. Pois. (linha 324)</p>
Metodologia	Novas técnicas e métodos de trabalho	<p>Boa organização e distribuição de tarefas</p> <p>Rentabilização do tempo disponível</p> <p>Nada de inovador</p>	<p>E1. Eu, pessoalmente, acho que não (descobrimos uma nova técnica de trabalho). O que nós fizemos foi, acima de tudo, assentarmos as coisas e sermos organizados. Como a E4 estava a dizer, quando estávamos juntos distribuíamos tarefas para cada um de nós no sentido de, na próxima vez que estivéssemos juntos, podermos rentabilizar o tempo, espremendo aquilo que tínhamos feito, como trabalhos de casa, para... pronto foi só. Eu acho que, acima de tudo foi uma questão de organização, de boa organização, mais nada, não. (linha 330-335)</p> <p>E5. Não há nada de inovador. (linha 339)</p>
Metodologia	Eficácia Dificuldades	<p>Trabalhos realizados com sucesso</p> <p>Equipa ganhadora</p> <p>Cumprimento dos prazos</p> <p>Dificuldade em encontrar e conciliar tempos comuns</p> <p>O respeito fomentou a</p>	<p>E2. Mas os dois que fizemos foram com sucesso então, há bocadinho aquilo que o E1 dizia, “em equipa que ganha não se mexe”, não é? Em equipa ganhadora... (linha 346-347)</p> <p>E1. Entregámos dentro do prazo, cumprimos os prazos, cumprimos os objectivos que nos foram propostos, cumprimos os prazos, apresentámos dentro daquilo que estava, portanto eu penso que... (linha 348-350)</p>

		<p>resolução de problemas</p> <p>O tempo como condição para fazer melhor</p> <p>Contrariedade na gestão do tempo</p> <p>Incompreensão do objectivo do trabalho proposto</p> <p>Desvio do objectivo proposto</p> <p>Possibilidade de rectificação</p> <p>Ambos os trabalhos foram desafiantes</p> <p>O objectivo do trabalho (do guião) não ficou claro para toda a turma</p> <p>Nas apresentações verificou-se que nem todos os grupos seguiram o mesmo caminho</p> <p>O trabalho do guião constituiu um maior desafio devido à adversidade na compreensão do seu</p>	<p>E5. A gestão do tempo a nível individual, eu pelo menos senti, e a nível de grupo, para conseguirmos ter tempos comuns para pensar, partilhar, encontrar... (linha 353-354)</p> <p>E2. Sim, para nos encontrarmos, porque é um grupo grande... (linha 355)</p> <p>E4. E porque cada um tem uma vida 48 horas sobre 24. Porque a gente tem de ganhar o dinheiro para andar aqui. (linha 356-357)</p> <p>E4. Mas houve uma mais-valia, foi do respeito. (linha 364)</p> <p>E2. Não, não. Sempre que se não se concordava... “Oh pá, não gosto dessa cor, aí pá, não gosto desse risco, eu não concordo com isso” era na hora e portanto ficava ali automaticamente resolvido. (linha 368-370)</p> <p>E5. Este foi o trabalho em que, com mais tempo, poderíamos ter feito melhor e, nesse aspecto, poderíamos ter vincado essa distinção.</p> <p>Penso que sim, isto foi com o tempo, também. Fomo-nos apercebendo da distinção entre o guião e o produto (texto), o produto dava mais trabalho, investimos mais nele e depois recordámos que realmente era preciso o guião e andámos assim para a frente e para trás nesse aspecto mas foi um processo que foi construído ao longo do tempo, esta distinção.</p> <p>Mas ouve, isto estava presente, às vezes o trabalho é que era tão</p>
--	--	---	---

		propósito	<p>denso para aquilo que..., já nem pensávamos quase no guião. [E3. Se calhar também é falta de tempo, não? Pois.] Pois... (linha 414-421)</p> <p>E1. Eu acho que a dificuldade que tivemos nesse trabalho foi, colocando as coisas assim claras, talvez não tenhamos entendido, logo no início, o objectivo do trabalho, não sei... (linha 428-429)</p> <p>E1. Vamos lá ver. Depois de compreendermos o objectivo do trabalho, pudemos retocá-lo quando tivemos uma reunião, antes de o entregar definitivamente, com a professora onde ela fez a sua análise sobre o trabalho. E aí, e em função daquilo que também nos foi mostrado, percebemos que nos estávamos a desviar um pouco daquilo que tinha sido proposto inicialmente.</p> <p>A questão é que talvez nós, no início, não tenhamos entendido, eu digo nós, enfim, [E3. Sim, o grupo.] quase todos, tenhamos entendido o que é que era necessário construir e daí termos seguido um determinado caminho que fez com que fizéssemos um produto que tivesse sido centralizado no formador e não centralizado no aluno, que era aquilo que se pretendia. E depois tivemos que fazer, portanto, a tal rectificação.</p> <p>Agora, entendemos depois, no fim, qual era a finalidade, tanto entendemos que rectificámos e, como o E5 diz e bem, talvez com mais tempo e com esta explicação intermédia que chegou já para nós na ponta final do trabalho pudéssemos ter feito um trabalho melhor nalguns aspectos, não técnicos mas sim de guião</p>
--	--	-----------	---

			<p>propriamente dito, aquilo que é o sumo de um guião. Mas pronto, apostámos mais na parte técnica do que na parte de construção propriamente dita do guião. (linha 431-446)</p> <p>E4. Acho que os dois foram desafiantes. (linha 464)</p> <p>E2. Foram feitos de formas diferentes. (linha 465)</p> <p>E1. (...) nunca ficou, pelo menos para mim, muito claro qual era o objectivo final do trabalho, muito claro e... aliás, a apresentação dos trabalhos todos também deixou transparecer isso um bocado, tanto que, todos na mesma sala, nem toda a gente seguiu o mesmo caminho. (linha 463-466)</p> <p>E1. (...) Essa percepção (que deveria ser uma aula para publicar online e, eventualmente, poder vir a ser reutilizada) apareceu muito, muito no fim, porque quando se começou por falar, no início, o que é que era um guião, nós tivemos algumas discussões dentro da sala de aula para tentar perceber concretamente o que é que era, o que é que se pretendia. Portanto, como trabalho, constituiu o maior desafio nesse aspecto porque, enquanto no outro era, no fundo, elaborar um trabalho sobre um determinado texto, o texto estava lá, era aquilo e ponto final, neste tínhamos que criar qualquer coisa e, nesse aspecto, deu algum... (linha 470-476)</p>
--	--	--	--

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Resultados	Produtos alcançados, grau de satisfação e seu impacto Aprendizagens	<p>Dois trabalhos concluídos: o primeiro foi o do texto e o segundo foi o do guião</p> <p>O trabalho que recolheu maior agrado foi o do texto</p> <p>Tempo e definição / compreensão dos objectivos contribuíram para o maior êxito do primeiro trabalho</p> <p>Grande aprendizagem com o segundo trabalho</p> <p>A metodologia utilizada no primeiro não foi recorrente</p> <p>Grau de satisfação moderado</p> <p>Primeiro trabalho serviu para o grupo se conhecer e se respeitar</p> <p>Trabalho do texto era em inglês, com variáveis estatísticas, parecia chato</p> <p>O grupo conseguiu tornar os</p>	<p>(Os produtos concluídos pelo grupo foram o trabalho do texto e o do guião) (linha 488-493)</p> <p>E1. Pessoalmente, (o trabalho que deu mais prazer fazer) foi o primeiro. (linha 501)</p> <p>E2. Eu também. (linha 503)</p> <p>E3. Foi o primeiro. (linha 511)</p> <p>E4. Eu gostei de fazer os dois. Eu acho é que é o seguinte, no primeiro (o do texto) nós tivemos mais tempo [E3. E no segundo não.] e no segundo tivemos, porque era isto que o E1 estava a dizer, apesar do segundo ter sido proposto logo no primeiro dia, entretanto foi para o fim, porque entretanto meteram-se milhares de trabalhos e depois nós também não compreendemos logo qual é que era o objectivo porque logo inicialmente, ficou ali... havemos de fazer um dia para esta cadeira isto, pronto. E então, eu acho que, por causa disso, é que não conseguimos realizar com tanto êxito como o primeiro. [E3. E esse era mais importante.] Se posso dizer assim. Agora, eu acho que os dois, porque aprendemos, eu falo por mim, aprendi imenso com o segundo. Só que também gostaria que no segundo tivesse sido aplicada exactamente a mesma metodologia de grupo que foi utilizada no primeiro que foi encontrarmo-nos mais vezes e não sei quê. Só que é impossível, não conseguimos esticar o tempo. (linha 513-523)</p>

		<p>conteúdos simples para a apresentação</p> <p>Foi um desafio ganho com satisfação</p> <p>A apresentação do primeiro trabalho teve maior impacto junto dos colegas e professora</p> <p>Perspectiva de trabalhar melhor no futuro</p>	<p>E1. Nós tivemos 16 e se pudéssemos ter 17 não tínhamos 16 e se pudéssemos ter 18 não tínhamos... e por aí fora. (...) Obviamente que, depois de ver os trabalhos dos outros eu também tenho de ter uma noção de comparação e, tendo em conta, a percepção dos objectivos finais do trabalho, já na ponta final do trabalho, e olhando para alguns trabalhos que lá estão, acho que a nota, a nossa nota, pronto, se ajustou. (...) Portanto, o grau de satisfação é... é moderado. Não andámos aos pinotes. Acho eu, pelo menos (eu) não andei. (linha 527-537)</p> <p>E5. É também a primeira... Aliás, o que a E4 há pouco disse, vai ao encontro daquilo que eu penso. O primeiro foi também... e agora em relação à entrevista, a primeira pergunta do enquadramento do grupo, também serviu para nós, enquanto grupo, no primeiro trabalho, nos conhecermos, nos tornarmos mais respeitadores e conhecer a opinião do outro mas também, inicialmente, levantou aquele desafio; era um trabalho em inglês, técnico, com variáveis estatísticas... Inicialmente até parecia um pouco chato para além do tema mas depois, conseguir retirar tudo aquilo e torná-lo simples para uma apresentação, foi um desafio que vencemos com... com alguma satisfação. Portanto o primeiro foi... (linha 539-546)</p> <p>E4. (O primeiro trabalho foi o que teve maior impacto a nível da apresentação aos colegas) Foi, o primeiro teve... mesmo a nível de apreciação por parte da Professora. A P2, pelo menos, a</p>
--	--	---	---

			<p>expressão dela foi que, realmente, gostou muito do primeiro e no segundo trabalho, com toda a razão, e por aquilo que o E1 já disse, quer dizer, que não conseguimos atingir tudo aquilo que era esperado. (linha 549-552)</p> <p>E1. Temos que o vender melhor. (linha 553)</p>
Resultados	Criatividade Inovação Processo	<p>Criatividade e trabalho</p> <p>Utilização da ferramenta WordPress</p> <p>Cor dos diapositivos</p> <p>Consonância entre as cores e o tema</p> <p>Primeiro o trabalho sobre o conteúdo, depois a formatação do texto e significação das cores</p>	<p>E4. (O produto final é o culminar de um processo) Criativo e não só. E trabalhoso. (linha 555)</p> <p>E1. O termos colocado o trabalho (do guião) no WordPress, mais ninguém fez isso. Acho que foi uma ideia que ficou engraçada e ficou funcional para qualquer pessoa e em qualquer lado, portanto, nesse aspecto... Não é inovadora, não é? Portanto, no fundo aquilo é um Blog e o que nós fizemos foi montar aquilo para ficar em formato de página. (linha 566-569)</p> <p>E3. Só se foi a cor dos nossos diapositivos no primeiro (trabalho), não é? O fundo era preto, todos os outros (trabalhos apresentados pela turma) eram azuis, não é? (linha 572-573)</p> <p>E1. Com justificação, não estava lá à toa. (linha 578)</p> <p>E2. A inovação foi tentar conciliar a cor com o tema. Uma vez que eram as relações que se poderiam gerar, tendo em conta a tecnologia e a não... portanto, o uso da nova tecnologia e o não uso da nova tecnologia, nós achámos que o preto seria bom pelo lado mais nobre, mais escuro da coisa, mais escurecido, a</p>

			<p>incerteza, o misterioso e que o cor-de-rosa era a paixão, um amor que poderia, eventualmente, surgir nessas relações online. (linha 581-586)</p> <p>E4. Aliás, foi escolhido no fim de nós termos trabalharmos todo o produto, o texto e no fim de o termos transformado. (linha 590-591)</p> <p>E2. Sim, mas aí estava tudo a preto e branco, não é? E depois, quando fomos paginar, pensámos nisso. Portanto, fomos originais nesse aspecto. (linha 592-593)</p>
--	--	--	---

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Validação da entrevista	Aspectos não abordados Reacções	<p>A observadora no grupo</p> <p>Receio inicial de inibição e de julgamento</p> <p>Personalidade da observadora auxiliou a integração</p> <p>Não houve inibição</p> <p>Os outros grupos consideraram que a observadora traria mais trabalho</p>	<p>E2. Olha, nunca me tinha acontecido e achei engraçado ter uma observadora. Portanto, achei muito engraçado. Conheci-te e pronto e acho que tenho aqui uma amiga para a vida, não é? “Olá Teresa e tal, estás boa?” [E3. Olha, mas isso eu acho estranho.] (...) E uma das coisas que eu tive medo que me acontecesse era inibir-me. Tipo esta fulana sabe imenso, já está muito à frente, vai achar que nós somos uns ignorantezinhos que aqui andamos a apanhar papel. E depois o engraçado, também tem a ver com a tua forma de estar, não é? que és muito terra-a-terra e portanto tem muito a ver com a tua forma de estar, és uma pessoa muito... de fácil trato e <i>enturmas-te</i> bem, portanto foi muito agradável. (linha 599-607)</p> <p>E2. (...) nunca me tinha acontecido, estar a trabalhar e ter uma</p>

		<p>Observação participante</p> <p>A observadora colaborou nos trabalhos</p> <p>O grupo considera a observadora como outro dos seus elementos</p> <p>Observação do estado natural do grupo</p> <p>A observação não condicionou o grupo nem o seu trabalho</p> <p>Gestão do nível de participação bem conseguida</p>	<p>pessoa... achei engraçado e não me inibiste. (linha 610-611)</p> <p>E1. Como é que a Teresa ficou no grupo? Se te lembras, a maior parte das pessoas da sala, lá está, ou perceberam mal o que a P2 disse ou olharam para a Teresa como alguém que viesse dar trabalho, viesse dar trabalho ao grupo. Eu lembro-me perfeitamente dalgumas justificações dentro da sala, que estavam cheios de trabalho, que ias dar trabalho. (...) eu acho que não só não deu trabalho nenhum como até nos ajudou, porque houve alturas em que olhaste para os trabalhos e portanto nunca senti isso como observadora. Eu pelo menos nunca te senti como observadora, tanto que até nos emails que mandámos, comecei a incluir lá o teu nome para veres o trabalho, portanto foi uma pessoa que trabalhou connosco de certa forma, não participando e não tendo nota. (linha 613-622)</p> <p>E3. Mas lá está, isso tem muito a ver com [E1. O feitio da pessoa.] a dinâmica da pessoa, com o jeito da pessoa. (linha 623-624)</p> <p>E2. Porque até a forma de ela estar, se calhar, vem para aí outro observador qualquer e nós sentimo-nos inibidos, não é? (linha 625-626)</p> <p>E1. Não. Se calhar não observava aquilo que ela observou, se tivesse essa postura. [E3. Pois.] Porque no fundo nós, de certa forma, integrámo-la no grupo. É como se fosse uma pessoa do nosso grupo. Trocámos informações como se fosse uma pessoa do</p>
--	--	--	---

			<p>grupo e não nunca na perspectiva do observador, não é? (linha 627-630)</p> <p>E2. Pois, e isso é bom, conseguir isso. Eu acho. (linha 631)</p> <p>E4. (...) Eu lembro-me que eu faltei à aula em que tu foste integrada no grupo. E quando nos reunimos nas férias do Natal pela primeira vez, o E1 e o E5 falaram-nos que tu virias e eu nem estava, porque eu nem te conhecia, nem estava a ver que eras tu, pensava que era outra Teresa, que também pertence ao nosso Mestrado. E então... pronto, está bem. E eu pensava que era aquele dia, depois no fim, vieste tu, que eu nem sequer conhecia e virias para ficar. Mas que ainda fiquei, pronto...mas então não é só hoje? E, de repente, foi assim por segundos, pensei assim “bem, agora vai-nos mesmo observar?”. E quando tu tiraste o bloco, e depois sempre a escrever, “vai escrever tudo o que vamos dizer? Bem, bem, cuidado com aquilo que vamos dizer”, pensei.</p> <p>E realmente, uma mais valia foi a maneira como te integraste porque concordo exactamente com tudo o que foi dito, era aquilo que o E1 estava a dizer. Agora quando o E1 estava a falar eu também estava a pensar: pois, se calhar, se tu não te integrasses da maneira como integraste, como um elemento do grupo, se calhar nós até reuniríamos ou trocaríamos o trabalho sem mandar para ti. E nós, quando mandávamos para todos, <u>todos</u>, incluía sempre a Teresa. E quando voltávamos a reunir, nós nunca nos reunimos sem te avisar. “Avisaram a Teresa?” Por isso é que eu</p>
--	--	--	---

			<p>acho que aí estás de parabéns pela maneira como soubeste integrar e não ficaste como observadora e acho que conseguiste observar tudo. Observaste mesmo [E1. Observaste o estado natural.] a realidade. (linha 632-649)</p> <p>E1. É. É mesmo. Porque repara bem, um observador que está colocado dentro de um grupo, que tem uma ligação próxima com um determinado professor que nos vai avaliar, se é uma pessoa com outro determinado feitio, não interessa, podia condicionar bastante a nossa presença e... (linha 652-655)</p> <p>E4. Porque podias não te saber integrar, podias não saber ser um bom observador participante. E, se calhar se fosses não participante... (linha 660-661)</p> <p>E2. Mas se soubeste ser um participante e invisível, sem nos dizeres se estava bem se estava mal, se a professora ia gostar se não ia, se... mas soubeste dar dicas que nos ajudaram depois na... [E4. Em tudo.] no produto final, estás a perceber? (linha 665-667)</p> <p>E4. Mas se tivesses só de binóculos, se tivesses só de presença física, ali com uns binóculos, se nós sentíssemos essa lupa da tua parte, nós se calhar ficaríamos muito mais inibidos, não é? (linha 668-671)</p>
Validação da entrevista	Resultados Sugestões	Satisfação com a entrevista Repetição de questões	<p>E2. (A entrevista) Estava bem-feita. (linha 689, 706, 712)</p> <p>E1. Acho que, acima de tudo, foi informal. (linha 692)</p>

		<p>Compreensão das questões</p> <p>Quantidade da informação fornecida</p>	<p>E2. Tem é 3 perguntas que eu acho idênticas. (linha 694)</p> <p>E2. Ah, pronto. Ia tudo muito dar ao mesmo. Sobre o relacionamento. (linha 699)</p> <p>E5. Se calhar nós é que levámos para o mesmo sítio. (linha 702)</p> <p>E2. Não, não, nós respondemos àquilo que tu perguntaste. (linha 704)</p> <p>E2. Boa sorte. Tens aí pano para mangas. (linha 723)</p>
--	--	---	---

ANEXO VII: Grelha de registo de observação (exemplo)

**GRELHA PARA REGISTO DE COMPORTAMENTOS DE UMA COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM
EM SITUAÇÃO DE AULA**

2ª Observação na disciplina de As TIC e o Trabalho de Projecto do Mestrado e Doutoramento em TIC e Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa – data: 10/05/2008

– horas: das 08h50 às 13h56 – 1 observador presente

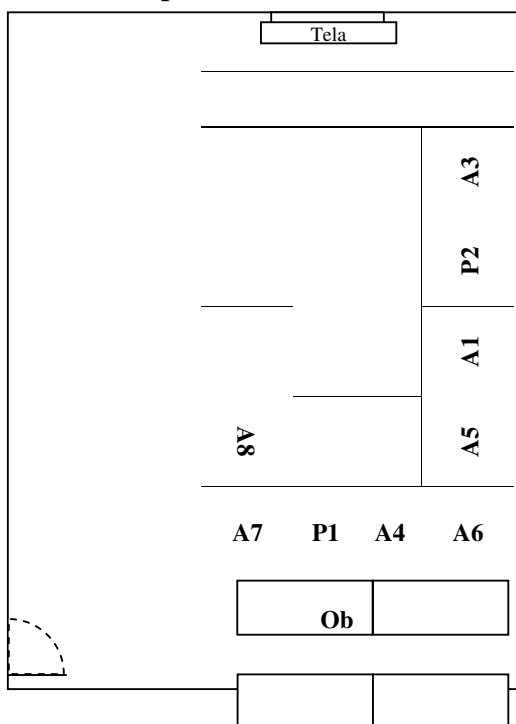
Professoras: P1 e P2 / Edifício C6 da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa /

Piso: R/C

Nº de alunos na sala: 7 – Faltas: 1 (A2)

Quadro realizado com base nas referências apresentadas pelo autor Estrela (1994, pp.228-230)

Mapa da sala



A1: sexo masculino, professor de Matemática de Informática no ensino superior, estudante do 1º ano do Doutoramento em TIC na Educação.

A2: sexo feminino, professora de Biologia no ensino secundário, estudante do 1º ano do Doutoramento em TIC na Educação.

A3: sexo feminino, professora de Português/Inglês no ensino básico, estudante do 1º ano do Mestrado em TIC e Educação.

A4: sexo feminino, professora do 1º ciclo do ensino básico, estudante do 1º ano do Mestrado em TIC e Educação.

A5: sexo feminino, professora de Biologia/Geologia no ensino secundário, estudante do 1º ano do Doutoramento em TIC na Educação.

A6: sexo feminino, professora de Informática no ensino secundário, estudante do 1º ano do Mestrado em TIC e Educação.

A7: sexo masculino, professor de Filosofia no ensino secundário, estudante do 1º ano do Doutoramento em TIC na Educação.

A8: sexo masculino, professor de Português/Francês do ensino secundário, estudante do 1º ano do Doutoramento em TIC na Educação.

P1: sexo feminino, professora da disciplina de As TIC e o Trabalho de Projecto.

P2: sexo feminino, professora da disciplina de As TIC e o Trabalho de Projecto.

Tempo	Espaço	Intervenientes	Comportamentos do Docente	Comportamentos dos Alunos	Obs.
8h50	Sala com mesas disposta em “U” com 1,2 alunos por mesa (ver Planta da sala e distribuição dos alunos)	7 alunos e 2 professoras			Quando cheguei já estavam a P2, P1, A5 e A1 na sala.
8h55				P2, P1, A5 e A1 falam acerca da calendarização da disciplina.	A P2 enganou-se no dia, seria só para estar presente na próxima sessão.
8h56				Chega a A6.	
9h00				Chega A3.	
9h02				Críticas à plataforma. Ninguém, nem mesmo a P2, consegue ver os documentos depois de os publicar.	
9h07			As Professoras estão de volta do PC da A6 a ver os constrangimentos da plataforma. Grande “festa” ao A8 “O homem de quem se fala, de quem estávamos à espera” – diz P2	Chegam A7 e A8.	
9h08				Continuam a tentar ver onde estão os documentos.	
9h10				A8 monta o seu PC ao vídeo-projector.	

9h14				A8 inicia a apresentação da plataforma.	
9h19				Chega a A4.	
9h25			Trabalho de Projecto e Tecnologias é o objectivo do artigo, produto final desta disciplina. Mas na plataforma não está nada, diz P2.		
9h27				A6 diz que desapareceram actas e o site oficial. A8 fica muito admirado.	
9h32				A8 explica que cada um deve inscrever-se nos grupos de trabalho e fazer seguir a discussão.	
9h37			P1 lembra que alguém tem de fazer a acta de hoje. P2 diz que têm de colocar a minha presença enquanto observadora externa.		
9h38				A8 explica os fóruns gerais. A6 e A5 continuam a olhar para os respectivos PCs e a falarem entre elas.	
9h42				A8 começa a explicar o perfil individual.	Pelas perguntas da P1, não tem uma percepção tecnológica.
9h47			P1 diz que são muitas coisas para se seguir. P2 diz que é mesmo muita coisa. E são muitos os procedimentos para se chegar ao essencial.	A8 fala da possibilidade de ter <i>blog</i> , as formas de anexar ficheiros e enviar <i>Tags</i> : se a palavra for composta tem de se colocar entre aspas, Ex: recurso, “comunidade prática” (pode-se agendar a sua publicação).	Breve momento de riso. A7 pergunta porque a A5 está destacada. Esta ri-se e diz que, se calhar, foi porque respondeu a uma mensagem.
9h50					Continuam as especulações acerca do motivo pelo qual a A5 está destacada. Riso.
9h55				A8 fala da inserção de vídeo tal como no <i>Youtube</i> .	Enquanto A8 fala, A5 e A6 falam e continuam a olhar para os seus PCs.
9h57				A8 explica e mostra como ir buscar o código HTML de um vídeo do <i>Youtube</i> e	

				colocá-lo na plataforma.	
9h59				A8 fala entusiasmado sobre a possibilidade de se colocar o local e aparecer o <i>Google Maps</i> com a localidade e o País.	Nessa altura a A5 fala com A4.
10h01				A8 explica e mostra como introduzir música no perfil pessoal ou até um <i>PodCast</i> .	
10h03				A8 diz “Devemos introduzir as <i>infos</i> da música e o <i>copywrite</i> ”.	
10h04					As meninas continuam a conversa (a A4 menos). Levantam a cabeça de quando em vez (a A3 não olha para o PC).
10h06				<i>VoiceThread</i> – A8 diz que esta é uma ferramenta colaborativa muito importante pois comporta vídeo, som, imagem. Diz que agora vai confundir muita gente.	
10h08				A7 pergunta como se descarrega. A8 diz que é tudo online. A1 diz que basta registar. A A5 questiona “e é <i>free</i> ?”.	
10h10				A8 mostra um exemplo feito por ele para os seus alunos.	
10h11			P2 pergunta, em termos práticos, como se compõem os materiais.		
10h12			P1 pergunta se os alunos fazem comentários sobre uma imagem e os outros respondem a esse comentário e não vêem todos. E se é assim, então não é trabalho colaborativo pois, para ir construindo, é preciso ter a visão dos outros.		
10h13			P2 responde (...)		
10h14				A8 responde à A5 e A6. A3 mexe no MSN e <i>Ning</i> . A7 mexe no seu PC.	P1 e P2 discutem as duas e ninguém as ouve.
10h15			P1 fala da obrigatoriedade de se ter autorização para publicar fotos dos alunos.		
10h16			P2 diz que está perdida, pede para A8 começar do início.	A5 diz que já se registou no <i>VoiceThread</i> .	
10h17				O <i>VoiceThread</i> só permite fazer 3 vídeos mas existe	

				uma opção para professores e eles dão acesso a fazermos mais, afirma A8.	
10h19				A1 diz que nem todos têm acesso ao nosso vídeo. A8 confirma que nós é que damos acesso a quem queremos.	
10h20				A8 mostra como se faz (anexar foto, <i>sharing</i>).	
10h23			P2 refere que a tecnologia está mais acessível do que no início (MS-DOS), no entanto é necessário muito tempo em frente ao PC. Que é impossível o e-learning a trabalhar sozinho, tem mesmo de haver trabalho colaborativo.		
10h25			P2 fala dos objectivos da aprendizagem, sequências de aprendizagem, da tese da A2 e da A6.		
10h26			P2 refere a tese da Paula do Mestrado em Tecnologias Educativas (estudo das imagens dos testes, fichas de exercícios, etc. dados pelos professores aos alunos).		
10h27			P1 dá exemplo de outro com as imagens dos livros escolares.		A5 troca olhares com A8 que espera para continuar a apresentação. A8 repara que eu estou a olhar.
10h28			P2 começa a falar com A5 enquanto P1 fala com A8.		
10h29				A6 fala com A4.	P1 comenta algo com A7 (que desvia o olhar para o seu PC).
10h30				A8 inicia a sua apresentação de um agregador de favoritos e de vários emails, o <i>Netvibes</i> .	
10h31			P2 diz que não percebeu porque a A5 estava a falar e pede que A8 recomece de início.		
10h32				A5 e A6 vêem site de compras online.	
10h33				A8 fala dos RSS para colocar no <i>Netvibes</i> .	
10h35				A8 vai ao PC da A3 e explica como fazer RSS – <i>Feed</i> .	

10h40			P2 diz que é muito útil testar objectos de aprendizagem que a A5 vai produzir.		
10h41			A P1 diz que o A7 e A5 teriam interesse em testar.		
10h42			P2 diz que o A7 faz umas coisas muito interessantes com os alunos e que não sabe porque não larga a investigação e faz de objecto de estudo os alunos. Afirmo que este deve largar as ambições políticas e ri-se.		
10h43				A7 não estava a ouvir e P2 repetiu. A7 começa a justificar-se.	
10h45			P1 diz que “aprendemos muito”. P2 disse “depois deste banho de tecnologia...” e começou a falar sobre quadros interactivos e a dizer ao A8 que já sabe trabalhar. Contou como o Bernardino do Mestrado em Tecnologias Educativas esteve a dar uma aula e começou a dissertar acerca das vantagens do quadro e como este apareceu na faculdade.		
10h47			P1 disse que devemos agendar o resto da aula. “Quem faz a acta?” A A5. “Devemos fazer ponto da situação sobre o trabalho final, o produto da disciplina.” “Hoje já tivemos esta 1ª parte da aula com a apresentação do <i>Ning</i> .”	Há sugestão de fazer intervalo.	
10h50				A7 mostra que tem <i>Boomerang</i> em alternativa ao quadro interactivo. A7 diz que sim, faz vídeos e tudo.	
10h53				Começam a levantar-se para ir ao intervalo.	Intervalo.

Tempo	Espaço	Intervenientes	Comportamentos do Docente	Comportamentos dos Alunos	Obs.
11h30	Sala com mesas disposta em “U” com 1,2	7 alunos e 1 professor			De volta à sala.
11h33				P1 fala com A7, este nunca tira os olhos do PC e combina fazer coisas.	Todos sentados.

	alunos por mesa (ver Planta da sala e distribuição dos alunos)		P2 fala com A4 sobre um nome de um autor de um livro.	A6 fala com A5 sobre ferramentas que são boas para as aulas. A3 navega na plataforma.	
11h36			P2 fala com A1 e A3 sobre África (a propósito de uma foto no ambiente de trabalho do PC da A3).	A7 levanta-se e começa a montar o <i>Boomerang</i> com a ajuda de A8.	
11h40			P2 e A3 perdem-se a falar da graduação dos óculos a propósito da apresentação do A7 do menu do software do quadro interactivo (onde havia uns óculos).		
11h41				A7 mostra como se trabalha com o menu. A7 e A8 entram em <i>meeting</i> e interagem ao mesmo tempo num ficheiro.	
11h50				A7 e A8 referem o <i>Luiver</i> ou <i>eBeam</i> (softwares para o <i>Boomerang</i>), os quais permitem gravar a aula com som e a passagem dos menus, ecrãs, etc. A3, A5 e A6 começam a fazer o download.	
11h56				A7 mostra exemplo de uma aula que gravou.	
12h07			P2 pergunta se ele fala.	A7 mostra uma aula de crioulo. A7 exemplifica. Viveu na Guiné 2 ou 3 anos e na China, onde foi o 1º Reitor português. A7 exemplificou o chinês.	
12h10			“ <i>Science of Learning and Art of Teaching</i> ”, de Skinner. P2 diz que estas possibilidades tecnológicas realizam o sonho do Sr. onde as aulas podem ser segundo o ritmo do aluno e ser ele construtor do seu conhecimento.		
12h11			P2 diz que a ver é fácil mas se estiver sozinha vai ter dificuldades.		
12h12				A6 mexe no PC da A5, põe-lhe um símbolo de uma mão e diz “já está” com um ar triunfante.	
12h13				A3 já conseguiu instalar o	

				software (estava muito lento o download) e experimenta. “Que giro!” - diz A3.	A6 e A5 continuam a falar, mexer no PC e a riem-se.
12h15				A7 mostra filmagem do que ele e A8 estiveram a fazer enquanto apresentavam.	
12h16				A6 vira-se para trás, vê-me a escrever e comenta: “Hoje é que a Teresa escreve, escreve.”	Levantei a cabeça e sorri sem nada dizer.
12h17				A7 dirige-se à A3 e explica como se partilha uma sessão.	
12h19			P1 diz que têm de passar à outra parte da aula. P2 diz que se vai embora.	A7 mostra como estas sessões são práticas, mesmo para a auto-avaliação, que eles fazem no final.	
12h20				A5 pergunta se há um PC para cada um dos seus alunos. A7 diz que sim. A5 explica que não tem um PC para cada e assim não dá.	
12h22				A7 começa a falar que tem registo de todos os períodos. A5 continua a falar.	
12h23			P2 faz “shiu”. P2 diz que isto dá muito trabalho e é necessário criar um <i>blog</i> , que é muito exigente para dar feedback.		
12h25				A6 mostra a A5 como se faz um <i>blog</i> . A5 regista-se. A3 continua concentrada em explorar o <i>eBeam</i> .	
12h27				A5 não consegue registar-se e a A4 intervém.	O tom de voz baixo da A4 é alto e incomoda A1 que olha para ela.
12h28				A7 mostra como fazer inquéritos online e como as respostas são organizadas numa folha de Excel.	
12h29				A5 diz que não é exequível pois demora a preparar e não dá para fazer na hora. A7 diz que dá e que vai mostrar.	
12h30				A7 tenta fazer um <i>blog</i> na	

				altura. FÁ-lo mas ninguém liga.	
12h32				A8 diz que é muito mais motivante para os alunos (as ferramentas online).	Pausa em que todos estão a falar, cada um para seu lado.
12h38				A8 fala do DIIGO, ferramenta que dá a possibilidade de, no texto online, fazer comentários e adicioná-los automaticamente ao GIIGO, o colega dele vê o comentário e responde-lhe.	
12h40			P2 sai. P1 diz que devem fazer ponto de situação. As actas são documentos estruturantes do grupo. Vão mudar o nome do grupo das Actas.		
12h42				A5 e A6 questionam A8 como colocar outro documento à acta do dia 23. Este responde que não dá, mas para anexar a seguir.	
12h43				Todos com o PC a trabalharem na plataforma e nos documentos que têm de publicar.	
12h44			P1 diz que vai propor uma metodologia mas que acabem primeiro com as tarefas que estão a fazer.		A sala fica silenciosa e toda a gente fala muito baixo, será pela saída da P2?
12h45			P1 pergunta que horas são e que tem de sair cedo pois tem uma conferência. Deve-se saber o que o grupo faz, o que vai fazer e qual o objectivo final. O artigo é o produto final, diz P1.		Nota-se uma certa impaciência para continuar o que ela chama de “auto-regulação”.
12h46				A8 lembra que o resumo tem de ser enviado até 31 de Maio (para a conferência em Braga). Vai ver e diz que há long (que é full) e short paper, este último de 5 páginas. A5 diz Short e todos riem.	
12h47			P1 tenta organizar o trabalho. “O título provisório é ... o título ajuda a ver o conteúdo.”	A5 diz que não sabe quais são as ferramentas da	

				Web 2.0 e a A6 começa a enumerá-las.	
12h48				A8 começa a ler o que é necessário fazer para inscrever o trabalho na conferência de Braga.	
12h50				A8 lê quais os tópicos dos temas dos artigos.	
12h51			P1 diz que o artigo vai ser sobre o trabalho deste grupo.		
12h52			P1 diz que os alunos são eles. “É sobre este grupo.”	A5 diz que na última aula tinham decidido fazer um trabalho “com os alunos”.	
12h54				A8 diz que devem construir um modelo de trabalho colaborativo usando o Trabalho de Projecto e produzir um trabalho com ferramentas Web 2.0.	
12h55			P1 avança com as definições de: Tarefa – construir um projecto usando uma ferramenta tecnológica, usando a tecnologia de Projecto e encontrarem oportunidades dos alunos auto-regularem a aprendizagem. O projecto tem juntar os 3, para isso se construíram os grupos de trabalho na plataforma que estão a estudar as metodologias e ferramentas possíveis de serem usadas. Produto final – artigo sob a forma como este grupo foi construindo o projecto. O artigo é sobre o processo e não sobre o produto. Nota – o artigo deveria ser escrito apenas no final (fim de Junho) mas, por causa da participação na conferência, vai ser um Projecto em curso.		
13h00			P1 lança “título...” mas como ninguém disse nada, ela avançou “vamos às palavras-chave primeiro”.	Trabalho colaborativo, disse A1, Trabalho de Projecto, disse A3, Comunidade prática (Ning) disse A8.	
13h03			A P1 disse que agora o		

			título pode ser longo e depois reduzi-lo, pois vai ajudar nos objectivos.		
13h04			A P1 diz que o título deve conter o nome da ferramenta.	A5 diz um título.	
13h05				A5 diz que o <i>Ning</i> não é ferramenta, é a plataforma e A8 diz que é (uma ferramenta).	
13h06				A8 lembra que esta plataforma não dá para construir o produto final. Terão que utilizar o <i>Google Docs</i> . Poderão também usar o <i>Skype</i> se quiserem usar voz.	
13h07			P1 diz que tem de estar tudo direitinho na plataforma para saber onde ir, o que fazer e quando.		
13h08				A1 remete de volta ao título.	
13h09				A8 lembra que têm de arranjar um modelo de trabalho colaborativo, que é por isso que ainda não começaram e estão um pouco perdidos.	
13h10			P1 replica a utilização da palavra “modelo” pois para ela é uma coisa, para os informáticos é outra.		
13h12				A5 diz que não estão a colaborar, que estão a ir a um sítio e pôr coisas. Está uma manta de retalhos. Que não sabe o que é a Web 2.0. Põe em causa qual a vantagem de usarem a plataforma já que é um armazém de coisas.	
13h15			P1 diz que serve para terem os documentos organizados e disponíveis a todos. Diz que não devem avançar para o conceito de cooperação sem o discutirem. Entreaajuda é diferente de Acção mútua, este último é quando o grupo produz com a mesma finalidade e os mesmos interesses.		
13h16			P1 diz que o produto final deverá ser final pois faz parte do objectivo desta		

			disciplina. Não podem ficar por se constituírem enquanto grupo.		
13h17				A5 levanta questões acerca do que é um produto final e sobre os objectivos.	
13h20			P1 disse que tinha outra expectativa, que a primeira etapa de recolha de material estaria pronta e que agora passariam à segunda parte, que era a construção de objectivos.		
13h25			P1 continua afirmando que tem de ficar claro qual é o objectivo deste grupo. Faz pergunta apenas à A6.	A4 e A5 são quem responde a P1. A7 olha e mexe no PC. A1 escreve. A3 e A8 estão atentos mas não falam.	
13h27				A5 conta a experiência dela no <i>Moodle</i> e como constatou que, o que ela faz, que pensava estar atrasada, afinal não é prática generalizada por todo o país.	
13h28			P1 diz que não no seio desta disciplina. P1 afirma que não pode ficar de fora a conceptualização.	A8 diz que devem criar uma comunidade para estudar a sua prática. A5 diz que têm de ter produto e tecnologia.	
13h30			P1 responde que poderá passar pela construção dessas linhas orientadoras. Que o que estão a fazer é construir em conjunto e construir assim pressupõe que cada um deles tenha uma concepção e visão diferente que, até haver harmonização, tem de ser discutida.	A6 fala acerca das linhas orientadoras.	
13h32				A8 refere que devem partir duma plataforma (ferramenta tecnológica) para trabalhar colaborativamente. Quem lidera a comunidade, quem mantém viva a comunidade?	
			P1 responde que se estão		

			a distanciar dos objectivos desta disciplina.	A5 fala com A1.	A7 encostado na cadeira de braços cruzados, coça a cabeça colocando de seguida a mão na boca.
13h34				A5 lê o que se escreveu anteriormente acerca dos objectivos deste grupo. Discussão sobre como chegar a uma conclusão.	
13h40			P1 sempre a direccionar.	Chegam a uma conclusão.	
			P1 diz que tem de sair.	A8 diz que o trabalho tem de ser útil aos outros.	
13h42			P1 anui mas adianta que antes tem de ser útil para eles e que isso é que não estava a ser fácil pois estão em níveis de desenvolvimento muito diferentes. Têm de encontrar sinergias e um ponto de encontro que lhes seja útil. Tem de enviar SMS e ir embora pois tem de ir à conferência e mostrar o Oceano a uma romena que vai cá estar 2 semanas pelo programa Leonardo da Vinci.		Neste período de tempo tudo fica calmo, uns a arrumar, outros a falar baixinho; A8 e A7 olham para o PC do 1º.
13h47			P1 volta a fazer resumo da finalidade e dos próximos passos a concretizar. “Agora vamos trabalhar sobre os produtos (documentos). Vamos construir conhecimento.”		A3 olha para mim
13h50			P1 diz que também irá estar no dia da apresentação dos resultados. Pergunta se a avaliação é qualitativa ou quantitativa. Avançando logo de seguida com “As exigências formais desta disciplina obrigam a não esquecer os objectivos. Não podemos só estar numa comunidade prática e reflectir sobre ela”.	Todos arrumam excepto a A5, A7 e A8. A6 desligou o PC mas ainda não o arrumou.	
13h51			“Este grupo não é prescritivo.” - afirma P1.		
13h52				Saem todos à excepção de A5, A7 e A8.	

13h53					Falo com A7 acerca dos locais onde já viveu.
-------	--	--	--	--	--

ANEXO VIII: Grelha de análise de conteúdo de observação (exemplo)

Grelha de análise de conteúdo de observação por categorias realizada ao Grupo do 1º ano do Doutoramento e Mestrado em TIC e Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Interacções	Relações interpessoais	<p>Interesse por trabalhar o mesmo tema</p> <p>Local onde se sentam dentro da sala (ao lado de quem)</p> <p>Partilha</p> <p>Entreajuda</p> <p>Objectivo comum</p>	<p>A6 e A5 continuam a olhar para os respectivos PCs e a falarem entre elas. (09h38, 10-05)</p> <p>Enquanto A8 fala, A5 e A6 falam e continuam a olhar para os seus PCs. (09h55, 10-05)</p> <p>A5 fala com A4. (09h59, 10-05)</p> <p>A4 e A5 continuam a conversa (a A4 menos). Levantam a cabeça de quando em vez. (10h04, 10-05)</p> <p>P1 e P2 discutem as duas e ninguém as ouve. A8 responde à A5 e A6. (10h14, 10-05)</p> <p>P2 começa a falar com A5 enquanto P1 fala com A8. (10h28, 10-05)</p> <p>A6 fala com A4. (10h29, 10-05)</p> <p>P1 fala com A7, este nunca tira os olhos do PC e combina fazer coisas. (11h33, 10-05)</p> <p>A7 levanta-se e começa a montar o <i>Boomerang</i> com a ajuda de A8. (11h36, 10-05)</p> <p>A6 mexe no PC da A5, põe-lhe um símbolo de uma mão e diz “já está” com um ar triunfante. (12h12, 10-05)</p> <p>A6 e A5 continuam a falar, mexer no PC e a riem-se. (12h13, 10-05)</p> <p>A6 mostra a A5 como se faz um <i>blog</i>. A5 regista-se. (12h25, 10-05)</p>

			<p>A5 fala com A1. (13h32, 10-05)</p> <p>Período de tempo em que tudo fica calmo, uns a arrumar, outros a falar baixinho; A8 e A7 olham para o PC do 1º. (13h42, 10-05)</p> <p>Todos arrumam excepto a A5, A7 e A8. A6 desligou o PC mas ainda não o arrumou. (13h50, 10-05)</p>
	Motivações pessoais	<p>Afectos, sentimentos, emoções</p> <p>Procura dos mesmos interesses, experiências e objectivos</p> <p>Preconceitos</p> <p>Ferramentas</p>	<p>A3 mexe no MSN e <i>Ning</i>. A7 mexe no seu PC. (10h14, 10-05)</p> <p>A5 e A6 vêem site de compras online. (10h32, 10-05)</p> <p>A3 navega na plataforma. (11h33, 10-05)</p> <p>A3, A5 e A6 começam a fazer o download (dos softwares para o <i>Boomerang</i>). (11h50, 10-05)</p> <p>A7 tenta fazer um <i>blog</i> na altura. Fá-lo mas ninguém liga. (12h30, 10-05)</p> <p>A7 olha e mexe no PC. A1 escreve. (13h25, 10-05)</p>

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Conteúdos	Plataforma	<p>Apresentação</p> <p>Potencialidades</p> <p>Constrangimentos</p> <p>Problemas</p> <p>Dificuldades</p>	<p>Críticas à plataforma. Ninguém, nem mesmo a P2, consegue ver os documentos depois de os publicar. (09h02, 10-05)</p> <p>As Professoras estão de volta do PC da A6 a ver os constrangimentos da plataforma. (09h07, 10-05)</p> <p>Continuam a tentar ver onde estão os documentos. (09h08, 10-05)</p> <p>A8 inicia a apresentação da plataforma. (09h14, 10-05)</p> <p>A6 diz que desapareceram actas e o site oficial. A8 fica muito admirado.</p>

		<p>Críticas</p> <p>(09h27, 10-05)</p> <p>A8 explica os fóruns gerais. (09h38, 10-05)</p> <p>A8 começa a explicar o perfil individual. (09h32, 10-05)</p> <p>A8 fala da possibilidade de ter <i>blog</i>, as formas de anexar ficheiros e enviar <i>Tags</i>: se a palavra for composta tem de se colocar entre aspas, Ex: recurso, “comunidade prática” (pode-se agendar a sua publicação). P1 diz que são muitas coisas para se seguir. P2 diz que é mesmo muita coisa. E são muitos os procedimentos para se chegar ao essencial. (09h47, 10-05)</p> <p>A8 fala da inserção de vídeo tal como no <i>Youtube</i>. (09h55, 10-05)</p> <p>A8 explica e mostra como ir buscar o código HTML de um vídeo do <i>Youtube</i> e colocá-lo na plataforma. (09h57, 10-05)</p> <p>A8 fala entusiasmado sobre a possibilidade de se colocar o local e aparecer o <i>Google Maps</i> com a localidade e o País. (09h59, 10-05)</p> <p>A8 explica e mostra como introduzir música no perfil pessoal ou até um <i>PodCast</i>. (10h01, 10-05)</p> <p>A8 diz “Devemos introduzir as <i>infos</i> da música e o <i>copywrite</i>”. (10h03, 10-05)</p> <p>A1 diz que nem todos têm acesso ao nosso vídeo. A8 confirma que nós é que damos acesso a quem queremos. (10h19, 10-05)</p> <p>A8 mostra como se faz (anexar foto, <i>sharing</i>). (10h20, 10-05)</p> <p>A5 e A6 questionam A8 como colocar outro documento à acta do dia 23. Este responde que não dá, mas para anexar a seguir. (12h42, 10-05)</p> <p>A5 diz que o <i>Ning</i> não é ferramenta, é a plataforma e A8 diz que é (uma ferramenta). (13h05, 10-05)</p> <p>A8 lembra que esta plataforma não dá para construir o produto final. Terão que utilizar o <i>Google Docs</i>. Poderão também usar o <i>Skype</i> se quiserem usar voz.</p>
--	--	---

			(13h06, 10-05)
--	--	--	----------------

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Conteúdos	Trabalho / Produtos	<p>Artigo para a conferência de Braga</p> <p>Teses</p>	<p>Trabalho de Projecto e Tecnologias é o objectivo do artigo, produto final desta disciplina. (09h25, 10-05)</p> <p>P2 diz que é muito útil testar objectos de aprendizagem que a A5 vai produzir. (10h40, 10-05)</p> <p>A P1 diz que o A7 e A5 teriam interesse em testar. (10h41, 10-05)</p> <p>P2 diz que o A7 faz umas coisas muito interessantes com os alunos e que não sabe porque não larga a investigação e faz de objecto de estudo os alunos. (10h40, 10-05)</p> <p>“Deve-se saber o que o grupo faz, o que vai fazer e qual o objectivo final. O artigo é o produto final” – diz P1. (12h45, 10-05)</p> <p>A8 lembra que o resumo tem de ser enviado até 31 de Maio (para a conferência em Braga). Vai ver e diz que há long (que é full) e short paper, este último de 5 páginas. A5 diz Short e todos riem. (12h46, 10-05)</p> <p>P1 tenta organizar o trabalho. “O título provisório é ... o título ajuda a ver o conteúdo.” A5 diz que não sabe quais são as ferramentas da Web 2.0 e a A6 começa a enumerá-las. (12h47, 10-05)</p> <p>A8 começa a ler o que é necessário fazer para inscrever o trabalho na conferência de Braga. (12h48, 10-05)</p> <p>A8 lê quais os tópicos dos temas dos artigos. (12h50, 10-05)</p> <p>P1 diz que o artigo vai ser sobre o trabalho deste grupo. (12h51, 10-05)</p> <p>A5 diz que na última aula tinham decidido fazer um trabalho “com os alunos”.</p>

			<p>P1 diz que os alunos são eles. “É sobre este grupo.” (12h52, 10-05)</p> <p>P1 avança com as definições de: Tarefa – construir um projecto usando uma ferramenta tecnológica, usando a tecnologia de Projecto e encontrarem oportunidades dos alunos auto-regularem a aprendizagem. O projecto tem juntar os 3, para isso se construíram os grupos de trabalho na plataforma que estão a estudar as metodologias e ferramentas possíveis de serem usadas; Produto final – artigo sob a forma como este grupo foi construindo o projecto. O artigo é sobre o processo e não sobre o produto; Nota – o artigo deveria ser escrito apenas no final (fim de Junho) mas, por causa da participação na conferência, vai ser um Projecto em curso. (12h55, 10-05)</p> <p>P1 lança “título...” mas como ninguém disse nada, ela avançou “vamos às palavras-chave primeiro”. Trabalho colaborativo, disse A1, Trabalho de Projecto, disse A3, Comunidade prática (<i>Ning</i>) disse A8. (13h00, 10-05)</p> <p>A P1 disse que agora o título pode ser longo e depois reduzi-lo, pois vai ajudar nos objectivos. (13h03, 10-05)</p> <p>A5 diz um título. A P1 diz que o título deve conter o nome da ferramenta. (13h04, 10-05)</p> <p>P1 diz que tem de estar tudo direitinho na plataforma para saber onde ir, o que fazer e quando. (13h07, 10-05)</p> <p>A1 remete de volta ao título (do artigo). (13h08, 10-05)</p> <p>P1 diz que o produto final deverá ser final pois faz parte do objectivo desta disciplina. Não podem ficar por se constituírem enquanto grupo. (13h16, 10-05)</p> <p>A5 levanta questões acerca do que é um produto final e sobre os objectivos. (13h17, 10-05)</p>
--	--	--	---

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Conteúdos	Estratégias adoptadas Metodologia	Actas das aulas Método de trabalho de projecto Mapa de tarefas (Conceptual framework)	<p>P2, P1, A5 e A1 falam acerca da calendarização da disciplina. (08h55, 10-05)</p> <p>P1 lembra que alguém tem de fazer a acta de hoje. P2 diz que têm de colocar a minha presença enquanto observadora externa. (09h37, 10-05)</p> <p>P1 disse que devemos agendar o resto da aula. “Quem faz a acta?” A A5.</p> <p>“Devemos fazer ponto da situação sobre o trabalho final, o produto da disciplina. Hoje já tivemos esta 1ª parte da aula com a apresentação do <i>Ning</i>.” (10h47, 10-05)</p> <p>P1 diz que têm de passar à outra parte da aula. (12h19, 10-05)</p> <p>P1 diz que devem fazer ponto de situação. As actas são documentos estruturantes do grupo. Vão mudar o nome do grupo das Actas. (12h40, 10-05)</p> <p>Todos com o PC a trabalharem na plataforma e nos documentos que têm de publicar. (12h43, 10-05)</p> <p>P1 diz que vai propor uma metodologia mas que acabem primeiro com as tarefas que estão a fazer. (12h44, 10-05)</p> <p>A8 diz que devem construir um modelo de trabalho colaborativo usando o Trabalho de Projecto e produzir um trabalho com ferramentas Web 2.0. (12h54, 10-05)</p> <p>P1 disse que tinha outra expectativa, que a primeira etapa de recolha de material estaria pronta e que agora passariam à segunda parte, que era a construção de objectivos. (13h20, 10-05)</p> <p>P1 continua afirmando que tem de ficar claro qual é o objectivo deste grupo. Faz pergunta apenas à A6. A4 e A5 são quem responde a P1. A3 e A8 estão atentos mas não falam. (13h25, 10-05)</p>

			<p>A8 diz que devem criar uma comunidade para estudar a sua prática. P1 diz que não no seio desta disciplina. A5 diz que têm de ter produto e tecnologia. P1 afirma que não pode ficar de fora a conceptualização. (13h28, 10-05)</p> <p>P1 volta a fazer resumo da finalidade e dos próximos passos a concretizar. “Agora vamos trabalhar sobre os produtos (documentos). Vamos construir conhecimento.” (13h47, 10-05)</p>
--	--	--	--

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Conteúdos	Ferramentas Recursos Técnicas	Recurso à plataforma Ning e suas ferramentas Distribuição / divisão de tarefas Trabalho colaborativo Google Docs	<p>A8 explica que cada um deve inscrever-se nos grupos de trabalho e fazer seguir a discussão. (09h32, 10-05)</p> <p><i>VoiceThread</i> – A8 diz que esta é uma ferramenta colaborativa muito importante pois comporta vídeo, som, imagem. Diz que agora vai confundir muita gente. (10h06, 10-05)</p> <p>A7 pergunta como se descarrega. A8 diz que é tudo online. A1 diz que basta registar. A A5 questiona “e é <i>free</i>?”. (10h08, 10-05)</p> <p>A8 mostra um exemplo feito por ele para os seus alunos. (10h10, 10-05)</p> <p>P2 pergunta, em termos práticos, como se compõem os materiais. (10h11, 10-05)</p> <p>A5 diz que já se registou no <i>VoiceThread</i>. (10h16, 10-05)</p> <p>O <i>VoiceThread</i> só permite fazer 3 vídeos mas existe uma opção para professores e eles dão acesso a fazermos mais, afirma A8. (10h17, 10-05)</p> <p>A8 inicia a sua apresentação de um agregador de favoritos e de vários emails, o <i>Netvibes</i>. (10h30, 10-05)</p> <p>A8 fala dos RSS para colocar no <i>Netvibes</i>. (10h33, 10-05)</p>

			<p>A8 vai ao PC da A3 e explica como fazer RSS – <i>Feed</i>. (10h35, 10-05)</p> <p>A7 mostra que tem <i>Boomerang</i> em alternativa ao quadro interactivo. P2 diz que assim não dá para escrever e guardar. A7 diz que sim, faz vídeos e tudo. (10h50, 10-05)</p> <p>A6 fala com A5 sobre ferramentas que são boas para as aulas. (11h33, 10-05)</p> <p>A7 mostra como se trabalha com o menu. A7 e A8 entram em <i>meeting</i> e interagem ao mesmo tempo num ficheiro. (11h41, 10-05)</p> <p>A7 e A8 referem o <i>Luiver</i> ou <i>eBeam</i> (softwares para o <i>Boomerang</i>), os quais permitem gravar a aula com som e a passagem dos menus, ecrãs, etc. (11h50, 10-05)</p> <p>A7 mostra exemplo de uma aula que gravou. (11h56, 10-05)</p> <p>P2 diz que a ver é fácil mas se estiver sozinha vai ter dificuldades. (12h11, 10-05)</p> <p>A3 já conseguiu instalar o software (estava muito lento o download) e experimenta. “Que giro!” - diz A3. (12h13, 10-05)</p> <p>A7 mostra filmagem do que ele e A8 estiveram a fazer enquanto apresentavam. (12h15, 10-05)</p> <p>A7 dirige-se à A3 e explica como se partilha uma sessão. (12h17, 10-05)</p> <p>A7 mostra como estas sessões são práticas, mesmo para a auto-avaliação, que eles fazem no final. (12h19, 10-05)</p> <p>A5 pergunta se há um PC para cada um dos seus alunos. A7 diz que sim. A5 explica que não tem um PC para cada e assim não dá. (12h20, 10-05)</p> <p>A7 começa a falar que tem registo de todos os períodos. (12h22, 10-05)</p> <p>P2 diz que isto dá muito trabalho e é necessário criar um <i>blog</i>, que é muito</p>
--	--	--	--

			<p>exigente para dar feedback. (12h23, 10-05)</p> <p>A7 mostra como fazer inquéritos online e como as respostas são organizadas numa folha de Excel. (12h28, 10-05)</p> <p>A5 diz que não é exequível pois demora a preparar e não dá para fazer na hora. A7 diz que dá e que vai mostrar. (12h29, 10-05)</p> <p>A8 diz que é muito mais motivante para os alunos (as ferramentas online). (12h32, 10-05)</p> <p>A8 fala do DIIGO, ferramenta que dá a possibilidade de, no texto online, fazer comentários e adicioná-los automaticamente ao GIIGO, o colega dele vê o comentário e responde-lhe. (12h38, 10-05)</p> <p>A8 lembra que têm de arranjar um modelo de trabalho colaborativo, que é por isso que ainda não começaram e estão um pouco perdidos. (13h09, 10-05)</p> <p>A5 diz que não estão a colaborar, que estão a ir a um sítio e pôr coisas. Está uma manta de retalhos. Que não sabe o que é a Web 2.0. Põe em causa qual a vantagem de usarem a plataforma já que é um armazém de coisas. (13h12, 10-05)</p> <p>P1 diz que serve para terem os documentos organizados e disponíveis a todos. Diz que não devem avançar para o conceito de cooperação sem o discutirem. Entreajuda é diferente de Acção mútua, este último é quando o grupo produz com a mesma finalidade e os mesmos interesses. (13h15, 10-05)</p> <p>A6 fala acerca das linhas orientadoras. P1 responde que poderá passar pela construção dessas linhas orientadoras. Que o que estão a fazer é construir em conjunto e construir assim pressupõe que cada um deles tenha uma concepção e visão diferente que, até haver harmonização, tem de ser discutida. (13h30, 10-05)</p> <p>A8 refere que devem partir duma plataforma (ferramenta tecnológica) para trabalhar colaborativamente. Quem lidera a comunidade, quem mantém viva a comunidade? P1 responde que se estão a distanciar dos objectivos desta disciplina. (13h32, 10-05)</p>
--	--	--	--

			<p>A5 lê o que se escreveu anteriormente acerca dos objectivos deste grupo. Discussão sobre como chegar a uma conclusão. P1 sempre a direccionar. (13h34, 10-05)</p> <p>Chegam a uma conclusão. A8 diz que o trabalho tem de ser útil aos outros. (13h40, 10-05)</p> <p>P1 anui mas adianta que antes tem de ser útil para eles e que isso é que não estava a ser fácil pois estão em níveis de desenvolvimento muito diferentes. Têm de encontrar sinergias e um ponto de encontro que lhes seja útil. (13h42, 10-05)</p>
--	--	--	--

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Conteúdos	Outros assuntos	<p>Brincadeira</p> <p>Humor</p> <p>Curiosidades</p> <p>Experiências de vida</p> <p>Observadora</p> <p>Conferência</p>	<p>Breve momento de riso. A7 pergunta porque a A5 está destacada. Esta ri-se e diz que, se calhar, foi porque respondeu a uma mensagem. (09h47, 10-05)</p> <p>P1 fala da obrigatoriedade de se ter autorização para publicar fotos dos alunos. (10h15, 10-05)</p> <p>Afirma que A7 deve largar as ambições políticas e ri-se. (10h40, 10-05)</p> <p>P2 fala com A1 e A3 sobre África (a propósito de uma foto no ambiente de trabalho do PC da A3). (11h36, 10-05)</p> <p>P2 e A3 perdem-se a falar da graduação dos óculos a propósito da apresentação do A7 do menu do software do quadro interactivo (onde havia uns óculos). (11h40, 10-05)</p> <p>A7 mostra uma aula de crioulo. P2 pergunta se ele fala. A7 exemplifica. Viveu na Guiné 2 ou 3 anos e na China, onde foi o 1º Reitor português. A7 exemplificou o chinês. (12h07, 10-05)</p> <p>A6 vira-se para trás, vê-me a escrever e comenta: “Hoje é que a Teresa</p>

			<p>escreve, escreve.” Levantei a cabeça e sorri sem nada dizer. (12h16, 10-05)</p> <p>Pausa em que todos estão a falar, cada um para seu lado. (12h32, 10-05)</p> <p>P1 pergunta que horas são e que tem de sair cedo pois tem uma conferência. (Nota-se uma certa impaciência para continuar o que ela chama de “auto-regulação”). (12h45, 10-05)</p> <p>P1 tem de enviar SMS e ir embora pois tem de ir à conferência e mostrar o Oceano a uma romena que vai cá estar 2 semanas pelo programa Leonardo da Vinci. (13h42, 10-05)</p> <p>Falo com A7 acerca dos locais onde já viveu. (13h53, 10-05)</p>
--	--	--	---

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Conteúdos	Pedagogia	<p>Trabalho colaborativo</p> <p>e-Learning</p> <p>Objectivos da aprendizagem, sequências de aprendizagem</p> <p>Temas de teses de Mestrado</p> <p>Quadros interactivos</p> <p>Skinmer</p> <p>Terminologia</p> <p>Experiência no Moodle</p>	<p>P1 pergunta (a propósito do <i>VoiceThread</i>) se os alunos fazem comentários sobre uma imagem e os outros respondem a esse comentário e não vêem todos. E se é assim, então não é trabalho colaborativo pois, para ir construindo, é preciso ter a visão dos outros. (10h12, 10-05)</p> <p>P2 refere que a tecnologia está mais acessível do que no início (MS-DOS), no entanto é necessário muito tempo em frente ao PC. Que é impossível o e-learning a trabalhar sozinho, tem mesmo de haver trabalho colaborativo. (10h23, 10-05)</p> <p>P2 fala dos objectivos da aprendizagem, sequências de aprendizagem, da tese da A2 e da A6. (10h25, 10-05)</p> <p>P2 refere a tese da Paula do Mestrado em Tecnologias Educativas (estudo das imagens dos testes, fichas de exercícios, etc. dados pelos professores aos alunos). (10h26, 10-05)</p> <p>P1 dá exemplo de outro com as imagens dos livros escolares. (10h27, 10-05)</p>

		Comunidade prática	<p>P1 diz que “aprendemos muito”. P2 disse “depois deste banho de tecnologia...” e começou a falar sobre quadros interactivos e a dizer ao A8 que já sabe trabalhar. Contou como o Bernardino do Mestrado em Tecnologias Educativas esteve a dar uma aula e começou a dissertar acerca das vantagens do quadro e como este apareceu na faculdade. (10h45, 10-05)</p> <p>P2 fala com A4 sobre um nome de um autor de um livro. (11h33, 10-05)</p> <p>“<i>Science of Learning and Art of Teaching</i>”, de Skinner. P2 diz que estas possibilidades tecnológicas realizam o sonho do Sr. onde as aulas podem ser segundo o ritmo do aluno e ser ele construtor do seu conhecimento. (12h10, 10-05)</p> <p>P1 replica a utilização da palavra “modelo” pois para ela é uma coisa, para os informáticos é outra. (13h10, 10-05)</p> <p>A5 conta a experiência dela no <i>Moodle</i> e como constatou que, o que ela faz, que pensava estar atrasada, afinal não é prática generalizada por todo o país. (13h27, 10-05)</p> <p>P1 diz que irá estar no dia da apresentação dos resultados. Pergunta se a avaliação é qualitativa ou quantitativa. Avançando logo com “As exigências formais desta disciplina obrigam a não esquecer os objectivos. Não podemos só estar numa comunidade prática e reflectir sobre ela”. (13h50, 10-05)</p> <p>“Este grupo não é prescritivo.” - afirma P1. (13h51, 10-05)</p>
--	--	--------------------	--

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Comunicação não verbal	Posturas Olhares Linguagem	Impaciência Respeito pelos tempos Indiferença	<p>A8 monta o seu PC ao vídeo-projector. (09h10, 10-05)</p> <p>A5 troca olhares com A8 que espera para continuar a apresentação. A8 repara que eu estou a olhar. (10h28, 10-05)</p>

	<p>corporal</p> <p>Acções</p>	<p>Exploração de software</p> <p>Irritabilidade</p> <p>Concentração</p> <p>Tédio</p>	<p>P1 comenta algo com A7 (que desvia o olhar para o seu PC). (10h29, 10-05)</p> <p>A5 continua a falar. P2 faz “shiu”. (12h22, 10-05)</p> <p>A3 continua concentrada em explorar o <i>eBeam</i>. (12h25, 10-05)</p> <p>A5 não consegue registar-se e a A4 intervém. O tom de voz baixo da A4 é alto e incomoda A1 que olha para ela. (12h27, 10-05)</p> <p>(A sala fica silenciosa e toda a gente fala muito baixo, será pela saída da P2?) (12h44, 10-05)</p> <p>A7 encostado na cadeira de braços cruzados, coça a cabeça colocando de seguida a mão na boca. (13h32, 10-05)</p>
--	-------------------------------	--	---